



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

ADRIANA REMOR

**PROPOSTA DE INSERÇÃO DA
HISTÓRIA LOCAL NO COLÉGIO
ESTADUAL EUCLIDES DA CUNHA,
MATELÂNDIA, PARANÁ: UM
OLHAR PARA OS SEXTOS ANOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR

2024



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE CAMPO MOURÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA
NÍVEL DE MESTRADO PROFISSIONAL – PROFHISTÓRIA**

ADRIANA REMOR

**PROPOSTA DE INSERÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL NO COLÉGIO
ESTADUAL EUCLIDES DA CUNHA, MATELÂNDIA, PARANÁ:
UM OLHAR PARA OS SEXTOS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**CAMPO MOURÃO – PR
2024**

ADRIANA REMOR

**PROPOSTA DE INSERÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL NO COLÉGIO
ESTADUAL EUCLIDES DA CUNHA, MATELÂNDIA, PARANÁ:
UM OLHAR PARA OS SEXTOS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Ensino de História

Linha de Pesquisa: Saberes históricos no espaço escolar

Orientador: Dr. Jorge Pagliarini Junior

**CAMPO MOURÃO – PR
2024**

Remor, Adriana

Proposta de inserção da história local no Colégio Estadual Euclides da Cunha, Matelândia, Paraná: um olhar para os sextos anos do ensino fundamental / Adriana Remor. -- Campo Mourão-PR, 2024.

119 f.: il.

Orientador: Jorge Pagliarini Junior.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História) -- Universidade Estadual do Paraná, 2024.

1. História. 2. História Local. 3. Ensino de História. I - Pagliarini Junior, Jorge (orient). II - Título.

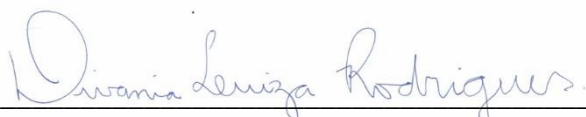
ADRIANA REMOR

**PROPOSTA DE INSERÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL NO COLÉGIO
ESTADUAL EUCLIDES DA CUNHA, MATELÂNDIA, PARANÁ:
UM OLHAR PARA OS SEXTOS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

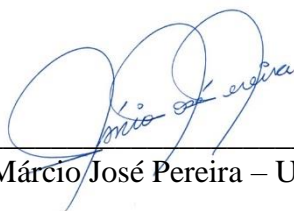
BANCA EXAMINADORA



Dr. Jorge Pagliarini Junior (orientador) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória/Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Dra. Divania Luiza Rodrigues – Universidade Estadual do Paraná – Unespar



Dr. Márcio José Pereira – Universidade Estadual do Paraná – Unespar

Data de Aprovação

30/04/2024

Campo Mourão – PR

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho para a comunidade do Colégio Estadual Euclides da Cunha, a meus colegas e ex-colegas, diretores e ex-diretores, alunos e ex-alunos, pais e outros responsáveis, pessoas com quem convivi e convivo.

No momento em que se aproxima a aposentadoria, sinto muita gratidão por ter estado e vivido nesse local, como minha segunda casa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Dr. Jorge Pagliarini Junior, que além de ter acreditado na proposta do trabalho, empenhou-se na busca e na definição dos caminhos para sua realização. Obrigada pela orientação prestada, pelo incentivo, disponibilidade e apoio que sempre demonstrou para que este material adquirisse forma.

Ao meu esposo Joel, pelos cuidados com a casa e com nossa filha Luíza nos últimos dois anos para que eu pudesse cursar as disciplinas e escrever.

À minha irmã Regina e à sobrinha Júlia, que dedicaram horas de seus dias para me ajudar na elaboração do material, e por sempre me ajudar a manter o foco.

A todos os professores das seis disciplinas do Mestrado ProfHistória da UNESPAR de Campo Mourão, pelo amor que demonstraram por seu ofício. Agradeço por fazerem das aulas momentos de troca de experiência e manifestarem sempre respeito e empatia por nossas limitações, conquistando nosso carinho.

Aos funcionários da secretaria do mestrado: Pedro e Adriana, sempre solícitos e amáveis.

Agradeço a CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo financiamento por meio da bolsa de estudos.

Agradeço aos colegas da turma do mestrado de 2022 pelo apoio, pelas dicas e palavras de ânimo sempre.

Aos meus pais Arnaldo (*in memoriam*) e Leonina, por incentivarem meus estudos desde a infância.

E a Deus, a quem eu recorro sempre pedindo força, luz e sabedoria, chegou a hora de agradecer por ter me conduzido até aqui.

*“Ensinar não é transferir conhecimento, mas
criar as possibilidades para a sua própria
produção ou a sua construção.” (Paulo Freire)*

RESUMO

REMOR, Adriana. **Proposta de Inserção da História Local no Colégio Estadual Euclides da Cunha, Matelândia, Paraná: um olhar para os sextos anos do Ensino Fundamental.** 110 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – Mestrado Profissional. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2024.

A presente pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória - linha de pesquisa “Saberes Históricos nos Espaços Escolares” tem o objetivo de analisar memórias sobre espaços de vivência no município de Matelândia e estudá-los a partir da realidade do sistema educacional estadual, propondo dentro desta descrição uma forma de relacionar os conteúdos de história relativos ao sexto ano com uma proposta de inserção da história local como metodologia do Ensino de História no Colégio Estadual Euclides da Cunha, no município de Matelândia, Paraná. Busca-se com isso a atenção ao contexto da vivência dos estudantes a fim de tornar palpáveis e significativos os conceitos de presente, passado, simultaneidade e permanência a partir da história local e familiar dos estudantes. Especificamente, a metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa divide-se por um lado em estudo de dissertações do ProfHistória voltadas para o estudo da História Local nos anos finais do Ensino Fundamental; estudo de documentos norteadores do ensino Local; bem como da revisão de bibliografia sobre História Local na relação ensino e aprendizagem; e por outro, na produção e análise de atividades. As atividades, por sua vez, dividem-se entre as atividades em forma de tarefa de pesquisa para casa e atividades desenvolvidas em sala de aula, e todas elas oportunizam uma caracterização da comunidade escolar pela ótica dos próprios moradores, sendo a sua sistematização e análise apresentada em forma de material didático voltado para o ensino de história local. Entre os resultados da pesquisa destaca-se o fato de os alunos poderem expressar e sistematizar elementos da história do seu bairro e do colégio, atividade significativa para a fase do ensino que passam a experimentar no sexto ano.

Palavras-chave: Transição anos iniciais, Anos finais, História Local, Metodologia do ensino.

ABSTRACT

REMOR, Adriana. **Proposal for the Insertion of Local History in the Euclides da Cunha State School, Matelândia, Paraná: a look at the sixth years of Elementary School.** 110 f. Dissertation. Postgraduate Program in History Teaching – Professional Master's Degree. State University of Paraná, Campo Mourão Campus. Campo Mourão, 2024.

The present research, linked to the Stricto Sensu Postgraduate Program Professional Master's Degree in History Teaching - ProfHistória - research line "Historical Knowledge in School Spaces," aims to analyze the living spaces in the municipality of Matelândia and study them based on the reality of the educational system under study, proposing within this description a way to relate history content related to the sixth grade and thus present a proposal for the insertion of local history as a teaching methodology at Euclides da Cunha State School in the municipality of Matelândia, Paraná. The focus is on the students' living context in order to make the concepts of present, past, simultaneity, and permanence tangible and meaningful. Specifically, the methodology used in the research development is divided into the study of ProfHistória dissertations focused on the study of Local History from the final years of Elementary Education, study of guiding documents for local teaching as well as a review of bibliography on Local History in the teaching and learning relationship, and the production and analysis of activities. The activities, in turn, are divided into research task activities for homework, didactic material containing information and proposing activities whose answers provide a characterization of the school community from the perspective of the residents themselves, a type of repository material for local history content; and the discussion of the results of these activities in the form of a conversation circle between teacher and students, a suitable moment for students to express what they have discovered and systematize in writing what they already know about the history of their neighborhood, thus forming a collective text on the teaching and learning of History in the municipality of Matelândia.

Keywords: Transition early years, Final years, Local History, Teaching methodology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Diretora Gema Oro Sulzbach, gestão 1994 em conversa com os estudantes	20
Figura 2 - Planejamento de História no município de Matelândia.....	24
Figura 3 - Sou Negro, alunos de Língua Portuguesa.....	28
Figura 4 - Composição do IDEB	30
Figura 5 - IDEB de Matelândia	30
Figura 6 - Planejamento de História 5º ano.....	38
Figura 7 - A Relação com a História local	41
Figura 8 - Livro didático 5º ano coleção Aprender Juntos	43
Figura 9 - Planejamento da SEED/PR para o sexto ano.....	44
Figura 10 - Introdução à História, conteúdo de sexto ano.....	45
Figura 11 - Visita ao Colégio Euclides da Cunha	47
Figura 12 - Pesquisa sobre as diferenças entre escola e colégio (participante 1).....	55
Figura 13 - Pesquisa sobre as diferenças entre escola e colégio (participante 2).....	58
Figura 14 - Diferença entre a escola que estudou e o Colégio	59
Figura 15 - Escola Municipal Claudino Zanon	60
Figura 16 - Escola Municipal Dom Pedro	61
Figura 17 - Escola Municipal Dom Bosco	61
Figura 18 - Escola Municipal Vovô Cassiano	62
Figura 19 - Quadro dos diretores.....	63
Figura 20 - Atividade: conversa com os familiares.....	64
Figura 21 - Familiares que frequentaram o Colégio Euclides da Cunha (participante 1)	65
Figura 22 - Familiares que frequentaram o Colégio Euclides da Cunha (participante 2)	65
Figura 23 - Relação com os colegas e professores	66
Figura 24 - Mudanças na forma de comunicação ao longo do tempo.....	69
Figura 25 - Apresentação do histórico do Colégio Euclides da Cunha.....	71
Figura 26 - Meu lugar.....	72
Figura 27 - Fotografia da casa	72
Figura 28 - Queixas das brigas	73
Figura 29 - Desenvolvimento das atividades	74
Figura 30 - Localização da APAE.....	75
Figura 31 - Localização da rua que leva o nome da primeira diretora: Lerides Lima	76
Figura 32 - Atividade final	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - IDEB por escola de Matelândia	35
Quadro 2 - Planejamento de História 5º ano.....	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1: O CEEC, O SIGNIFICADO DO COLÉGIO PARA O MUNICÍPIO: UM CAMINHO PARA A HISTÓRIA LOCAL.....	22
1.1 Um pouco da história da instalação do CEEC em Matelândia.....	23
1.2 A História como disciplina escolar e sua vinculação com os documentos norteadores....	25
1.3 As instituições de ensino e o Município de Matelândia	29
1.3.1. <i>Escola Municipal Dom Pedro II</i>	31
1.3.2. <i>Escola Municipal Claudino Zanon</i>	32
1.3.3. <i>Escola Municipal Dom Bosco</i>	33
1.3.4. <i>Escola Municipal Vovô Cassiano da Veiga Melo</i>	33
1.3.5. <i>Programa de Proteção e Promoção à Família (PROFAM)</i>	34
1.4 O Ensino de História local entre o quinto e o sexto ano	36
1.5 A bibliografia do ProfHistória	48
CAPÍTULO 2: ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	53
2.1 Mudanças e permanências: questionamentos aos alunos e entrevistas	54
2.2 A relação com a comunidade escolar: Entrevistas com os pais sobre o tempo de escola ..	62
2.3 Percepções sobre o tempo: Estudo com fotografias	68
2.4 Meu lugar: os estudantes desenham a paisagem do seu bairro.....	69
2.5 Roda de conversa.....	77
CAPÍTULO 3: UMA PROPOSTA DE CADERNO DE ATIVIDADES	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	84
APÊNDICE	86

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta resultados da análise, produção e apresentação de atividades vinculadas ao ensino de História Local para alunos que entram nos anos finais do Colégio Euclides da Cunha -PR.

Grandes pensadores já afirmaram que a Educação transforma o mundo e as pessoas. Eu me pergunto: o quanto do que é apresentado pela escola no decorrer dos anos pode ser internalizado pelo estudante? De que forma o convívio e as experiências que ele viveu interferem, não só no desempenho escolar, mas para a sua consciência histórica e formação integral como ser humano? E especificamente, como as aulas de História interferem neste complexo processo? Para responder a essas perguntas é necessário falar de um conceito presente nesta pergunta. O conceito de Escola segundo o professor Maximiliano Valerio López.

Segundo Maximiliano López, (2021, p. 190) “a escola moderna acabou sendo concebida como um caminho no qual a igualdade se alcançaria através de um processo gradual de aprendizagem, uma transição para um mundo dos iguais definido como um mundo dos adultos, do trabalho”. Nesse sentido, em *Habitar poeticamente a Educação*, o filósofo nos convida a encontrar significado e beleza no ato de aprender e compartilhar conhecimento, estar presente, a ocupar um espaço, a viver nele. É mais do que a transposição didática, é estar consciente e atento ao ambiente ao nosso redor.

Diferente de trabalhar com o conceito de aprendizagem como uma prática escolar que troca o ócio criativo por trabalho, despojando a escola de seu caráter gratuito (graça), e fazer com que o estudo sirva a um propósito, à uma promoção dentro do sistema escolar.

Quero, nesta introdução, combinar os argumentos de Maximiliano Lopez, citados no parágrafo acima com as reflexões de Ana Zavala para justificar o trabalho que desenvolvi desde que entrei no ProfHistória em março de 2022.

Como professores, dificilmente tem-se a criatividade e ânimo necessários para ir além da prática já planejada e que se considera segura ao ministrar as aulas de História e outras ciências humanas, ou seja, de planejar uma aula diferente daquela que está na nossa zona de conforto. Se não nos sobra tempo ou ânimo para reflexão, Ana Zavala, (2015), exprime como acontece nosso posicionamento frente às aulas diante da nossa formação, dos livros que se lê e das experiências de trabalho que se obteve no percurso. Ana Zavala ameniza nosso sentimento de culpa por nosso comodismo afirmando que a prática do ensino de história:

Não coincide necessariamente com tudo o que leu ou ouviu, alguma parte com certeza esqueceu, e não coincide com o volume de informações ou a hierarquia de eventos mencionados na aula ou com os materiais utilizados para esse fim. As dimensões causal e conceitual são aquelas que, seguramente dentro de outra configuração discursiva, deveriam mostrar o grau de fidelidade à obra dos historiadores de referência (ZAVALA, 2015, p. 175)

Ou seja, Ana Zavala, (2015), afirma que a história no ensino prático representa a interpretação do professor, resultante de sua leitura de livros de História e interações com outros profissionais. Essa interpretação não replica completamente suas fontes, podendo incluir esquecimentos e ajustes na quantidade de informações e hierarquia de eventos apresentados em sala de aula.

Explicando melhor: Mesmo atuando dentro de uma zona de conforto, não querendo ousar na metodologia, não enxergando poeticamente a educação como propõe Lopez e desenvolvendo as atividades já testadas em outros anos, com outras turmas, sempre haverá algo inédito nos métodos, na maneira de explicar ou um novo entendimento a partir da combinação de leituras feitas com outras que podem estar no livro didático que o professor utiliza e ainda mais: a partir das contribuições dos alunos cada aula é única segundo os desafios e estímulos que o professor enfrenta ou recebe.

Em que o trabalho que a pesquisa que proponho difere do trabalho criticado por Lopez? A diferença fundamental, está na inserção da História Local e na proposta de interação com os estudantes e seus familiares para gerar uma história que tenha as características e a colaboração deles.

Como afirma Caimi, 2010, p. 80 “[...] em época de globalização, de diluição de fronteiras, de dissolução dos valores identitários, o estudo da história local e regional ganha novas dimensões nas aulas de história, podendo constituir-se em sólido referencial para a revalorização das memórias”. Assim, amparada nesses pressupostos é que justifico o conjunto de atividades que proponho, que não é o estabelecido formalmente (mas insere a metodologia de História Local), a fim de investigar as particularidades que dizem respeito ao município de Matelândia e a sua gente.

Um caminho metodológico significativo para tal empreitada pode ser o trabalho com a História Local. Segundo Reznik¹, (2008, p. 51): A História Local não deve ser projetada como um valor superior para a admiração e valorização da pequena pátria – no estilo “eu me ufano da minha terra” –, mas como a “costura” de um retalho dos processos de identificação do

¹ Encontro de História do Vale do Paraíba. História local: pesquisa, ensino e narrativa. 2008.

sujeito. Outro cuidado que tomo aqui: não é a História Local um microcosmo de recortes maiores, uma vez que isto anularia justamente as particularidades do local.

Propor atividades com alunos sobre a História Local, significa, portanto, corroborar a proposta de que a metodologia pode oferecer uma janela criativa para as aulas, incentivar o sentimento de pertença, pode-se descobrir particularidades que aproximam histórias.

Meus primeiros contatos com o Ensino de História Local se deram quando eu era professora de Ensino Fundamental fase I. Existia com sede no Município de Cascavel, a Associação Educacional do Oeste do Paraná (ASSOESTE), entidade criada para dar continuidade às ações desenvolvidas pelo Projeto Especial de Educação Brasil, Paraguai e Uruguai – Cooperação Multinacional MEC/OEA, executado na Região Oeste do Paraná entre os anos de 1975 e 1983. Ali havia uma professora chamada Baltadar Vendruscolo e o professor Eder Menezes que não imaginam a importância que teriam na minha formação profissional. Os dois professores se deslocavam de Cascavel para ministrarem curso de formação continuada para nós, professores da rede municipal de Matelândia. Assim, eles cumpriam a função política das disciplinas de humanas, ensinando-nos a importância de oportunizar que o estudante falasse sobre seu bairro, as dificuldades que passavam com estradas esburacadas e lamacentas, falta de posto de saúde, falta de saneamento básico; ou seja, abordavam o assunto por meio de perguntas. As respostas dos cursistas denunciavam a diferença de cuidados por parte do poder público nos bairros da cidade. O estudo de História feito dessa forma parecia fazer muito mais sentido².

Por mais que se afirme e que esteja escrito na constituição que todos os homens são iguais perante a lei, é nas periferias que a energia demora, em alguns casos, dias para ser restabelecida após uma queda devido a danos nos fios ou postes ou quando há falta d'água devido a secas prolongadas, são os bairros mais distantes que sofrem primeiramente com o desabastecimento. Por isso me preocupa, como professora e como pedagoga, que o estudante não se sinta confortável no ambiente escolar, eu me solidarizo com os pais que chegam preocupados com a adaptação de seus filhos a esse lugar desconhecido que é o colégio onde eu trabalho, penso poder fazer alguma coisa em relação a isso nas aulas de História.

Fazer com que gostem do colégio, com que se sintam acolhidos e percebam que tem mais do que o dever de estar ali, eles têm o direito de sentirem-se bem, que esse colégio que os

² Antes de iniciar esses escritos, eu que só me lembrava o apelido da professora Balta e o primeiro nome do professor Eder, consegui as informações de que precisava sobre a associação em que trabalhavam na Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) da mestranda Ana Paula Nofke, intitulado: Antecedentes históricos do currículo da AMOP (2017)

acolhe, tem uma história, ele, o colégio já foi o local de estudo de pessoas com a idade de seus avós, se não dos próprios. É importante que saibam que a maioria dos funcionários que trabalham no Colégio Estadual Euclides da Cunha foram estudantes do colégio e moram na cidade de Matelândia. Assim podem se sentir mais confortáveis e confiantes em estar e participar deste ambiente, sabendo que muitos dos funcionários têm uma conexão pessoal com a escola e a cidade. É o que está a nosso alcance fazer por estudantes que chegam no colégio nos primeiros dias.

Que privilégio é poder ler, refletir e escrever sobre a prática de lecionar e sobre as relações sociais que se constroem no lugar onde eu habito e trabalho na companhia dos meus pares. Que privilégio é planejar um tempo para olhar, ouvir e conhecer o estudante!

Hoje, quando chega à minha presença um estudante de sexto ano com o caderno que tem páginas escritas de todas as disciplinas, e em sua página de rosto escrito: “História” eu sinto uma grande afeição e empatia por ele ou ela. É um prazer muito grande recortar uma folha bem colorida, colar na margem da página de rosto e deixar aquele pedaço de papel sobressalente que identifica a matéria que leciono para que ele não misture mais os conteúdos de minha disciplina. Eu intuo que em alguma medida, essa organização poderá ajudá-lo.

Às vezes, pela proximidade do tema de estudo entre as duas disciplinas, ou simplesmente por uma falha na atenção, o estudante não percebe que precisa trocar de caderno, seja porque o professor leciona duas disciplinas que têm bastante afinidade como História e Ensino Religioso, por exemplo, ou por aquele momento de troca de material e professor ter passado despercebido enquanto ele apontava o lápis, ou se distraía com alguma cena que se passava entre colegas que lhe chamou mais atenção e mais tarde, então continuou com suas anotações de onde parou, na mesma página, após ter perdido o foco por um intervalo de tempo que causou a sua desorganização, mas quando é hora de apresentar o caderno para a avaliação, o professor vê uma confusão e se pergunta: como é que o aluno “consegue” fazer tanta mistura?

São essas realidades presentes nas aulas do sexto ano e demonstram a necessidade de um olhar atento para este momento de transição. Deveria ser um elemento facilitador a mudança de professor para associar a figura humana à disciplina que ela representa, mas, em alguns momentos e para alguns alunos, isso não é assim. Talvez seja preciso mesmo deixar marcada a importância do estudo da história local nas aulas de História desses alunos, para que entendam o papel do historiador não apenas como profissão, mas como formador de opinião, para que entendam que, mesmo sem decorar nomes e datas, fazem história, participam e ajudam a compor a ligação entre seu núcleo familiar com a escola e formam a cultura escolar, imprimindo características ao conjunto de costumes e ações de sua sala de aula.

Luís Reznik (200) define bem o campo ou a abordagem que pode amenizar a confusão formada pelo aluno que não consegue entender os limites entre disciplinas tão próximas, seguindo seus aconselhamentos, o professor pode estabelecer um princípio, um “por onde começar” o conteúdo de História que seja acessível ao estudante.

Para explicar melhor a relação entre o pensamento de Reznik e a pergunta que o professor possivelmente faça sobre como vai avaliar a compreensão do aluno através do que ele observa das anotações contidas em seu caderno, resumo que: através da História Local o estudante pode se sentir responsável por apresentar seu mundo ao professor e em troca, o professor poderá encontrar ou levantar hipóteses, uma ligação entre a história que o aluno lhe apresenta e acontecimentos ligados à história mais ampla, ou valorizar a narrativa como algo que deveria ter sido cogitado para escrita quando se pensa em ensinar História. Como por exemplo: se o aluno fala em mudança de região ao contar a sua história de vida, o professor pode perguntar: - Onde estavam os sujeitos que escolheram migrar, o que faziam até o momento em que não havia mais condições de permanecer naquele local e veio instalar-se no município onde está ocorrendo a aula? Há quanto tempo isso aconteceu? Essas perguntas relacionadas à história de vida podem ir desenhando as características do lugar onde mora, seus pólos de atração de pessoas e com isso faz o estudante compreender que a história é dinâmica e formada por pessoas, não meramente por dados estatísticos. É possível que com os seus conhecimentos, o professor consiga conectar alguns movimentos da História com a história familiar do aluno, sua presença e o processo de desenvolvimento dos conhecimentos na sala de aula. Então a história local possibilita cidadania.

Das leituras que tenho feito em função desta pesquisa, descubro nas teorias a proposição do ensino da História Local. Não é tão simples como pode parecer ensinar essa modalidade se o professor ousar querer aprofundar seu conhecimento teórico sobre o assunto.

Selva Guimarães (2004) aborda a importância do contexto na prática pedagógica, enfatizando que um professor não deve conduzir uma experiência de sala de aula de maneira isolada. Ela destaca a necessidade de um planejamento educacional que reflita a intencionalidade do professor, ou seja, a compreensão dos fundamentos do conhecimento que está sendo transmitido. Segundo a autora: “é preciso reconhecer o óbvio: o professor de história não opera no vazio. Os saberes históricos, os valores culturais e políticos são transmitidos na escola a sujeitos que trazem consigo um conjunto de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos nos outros espaços educativos. (GUIMARÃES, 2004, p. 37)”.

O texto afirma que o professor não deve conduzir uma experiência em sala de aula de forma descontextualizada, sem levar em conta o ambiente sociocultural da escola. O

planejamento das ações de ensino deve pressupor a intencionalidade epistemológica do docente, representando qual acepção de cidadania e de sujeito histórico objetiva estabelecer.³

Eu tenho me perguntado se é a História Local uma forma de abordagem, uma metodologia, afinal o que é a História Local? Essa nomenclatura, bem como as demais: História Econômica, Micro história, História Cultural, foi problematizada por José D'Assunção Barros, 2009:

Simplesmente retirar do campo disciplinar da História todas estas designações, com um ato de força simbólica, e almejar a renomeação da História a partir de uma recusa às inúmeras adjetivações que foram surgindo na história da historiografia – fazer isto, se tal fosse possível, poderia mais gerar novos problemas do que resolver os problemas já existentes (BARROS, 2009, p. 02).

O historiador português, José Mattoso (1988, p. 169), também expressa dúvida sobre como definir a história local, ele afirma: “Não sei bem se vou falar do problema de método ou de conceito, É claro que são coisas diferentes”. Embora método e conceito sejam coisas diferentes, ambos são elementos que constituem a forma como fazer história, são elementos resultantes de escolhas do professor. Daí a necessidade de construirmos reflexões e métodos específicos não só para a compreensão do que seria a história local, mas também de entender o intuito do ensino de História local. Mattoso continua seu raciocínio:

De toda a maneira, não invoco nenhum sistema interpretativo, nenhuma filosofia. Parto antes de uma atitude, a minha, perante as comunidades, aquela que imagino ser a mais correcta para a inserção do indivíduo nos círculos humanos a que pertence, ou em que quer inserir se, nos quais se apoia para subsistir, para se realizar, para cumprir os seus desejos ou se sentir feliz (MATTOSO, 1988, p. 169).

Este pesquisador argumenta sobre a importância do papel do historiador de oportunizar ao estudante o estudo da comunidade onde ele está inserido, justamente para que o estudante perceba os desafios e possibilidades de seu local, local onde o estudante vive e se relaciona e que é melhor conhecido pelo aluno do que pelo próprio professor e sem a pretensão de conhecer o todo e explicar para seu aluno o que ele vive, o papel do professor é elaborar questões para que as respostas surjam, para que saberes sejam desvendados e compartilhados sobre modos de ser e viver a comunidade.

³ Fonte: O professor e a construção da cidadania: reflexões sobre a prática pedagógica. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000200006. Acesso em: 04 dez. 2023.

Essa é a importância de entender a necessidade da organização da aula por parte do professor e que haja entendimento do aluno de que a aula está baseada em uma determinada concepção de tempo e de espaço físico e político, ou seja estudar o passado é pensar experiências vividas a partir do tempo presente

Posso concluir e concordar com Barros sobre a definição que o autor atribui à História Local: é uma designação do campo disciplinar da História escolar.

O modo como cheguei à escolha do tema de minha pesquisa tem relação com o contexto que envolveu a minha inserção nas turmas de sexto ano.

Campo Mourão fica distante aproximadamente 250 quilômetros de Matelândia. Quando me inscrevi para cursar o ProfHistoria, não tinha ideia de como faria o deslocamento e permaneceria longe de casa e do trabalho por dois dias semanais seguidos, mas cursar e concluir era meu sonho desde os 17 anos, quando um professor de Literatura no curso de magistério informou quais eram as fases da formação escolar.

Superada a fase da prova escrita, veio o resultado, a aprovação, a entrevista e a tentativa de ordem de serviço que não deu certo. Sinceramente, foi melhor, pude permanecer no município onde moro, e o fato de ser a última a escolher as turmas no colégio, devido a essa tentativa frustrada de ordem de serviço, levou-me a trabalhar com sextos anos. Eu que trabalhava em anos anteriores com jovens e adultos agora precisava me adaptar à sala de aula com alunos menores.

Na disciplina de Seminário de Pesquisa, elaboramos o projeto e escolhemos trabalhar com História Local. Após um ano e alguns meses passados, com um projeto definido e a fase de créditos concluída, tenho relido os textos propostos nas disciplinas e outros sobre História Local e sobre a transição do quinto para sexto ano do Ensino Fundamental, tenho arquivadas algumas atividades que realizei com os estudantes no ano de 2022 as quais faço uma análise no segundo capítulo. Quem são os estudantes do sexto ano do Ensino Fundamental?

As duas turmas com as quais trabalhei em 2022 eram estudantes em sua maioria que completaram 11 anos naquele ano, em igual proporção de meninos e meninas, afetuosos, alguns deles vinham até a porta me receber com os braços abertos, com sorrisos no rosto, eram comunicativos em sua maioria. Demorei muito tempo para decorar o nome de todos. Tinha 28 e 29 alunos nas duas turmas e eu completei o padrão de 20 aulas com outras turmas de Ensino

Fundamental⁴. Assim, após comunicar os fatos que geraram a inspiração que resultou nesta dissertação, informo como estão distribuídos os capítulos.

O primeiro capítulo procura contextualizar as escolas do município, além de elementos da história local tomada a partir de experiências de moradores com vínculo com o colégio. Assim, após expor sobre a história do município, apresento o histórico do colégio e detalho o trabalho que fiz no ano de 2022 quando eu era professora de 6º anos do Ensino Fundamental. Para tanto, recolhi atividades, fiz análises à luz das leituras propostas pelas disciplinas do ProfHistória e por minhas próprias experiências profissionais. Convidei alguns ex-diretores para conversarem com os estudantes de turmas do sexto ano, do período da manhã e da tarde.

Figura 1 - Diretora Gema Oro Sulzbach, gestão 1994 em conversa com os estudantes



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Consultei os estudantes que tinham avós e pais que estudaram no Colégio Euclides da Cunha e solicitei que respondessem a algumas questões. Dessa forma, os estudantes puderam perceber as continuidades e rupturas, entendendo que as relações se aperfeiçoam à medida que as reivindicações são feitas. Portanto, a entrada para a história local se deu pelo histórico do colégio, e dele com família de alunos.

⁴ Entendo que existem prós e contras no fato de professores mais novos lecionarem para sexto ano; enquanto com os mais novos as aulas são, normalmente, mais dinâmicas, com metodologias inovadoras, os professores mais velhos conseguem estabelecer uma ordem que vem da experiência com diversas situações em sala que a maioria dos “novatos” ainda não domina. Há uma organização que precisa ser revista na política de distribuição de aulas combinada com a forma de remuneração dos professores. Deveria haver uma gratificação para professores que trabalham com sextos anos. A maioria dos professores que têm experiência em sala de aula e poder de escolha, prefere lecionar para turmas mais adiantadas e professores mais novos iniciam suas carreiras com turmas de sextos anos do Ensino Fundamental.

Nesse capítulo um, apresento as escolas municipais na intenção de organizar o conhecimento prévio sobre o local de onde são oriundos os estudantes de sexto ano do colégio Euclides da Cunha e a relação das escolas com o colégio, adiantando aqui, que os alunos dos bairros mais distantes do colégio são atendidos no período da tarde, pois é o horário que os ônibus passam por esses locais para transportá-los.

Ainda no capítulo um expesso aquilo que é estudado em história no quinto e no sexto ano do Ensino Fundamental de acordo com o os planejamentos das escolas municipais e do colégio estadual. Encerrando o capítulo 1, analiso o contexto do ensino de História, a possibilidade da introdução, retomada e da continuação dos estudos de História local com base e inspiração nas leituras de dissertações do ProfHistória.

No capítulo 2, apresento as atividades que realizei com os estudantes, algumas fotos deles, e conclusões a que cheguei e que me ajudam a compreender melhor sobre minha forma de dar aula através das respostas que recebi. Assim, analiso as informações a respeito de como se sentem a respeito do colégio de forma geral e das aulas de História em particular; do lugar onde vivem e da relação com seus familiares. Transmito um pouco a respeito do que sinto enquanto professora ligada à rede pública de educação inserida num sistema escolar maior que minhas aulas e maior que a comunidade escolar na qual atuo. Um sistema que é ligado às diretrizes e a avaliações que acontecem em nível nacional e estadual e que interferem na dinâmica das aulas em cada escola, em cada colégio, enfim, em cada instituição de ensino brasileira.

Ainda sobre o capítulo 2, nessa introdução, cabe informar que as atividades comentadas no capítulo estão relatadas na íntegra no Caderno de Atividades que forma o capítulo 3. Todavia, no capítulo 3, ou seja, no Caderno de Atividades, foram também criadas atividades que não desenvolvi com a turma e não estão comentadas no capítulo 2 da dissertação, são atividades pertinentes à história local sugeridas ao professor de 6º ano do Ensino Fundamental que desejar desenvolvê-las.

Para o terceiro capítulo, apresento o material criado para estudar a História Local. Farei uma conclusão que informa os desafios nesse tempo dedicado à pesquisa e proposição de atividades. Será um texto que indica a possibilidade de adaptação das atividades que planejei ou que desenvolvi junto com os estudantes de sexto ano e de que forma elas contribuirão para tornar o ensino e aprendizagem de História mais atraentes e incentivadores da integração do grupo de estudantes que chegam novos ao colégio todos os anos.

CAPÍTULO 1: O CEEC, O SIGNIFICADO DO COLÉGIO PARA O MUNICÍPIO: UM CAMINHO PARA A HISTÓRIA LOCAL

Este primeiro capítulo trata da caracterização do Município de Matelândia e a relação da comunidade com o Colégio Estadual Euclides da Cunha (CEEC), da apresentação do currículo do quinto e do sexto ano naquilo referente ao conteúdo da história local e da sistematização de aporte historiográfico. Esse percurso inicia-se pela aproximação com a abordagem do ensino de História Local, passa pela problematização do significado do CEEC para a História Local e da relação dela com as escolas municipais. Segue com apresentação de referencial curricular de material didático, e conclui-se com uma apresentação de dissertações do ProfHistória que tratam do tema.

De maneira mais específica no item 1.1, o capítulo trata da História do Colégio Euclides da Cunha e a relação dos familiares com o CEEC.

Na sequência, o item 1.2 trata da História como componente ligado à Base Nacional Comum Curricular faz uma reconstituição do surgimento da História como disciplina escolar autônoma no âmbito da sua organização, ou seja como o que antes era chamado de disciplina ou matéria, se insere na Base Nacional Comum Curricular especialmente na transição do quinto para o sexto ano atualmente, e, destaca quais os conteúdos que são chamados também de descritores que aparecem na transição do quinto para o sexto ano no componente curricular de História. Ainda, como se estrutura o ensino de História em uma instituição de ensino.

Respondo apoiada nas explicações de Elza Nadai para tratar do surgimento da disciplina enquanto componente curricular escolar, e esclareço que as ações do ensino de História no CEEC estão pautadas nos textos da Base Nacional Comum Curricular. Para tanto, informo trechos do Projeto Político Pedagógico do colégio Euclides da Cunha. Ainda sobre como está estruturado o Ensino de História, transcrevo parte da entrevista com um colega professor de História que leciona no município de Matelândia no Ensino Fundamental da primeira fase e da segunda fase do EF.

No item 1.3 do capítulo apresento as escolas municipais, um pouco da história do município de Matelândia, e entrelaço essa narrativa com os resultados do IDEB em comparação com as escolas municipais.

Concluindo o capítulo, no item 1.4, trato de estudos sobre a importância da História Local à luz das dissertações dos colegas do ProfHistória, dentro dessa bibliografia, procuro informar algumas atividades que realizei com estudantes do sexto ano e que foram inspiradas nas leituras desses colegas.

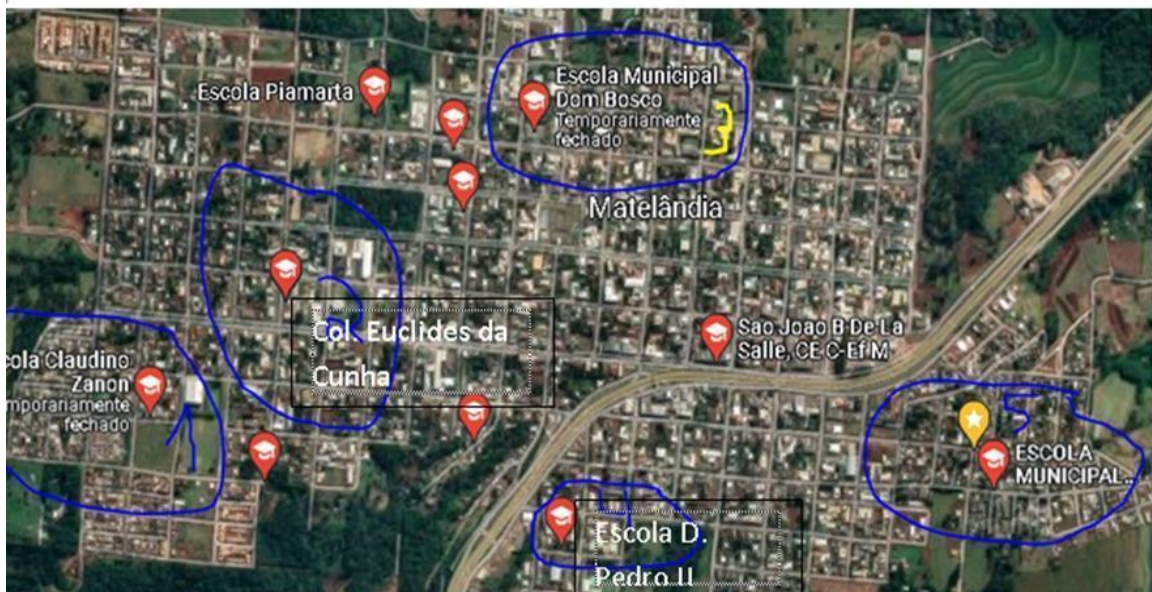
1.1 Um pouco da história da instalação do CEEC em Matelândia

Matelândia, no Oeste do Paraná, é um município com 17 mil habitantes que fica a 70 quilômetros do Paraguai, a área urbana da sede contém cinco creches públicas, quatro escolas municipais e o Colégio Estadual Euclides da Cunha. Em 1960, quando Matelândia se desmembrou do município de Foz do Iguaçu, começaram as conversações visando estabelecer o primeiro colégio estadual no município. Destaca-se nesse processo a figura da senhora Lirides Pagnoncelli de Lima, membro da comissão responsável por negociar a criação da escola em Curitiba. Em 1964, o Colégio Euclides da Cunha foi inaugurado, inicialmente composto por duas salas de aula de madeira. Hoje, com um total de 20 salas de aula, o CEEC é a única escola estadual na sede do município, por ser única instituição na sede e a única a oferecer cursos técnicos integrados ao Ensino Médio no município, atrai estudantes de todas as regiões da cidade e até mesmo de escolas localizadas nos distritos, especialmente à noite, dada a inexistência de oferta de curso noturno em outras instituições públicas de ensino em Matelândia.

Houve há uma década aproximadamente, uma instituição de nível superior particular que ofertava curso presencial, atualmente, só existem na cidade polos de Faculdades à distância para quem deseja cursar o ensino superior, ou dirigir-se até um dos municípios vizinhos: Medianeira, São Miguel do Iguaçu, Foz do Iguaçu e Cascavel, cujas cidades ofertam curso superior de forma presencial.

A fim de situar o leitor sobre a localização das instituições públicas na sede do município, apresento uma figura ilustrativa que foi extraída do recurso Google Maps e editada para destacar as instituições:

Figura 2 - Planejamento de História no município de Matelândia



Fonte: Adaptado de Google Maps (2024).

A direita da figura (Leste), a Escola Vovô Cassiano no Bairro Vila Pazza, na esquerda (Oeste), a escola Claudino Zanon no Bairro Vila Nova, a mais próxima ao colégio Euclides da Cunha. A Norte a escola Municipal Dom Bosco, no alto da imagem, no Bairro Jardim Tropical e por último ao centro na parte inferior da imagem (a Sul), a escola Dom Pedro II, no Bairro São Cristóvão.

Atualmente, Matelândia experimenta uma diversidade cultural crescente, com a chegada de pessoas de diferentes países, como Paraguai, Senegal, Haiti, Venezuela, além de migrantes do Norte e Nordeste do Brasil, incluindo principalmente Pará e Bahia. Existem narrativas que informam a chegada de catarinenses e gaúchos, descendentes de europeus majoritariamente para colonizar o território hoje denominado de Município de Matelândia, isto durante a década de 1950. Esta frente migratória é frequentemente elaborada nas narrativas memorialistas locais, sem que a chegada de nortistas e nordestinos alcance a mesma força nessas narrativas.

No Colégio Euclides da Cunha, que abriga 20 salas de aula ocupadas integralmente nos turnos da manhã e tarde e parcialmente no turno noturno, percebemos uma pluralidade de sotaques, indo além do tradicional sotaque paranaense. Alguns estudantes oriundos de outros países inicialmente enfrentam desafios de comunicação, mas ao longo do tempo, adaptam-se ao ambiente, compreendem a linguagem e assimilam a cultura escolar peculiar do Euclides da Cunha. Nos primeiros dias de aula sentam-se eretos olhando para frente, aos poucos, as carteiras do lado da parede já estão viradas de lado para que a visão tenha acesso aos colegas e com eles dialoguem, troquem material emprestado e aderem aos pedidos para sair mais cedo, levantam-se das carteiras para conversar com um colega, enfim, se harmonizam ao ambiente.

É possível que essa entrada de pessoas vindas do Nordeste e de outros países, se deva a empregabilidade na Unidade Industrial de Aves (UIA) da Cooperativa que emprega 8 mil trabalhadores diretos e está localizada na margem norte da Rodovia Br 277 no distrito de Agro Cafeeira, em Matelândia.

A necessidade de uma metodologia significativa no contexto educacional do Colégio Estadual Euclides da Cunha (CEEC) torna-se evidente diante da diversidade de experiências e desafios enfrentados pelos alunos. Uma abordagem pedagógica que seja inclusiva, capaz de conectar os temas históricos com as experiências de vida dos estudantes tornará o entendimento mais fluido e relevante para eles. Evidentemente, não resolverá os problemas que perpassam o sistema educacional, mas é o que está a nosso alcance como ação.

Apesar da influência significativa do CEEC na comunidade, dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) revelam uma disparidade entre o ensino fundamental Fase I (rede municipal) e Fase II (rede estadual). Ao consultar os dados sobre educação no município de Matelândia no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), percebe-se uma diferença entre os dados das redes municipal e estadual, conforme destacarei no subtítulo 1.3 deste capítulo.

Embora o componente curricular de História não seja o único a contribuir com essa diferença nos índices em desfavor da escola estadual, é interessante que nós professores de História possamos estudar o que pode ser feito em benefício de uma forma de apresentação de conteúdos que engaje os estudantes e torne mais satisfatório o ato de estar na sala de aula.

1.2 A História como disciplina escolar e sua vinculação com os documentos norteadores

Em se tratando de querer propor uma atividade escolar de História na transição do quinto para o sexto ano, acho importante começar falando de quando surgiu a história como disciplina escolar e das suas características para então traçar na sequência um paralelo com minhas expectativas e escolhas nesta pesquisa.

No curso de História do Ensino de História durante o mestrado, tivemos alguns autores que abordam o tema da História como disciplina escolar no Brasil. Uma autora que especificou muito claramente sobre, foi Elza Nadai, no artigo O Ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. A autora especifica primeiramente que: “A História como disciplina escolar autônoma, surgiu no século XIX na França, imbricada nos movimentos de laicização da sociedade e de constituição das nações modernas”. Em seu texto, Nadai (2009) esclarece que uma das influências mais notáveis no ensino de História no século XIX foi o positivismo.

O positivismo propunha a aplicação do método científico para compreender a sociedade e a história. Uma proposta de pesquisa que envolve como método ouvir o cidadão e analisar sua fala, para escrever uma História que não combinasse com os padrões da História nacional e harmônica que se pretendia implementar, não teria validade aos olhos de representantes dessa corrente historiográfica que prima pela precisão. Ainda porque, os fatos recordados dificilmente guardam na memória datas precisas e números exatos que possam gerar uma conclusão lógica, como é característica da corrente positivista, adotada nos primeiros anos em que a disciplina de História entrou em funcionamento.

No Brasil, a constituição da História como matéria de pleno direito, ocorreu no interior dos mesmos movimentos de organização do discurso laicizado sobre a história universal, discurso no qual a organização escolar foi um espaço importante das disputas então travadas, entre o poder religioso e o avanço do poder laico e civil (NADAI, 2009, p. 28).

Inicialmente, a inclusão da História nas escolas primárias e secundárias aconteceu ao longo do século XIX e início do século XX, influenciado por diferentes fatores, como a necessidade de formar cidadãos com uma compreensão mais ampla do passado e para reforçar nos estudantes a ideia de nacionalismo e a consolidação de Estados nacionais.

No século XX e especialmente nas décadas mais recentes, houve uma evolução no ensino da História no Brasil. A disciplina passou por transformações para incluir uma abordagem mais crítica, considerando diferentes perspectivas e enfatizando a importância de uma compreensão mais ampla da história nacional, incluindo grupos que continuam marginalizados, há um movimento da educação como um todo, incluindo o componente curricular de História, de defesa dos direitos humanos e combater o racismo e outras formas de discriminação de grupos minoritários.

Atualmente, qualquer componente curricular, como são chamadas hoje as disciplinas escolares, é subordinado à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), seja ele desenvolvido nas escolas municipais, estaduais ou federais. O Ministério da Educação (MEC) iniciou a elaboração da BNCC em 2015. Esse processo envolveu consultas públicas, debates, e a participação de especialistas, educadores, gestores, e da sociedade civil. Em dezembro de 2017, o MEC homologou a BNCC para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Esse documento estabeleceu as competências e habilidades essenciais que todos os alunos deveriam desenvolver nestas etapas.

Após a homologação, os estados e municípios passaram a ter o desafio de adequar seus currículos locais à BNCC, garantindo a coerência com os objetivos nacionais estabelecidos.

Cinco anos após a homologação da última versão da base Nacional Comum Curricular da educação para o Ensino Fundamental, na disciplina de História é possível perceber que os professores estão mais seguros engajados com a proposta da BNCC, pois, aqueles que estão em sala de aula e participam de cursos de capacitação estão promovendo um ensino de História mais contextualizado. É possível observar o mesmo movimento nas universidades, um exemplo desse engajamento, é a oferta da disciplina Ensino de História e Educação para as relações étnico-raciais, promovida pelo Programa de mestrado da UNESPAR, ProfHistória, ao qual se vincula essa dissertação. Nesse sentido, outros exemplos merecem destaque.

No Oeste do Paraná, a matriz curricular de Licenciatura em História na Universidade de Integração Latino-americana oferece a disciplina de História dos Povos Originários, outro exemplo de engajamento com a nova proposta, não somente de ensino, mas de educação que está formando professores para o respeito com todas as pessoas, suas crenças e seus modos de viver e se relacionar.

Essa proposta, que não é nova, pois é regulamentada pela Lei nº 11.645/08⁵ que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”⁶ mas tem chamado a atenção estudantes que até então se sentiam à margem do processo de educação formal. Professores de disciplinas diversas têm incentivado os estudantes a assumirem suas identidades em trabalhos expostos nos corredores das salas.

Um exemplo de pesquisa, é o trabalho que a professora Francieli Pires da Cruz, da disciplina de Língua Portuguesa, desenvolveu com seus alunos apresentado na figura 3 a seguir:

⁵ Ver em planalto.gov.br

⁶ Acessar em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm

Figura 3 - Sou Negro, alunos de Língua Portuguesa



Fonte: Arquivo da professora Francieli Pires da Cruz (2024).

Um outro documento é o Referencial Curricular do Paraná: princípios, direitos e orientações para o Ensino Fundamental – Anos Iniciais e Finais, onde constam unidades temáticas para cada um dos anos e etapas próprias.

Atividades com essas são contempladas pelas Unidades temáticas, as quais abrem espaço para os objetos do conhecimento que constituem conhecimentos básicos com vistas à aprendizagem dos estudantes ao final de cada ano. As unidades temáticas do referencial paranaense serviram de inspiração para a sequência que adotei no caderno de atividades incluído no capítulo 3.

Em meados do ano de 2022, quando decidimos estudar a transição do quinto para o sexto ano e pensar na inclusão de atividades que contemplem a História Local, ainda provisoriamente, comecei a agir a favor do projeto, solicitando das diretoras das escolas municipais, uma cópia do PPP para ler sobre a caracterização da comunidade que frequenta cada escola localizada na sede do município e para uma sondagem do histórico dessas instituições sob suas próprias óticas.

Realizar um trabalho que abrangesse também a área rural seria muito amplo, e como a minha intenção foi investigar os estudantes durante a transição para os sextos anos e proporcionar uma experiência de estudos da História Local relacionada aos estudantes que

ingressam no CEEC após concluírem o quinto ano nas escolas dos bairros. Por isso, optei por focar na área urbana.

1.3 As instituições de ensino e o Município de Matelândia

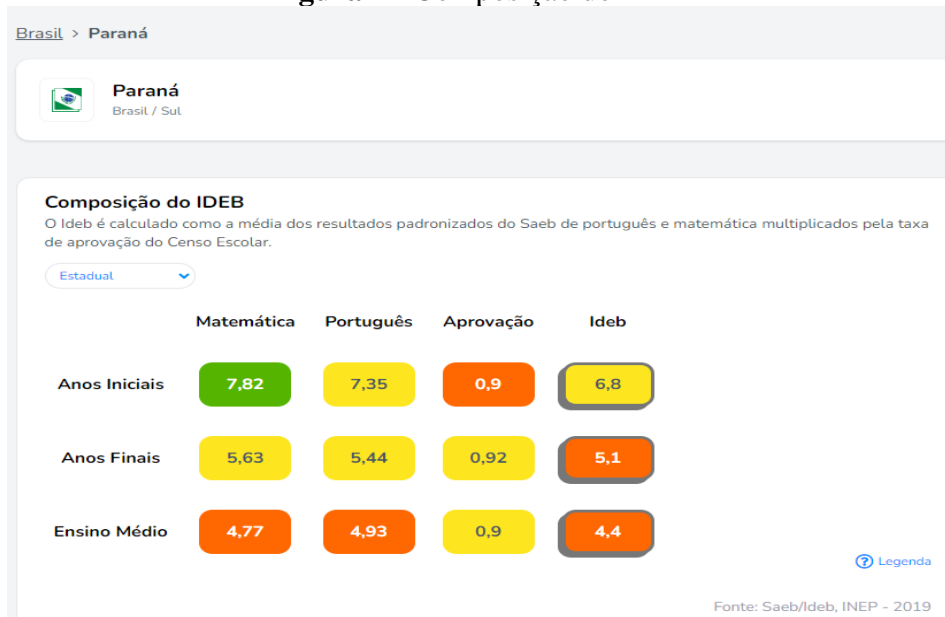
Além das escolas de ensino fundamental fase I do colégio Euclides da Cunha, que oferta o Ensino Fundamental fase II, Ensino Médio e cursos técnicos que são instituições públicas, existe a escola de nível fundamental I de propriedade da Igreja Católica que oferta ensino particular de educação infantil e nível fundamental fase I e o Colégio Passos firmes denominado de Cooperativa de Pais Passos

A forma como os Projetos Políticos Pedagógicos caracterizam a comunidade escolar nas quatro escolas municipais e mesmo no CEEC é semelhante: informa a renda por família, o número aproximado de pessoas por residência e a renda salarial familiar.

A situação social e econômica da comunidade escolar de cada bairro também não difere muito, e quanto à religião, a maioria da população se declara pertencente à religião Católica. A constatação de que a maioria das famílias de religião Católica e sendo composta por pai, mãe e irmãos é um reflexo de um padrão mais tradicional, mas existe em menor número a presença de outras crenças religiosas e de diferentes estruturas familiares, como aquelas formadas apenas pela mãe chefe de família, ou por pai sendo o único responsável, com duas mães, no caso de mães lésbicas. Em outros casos em que os menores vivem os com avós ou com mãe e padrasto. Essas particularidades destacam a importância de reconhecer e respeitar a diversidade existente na comunidade.

A informação sobre a média de 3 a 6 pessoas por casa e a predominância de famílias que sobrevivem com até 1 salário-mínimo revela desafios socioeconômicos que influenciam em aspectos como acesso a recursos educacionais e necessidade de apoio familiar nas tarefas escolares devido às demandas laborais. Nos primeiros anos do Ensino Fundamental é importante que um adulto estabeleça uma rotina de estudos e sem a presença dessa figura, o município conta com o Projeto de proteção à infância e juventude de Matelândia, PROFAM, por isso, o programa é descrito como uma das partes deste subitem 1.2

Ao analisar os dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), nota-se um desempenho educacional inferior em comparação com o índice do Paraná, conforme indicado a seguir:

Figura 4 - Composição do IDEB

Fonte: Adaptado de INEP (2019).

Na tabela da Figura 5, estão apresentados os índices do Estado do Paraná e na tabela da Figura 6, os índices do município de Matelândia. Conforme se pode observar, na comparação com o desempenho estadual e municipal, já que as tabelas informam o desempenho dos anos iniciais também, apenas no último ano do Ensino Médio há um melhor desempenho no município em relação aos índices do Estado.

Figura 5 - IDEB de Matelândia

Fonte: Adaptado de INEP (2019).

Conforme adiantado, atualmente, o município mantém quatro escolas e o Programa de Apoio à Família de Matelândia (PROFAM). No entanto, é importante destacar que as duas

escolas mais antigas, Dom Pedro e Dom Bosco, eram estaduais até 1990, quando foram municipalizadas. Já as outras duas escolas, Vovô Cassiano da Veiga Melo e Escola Municipal Claudino Zanon, foram criadas após a implementação da lei de municipalização das escolas de Ensino Fundamental Fase I.

1.3.1. Escola Municipal Dom Pedro II

Para explicar sobre as escolas municipais, busquei dados no Projeto Político Pedagógico de cada escola. As informações constantes sobre cada uma delas advém desses documentos.

A atual Escola Municipal Dom Pedro II – Educação Infantil e Ensino Fundamental, foi construída em 1965 com verba da Fundação Educacional do Estado do Paraná (Fundepar). Após concluída, a obra foi recebida pelo Inspetor Regional de Foz do Iguaçu, Senhor Afonso Locks em 1967. A Escola atende alunos do Bairro São Cristóvão onde situa-se a escola, dos bairros próximos como Vila Sapo, Vila Pazza, e comunidades do interior do município.

Quanto à constituição familiar dos alunos, 136 famílias são constituídas por pai, mãe e irmãos, 26 alunos vivem apenas com a mãe, 2 alunos vivem apenas com o pai, 5 alunos com os avós, 5 com a mãe e o padrasto. As casas agregam em média de 3 a 6 pessoas, sendo estas na sua maioria próprias e a maior parte das famílias sobrevivem com até 2 (dois) salários-mínimos.

Conforme o Projeto Político Pedagógico da escola, (2021) informa: “após análise dos indicadores de resultados da escola observou-se que o índice de reprovação diminuiu, com aprovação de 100% em todas as turmas em 2019”. Na Prova Brasil/ Saeb a escola vinha apresentando um aumento nos índices até 2015, tanto em língua portuguesa como em matemática, porém a partir de 2017 houve um declínio no índice de ambas as disciplinas.

Os funcionários que analisaram os índices atribuíram a queda dos números de aproveitamento a estudantes vindos de outra escola.

Em 2014, recebemos a transferência de vários alunos que vieram do Bairro Vila Pazza para estudarem na Escola Dom Pedro II, porque na Escola Vovô Cassiano da Veiga Melo, que é a escola do bairro, não abria turma de segundo ano por falta de matrículas suficientes. Estes alunos vieram reprovados e frequentavam a Sala de Recursos e permaneceram estudando na escola até o quinto ano. Também se observou, que neste ano a maioria dos alunos novos apresentavam dificuldades de aprendizagem ou uma defasagem grande nos conteúdos (ESCOLA DOM PEDRO II, 2024).

Ampliando um pouco o olhar para além dos muros da escola e seu entorno, podemos admitir que alunos são parte integrante da comunidade local e merecem respeito, compreensão

e apoio. A formação em História deve estimular nos professores a busca por engajamento da comunidade para trabalhar juntos com o objetivo de criar um ambiente inclusivo, acolhedor e de aprendizado para todos. As crianças e adolescentes das comunidades mais carentes ou mesmo em situação de risco devem ser prioridade e responsabilidade dos governos e da comunidade onde vivem. Só assim, as proposições e discursos políticos sobre a educação sairiam do papel e poderiam ser vistos em atitudes práticas.

1.3.2. Escola Municipal Claudino Zanon

Em 1987 deu-se início a construção de 30 casas em sistema de Mutirão no Bairro Vila Nova, na cidade de Matelândia. Os pais de famílias que se instalaram nessas casas sentiram a necessidade e a importância de ter uma escola para atender aos seus filhos, já que outras escolas eram muito afastadas do bairro, sendo assim, no ano de 1992 a escola começou a funcionar.

A escola, nos 27 anos de funcionamento sempre foi utilizada pela comunidade, para reuniões, cursos, palestras, para eventos religiosos, pois o bairro não dispõe de um espaço adequado para estas atividades.

A Escola Municipal Claudino Zanon encontra-se localizada no Bairro Vila Nova, o bairro mais antigo da cidade. Neste bairro encontramos pequenos comércios e tem alguns atendimentos básicos como saúde, educação e assistência social.

Aproximadamente 90% dos alunos moram no mesmo bairro da Escola, Bairro Vila Nova, e se deslocam a pé até a escola. Por motivos de suprimento de vagas, e em alguns casos por escolha dos pais, alguns alunos que vivem em outros bairros e interior, aproximadamente 10%, do total dos alunos, utilizam transporte público e/ou particular para chegarem até a escola.

O processo migratório influencia muito no nível de aprendizagem, dificultando o trabalho pedagógico e tornando as turmas heterogêneas.

Dos alunos, aproximadamente 60% vivem com o Pai e Mãe e aproximadamente 40% ou moram só com o pai, ou moram somente com a mãe e/ou avós. As famílias das crianças da escola fazem parte de famílias grandes, sendo que 71% delas são formadas por 4 ou mais pessoas, e em sua grande maioria, 62% possuem casa própria e 28% moram de aluguel.

Em relação à renda foi verificado através de pesquisa que 28% pertencem a famílias que recebem até um salário-mínimo, 66% tem renda em torno de 1 salário à 5 salários-mínimos; 6 % têm renda superior a 5 salários.

1.3.3. Escola Municipal Dom Bosco

A comunidade escolar é constituída pelo corpo docente, discente e funcionários. A clientela da Escola provém de todos os bairros da cidade, sendo que a maior parte dos alunos residem na zona urbana, distribuídos desta forma 34% Centro 2% Vila Pazza, 4% Vila Nova, 5% Jardim Guairacá 28% Jardim Tropical Vila Sapo, 4% Vila Pinto. Na área rural do município residem 23% dos alunos. Aqueles que residem na área urbana utilizam vários meios de transporte para se deslocar até a Escola como carro, bicicleta ou transporte escolar particular, também tem alunos que se deslocam para escola a pé pelo fato de morarem próximos a Escola e 16 dos alunos que moram na área rural do município utilizam o transporte escolar público. O PPP da escola afirma que:

Através de pesquisa realizada junto às famílias constatou-se que 75% das crianças moram com o pai e mãe, 8% só com a mãe e 2% só com o pai, 10% com avós e 5% com os tios. Dessas famílias, 45% possuem casa própria e 55% moram em casas alugadas, que possuem rede de esgoto e água. Quanto à renda das famílias foi verificado que 22% recebem até um salário mínimo. 77% tem renda de 1 a 3 salários ou mais e 1% responderam não possuir renda. Participam do Programa Bolsa Família 16% dos alunos (ESCOLA MUNICIPAL DOM BOSCO, 2024, np).

Quanto ao nível de estudo dos pais, temos 38% de pais que possuem o Ensino Médio completo e 49% Ensino Fundamental completo, 10% Ensino Superior, 2% Especialização e 1% são analfabetos.

Das famílias da escola 84% são católicas, 10% são evangélicas e 6% responderam ter outras religiões. As famílias dos alunos costumam participar de eventos religiosos e culturais, frequentam lanchonetes e a praça como forma de lazer. Depositam grande confiança na instituição escolar vendo-a como local onde seus filhos adquirem o conhecimento para agir e interagir na sociedade.

1.3.4. Escola Municipal Vovô Cassiano da Veiga Melo

A Escola Municipal Vovô Cassiano da Veiga Mello - Educação Infantil e Ensino Fundamental está localizada na Rua Mato Grosso nº 357, Bairro Vila Pasa, Município de Matelândia. Foi criada com essa denominação, através do Decreto Municipal nº 786/92 de 04/03/1992, obtendo a Autorização de Funcionamento para a Educação Infantil e Ensino Fundamental- 1ª a 4ª séries/ regime de 8 anos.

A escola recebeu este nome, para homenagear o senhor Cassiano da Veiga Mello, por ter sido um homem dedicado e disposto a ajudar a comunidade. Além de suas atividades diárias

ajudava a comunidade nos momentos de folga. O senhor Cassiano foi o principal incentivador para a construção da escola.

No início, a escola funcionava juntamente com o Projeto ELO em uma sala cedida pela Associação de Moradores, mas, com o aumento do número de alunos, houve a necessidade de construir um prédio para a escola. O mesmo foi construído e a inauguração aconteceu em 20 de maio de 1994. Com o passar dos anos, a demanda pelo atendimento educacional aumentou, havendo a necessidade da ampliação do espaço físico da escola. Como as informações são aquelas que estão no Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola. Há uma ausência dessas informações no PPP da escola.

1.3.5. Programa de Proteção e Promoção à Família (PROFAM)

Além dos centros de educação infantil e das escolas particulares e públicas, Matelândia conta com um espaço que acolhe o Programa de Proteção e Promoção à Família (PROFAM). Nesse local, no contraturno, os alunos de até 14 anos, realizam oficinas educativas, fazem as tarefas de sua escola, lancham e almoçam. É um espaço para estudantes de todas as escolas do município que tem como objetivo promover a proteção e o fortalecimento de vínculos familiares. Segundo o site do município de Matelândia, esse programa é voltado para famílias em situação de vulnerabilidade social, que necessitam de apoio para superar dificuldades e melhorar a qualidade de vida. Em suma, o Colégio Euclides da Cunha recebe parte significativa dos estudantes das escolas descritas acima.

Quanto aos dados de 2021 dentro do Município de Matelândia, assim informa o site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira INEP, sobre os índices de aproveitamento para as escolas públicas: IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) [2021] - 6,1; IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública), conforme demonstrado pelo Quadro 1.

Quadro 1 – IDEB por escola de Matelândia

Escola Municipal D. Bosco	6,1
Escola Municipal Claudino Zanon	6,1
Escola Municipal D. Pedro II	6,7
Escola Municipal Vovô Cassiano	5,1
Euclides da Cunha C E E F M N Profis	4,5

Fonte: INEP (2021).

Como uma síntese, notadamente, os resultados apresentados levantam questões sobre os desafios enfrentados durante a transição entre essas fases e as possíveis implicações na adaptação dos estudantes. Se são os mesmos estudantes, a pergunta é: O que ocorre na transição e nos anos seguintes do Ensino Fundamental fase I para o Ensino Fundamental fase II que gera tal desproporção?

Embora enquanto historiadora e pedagoga, atividades estas que desenvolvo atualmente, eu defenda a contribuição do ensino de história como conteúdo e metodologia significativas para a formação crítica dos alunos que enfrentam a transição anos iniciais/anos finais, é preciso destacar que os impactos dessa mudança não podem ser explicados e combatidos exclusivamente pelo componente História. Outros fatores relacionados ao campo da Educação, como currículo, ambiente escolar, políticas socioeconômicas, participação familiar no estudo, etc., muitas delas da alçada da Pedagogia, podem ser problematizados, não sendo este objetivo desta dissertação. De todo caso, apresento na sequência uma tentativa de contextualização desse cenário, para nos tópicos seguintes, me ater ao conteúdo de História e sua potencial contribuição.

Primeiramente, cabe considerar os familiares dos alunos. Eles expressam apreensão, não apenas em relação aos resultados em avaliações externas, mas também em relação à extensão do colégio, o que pode influenciar a experiência de adaptação dos alunos. Muitos de nós funcionários temos observado que alguns responsáveis chegam no primeiro dia de aula recomendando a um funcionário conhecido que "dê uma olhada" em seu filho, e saem com uma expressão preocupada no semblante após deixarem seus filhos no colégio.

É compreensível, os estudantes saem de escolas menores localizadas em seus bairros, adentram a um colégio bem maior, os pais estão na expectativa de quão maduros seus filhos podem ser para conseguirem se socializar e sentem dúvida em relação à essa situação que é nova para os pequenos.

Esse sentimento de apreensão é muito observado, mas não é uma unanimidade, existem famílias cujos pais frequentaram o colégio e, embora o colégio e a sociedade tenham mudado ao longo dos anos, eles, os familiares, continuam acompanhando os acontecimentos relativos ao colégio através de um sobrinho, o filho de um amigo, que está estudando ou um familiar trabalhando na instituição.

Pensando em garantir que a parcela da comunidade escolar que se sente apreensiva, que se sinta integralmente parte dela, e usufrua dos benefícios desse sentimento de pertencimento, é crucial promover ações educativas com foco em práticas pedagógicas inclusivas e sensíveis nas salas de aula.

Reforço a importância de elevar a autoestima dos estudantes, incentivando sua participação oral em assuntos relacionados ao seu cotidiano e à história local, o que contribuirá para minimizar algum estranhamento que possam sentir em relação à escola e facilitar a aproximação com o professor. Então, cabe a questão: como o ensino de História pode interferir positivamente nessa realidade?

Conforme apresentarei na discussão seguinte, esses alunos desenvolvem nas escolas discussões sobre sua história, da mesma forma, desenvolvem nos anos iniciais um aprendizado sobre a História Local. Uma proposta será a de iniciar o sexto ano sem que ocorra uma ruptura com o conteúdo de História local estudado no ano anterior.

Uma vez concluído esse olhar panorâmico para a rede escolar municipal, leitura que contribui para o reconhecimento das realidades dos alunos envolvidos diretamente nesse projeto, passarei para a discussão sobre o lugar da História Local no currículo de História.

1.4 O Ensino de História local entre o quinto e o sexto ano

Antes de iniciar o estudo de documentos norteadores, no intuito de me localizar e assim melhor compreender se e como acontece o Ensino de História Local nos anos iniciais do fundamental, fiz uma entrevista semiestruturada com o professor João Mário Ampessan⁷, que leciona nos dois níveis, ou seja, nas escolas municipais e no Colégio Estadual, na sede do município, o que facilitou a coleta de informações porque dividimos o mesmo espaço de trabalho no Colégio Estadual. Além do centro, Matelândia tem quatro bairros principais nos quais as escolas de Ensino Fundamental I estão localizadas. Os professores de algumas disciplinas trabalham em mais de uma escola e em consequência de tanto repetir leitura,

⁷ Professor de História da Rede Estadual e Municipal de Ensino

comentários e proposições de exercícios, sentem-se seguros para lecionar e para falar de sua prática.

Na conversa inicial e informal durante o intervalo que resultou posteriormente na entrevista, o professor de História e meu colega no Colégio Estadual Euclides da Cunha, falou da importância que ele atribui a atividade sobre a linha do tempo dos alunos. Comentei que também trabalhava com linha do tempo com a Educação de Jovens e Adultos e que acho importante até para que os estudantes conheçam a trajetória de vida uns dos outros. Que um trabalho parecido foi feito em uma das disciplinas do curso de mestrado e que resultou em empatia e sentimento de solidariedade entre nós estudantes que cursamos as disciplinas de mestrado. Comentamos da facilidade que é trazer fotografias para a sala atualmente, diferentemente de outras décadas. Quando relatei este diálogo para o meu orientador, ele pediu que eu fizesse uma entrevista formal. Fiz a proposta que o professor JMA aceitou prontamente. Marcamos para a semana seguinte e ele tem sido meu elo com a escola municipal nesse trabalho.

Perguntei-lhe como percebe o trabalho de professor de História nos dois níveis de Ensino dentro do município de Matelândia. O professor foi muito solícito nas respostas, e sobre as diferenças entre lecionar para 5º ou 6º ano, ele afirma que os menores demandam uma preparação maior das aulas. Sempre que possível ele acompanha o texto do livro com um vídeo curto, que expunha gravuras que lembram a época a ser estudada. Informou que neste ano de 2023, a Secretaria de Educação municipal tem preferência por professores com licenciatura em História lecionar a disciplina. Além de responder as perguntas, o professor me forneceu o arquivo digital do planejamento do quinto ano e um livro didático para que eu pudesse comparar planejamento e o livro didático. Através dele, pude constatar que o Planejamento de ensino de Matelândia segue o padrão do planejamento paranaense, conforme indica a Figura 6:

Figura 6 - Planejamento de História 5º ano

HISTÓRIA - 5º ANO - 1º TRIMESTRE		
EIXOS	CONTEÚDOS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM
Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social	O que forma um povo: do nomadismo aos primeiros povos sedentarizados	<p>(PR.EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.</p> <p>(PR.EF05HI01.d.5.02) Diferenciar os processos de nomadismo e sedentarismo.</p> <p>(PR.EF05HI01.d.5.03) Entender a migração como deslocamento populacional pelo espaço geográfico, identificando a importância da mobilidade e da fixação para a sobrevivência do ser humano.</p> <p>(PR.EF05HI01.d.5.04) Reconhecer os povos indígenas como primeiros habitantes do território brasileiro e as relações de trabalho que se estabeleceram com a chegada dos portugueses.</p> <p>(PR.EF05HI01.c.5.05) Conhecer o processo de colonização</p>

Fonte: Diretrizes Curriculares da Educação (2022).

Pesquisando os planejamentos, fiquei curiosa por entender se, e quando começa o estudo da História Local e se o planejamento do Paraná segue a indicação do Planejamento nacional. Encontrei a seguinte redação no texto do Referencial curricular do Paraná, pautado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)⁸:

Dentre os temas que predominam no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, apontamos que os objetivos de aprendizagem contemplam diferentes graus de complexidade, tendo como objetivo principal entre o 1.º e o 2.º ano, o reconhecimento do “Eu”, do “Outro” e do “Nós”, destacando o conhecimento de si, das referências do mundo pessoal, da noção de comunidade e da vida em sociedade. Entre o 3.º e o 4.º ano evidenciam-se as particularidades locais por meio da noção de lugar em que se vive e das dinâmicas em torno da cidade e dos regionalismos (Estado), diferenciando aspectos da vida privada e da vida pública, urbana e rural. (BNCC, 2017, np)⁹

É, portanto, no terceiro e quarto ano que se estuda a História Local no nível fundamental da primeira fase.

No 5.º ano, o destaque está na diversidade de povos e culturas e suas formas de organização, realizando uma breve introdução ao início da humanidade. Elementos como a cidadania, direitos e deveres, e o reconhecimento da diversidade das sociedades propõe uma educação voltada ao convívio e ao respeito entre os povos (BNCC, 2017)¹⁰

⁸ A Base Nacional Comum Curricular foi homologada pelo MEC em dezembro de 2017. Todas as instituições escolares do Brasil devem, obrigatoriamente, implementar a BNCC.

⁹ O referencial curricular do Paraná que encontrei na pesquisa é um documento online, que não tem páginas numeradas.

¹⁰ As páginas do documento não são numeradas na versão online.

Tal leitura fez com que eu me lembrasse de trechos da entrevista com o professor:

AR: Quais são os conteúdos/unidades temáticas ensinados no quinto ano?

JMA: No quinto ano, me chama muita atenção como os novos temas de História tem aparecido: as lutas das minorias, como povos indígenas e a história e cultura afro-brasileira.

AR: O professor quer dizer a quantidade de vezes em que esses temas aparecem?

JMA: Exatamente, pelo menos eu não tinha percebido em anos anteriores que os livros didáticos incluíam a história de luta das mulheres por direitos e os alunos procuram saber sobre machismo e citam casos de racismo que ouvem a família comentar...

AR: E a História Local? Ela é tratada no quinto ano?

JMA: A História sobre o local de moradia, o município etc. aparece nos anos anteriores; terceiro, quarto ano do Fundamental... Sempre reforçamos alguma coisa, quando o assunto surge, mas no quinto ano não é o foco.

AR: E você leciona para os anos anteriores também?

JMA: Sim, na Escola D. Bosco leciono para os terceiros anos.

AR: E como é abordada a História Local?

JMA: Eu utilizo o texto do livro didático explicando que as unidades da federação são divididas em municípios e que o município é dividido em localidades menores: bairros, distritos, vilas... Sempre enfatizando que fazemos parte de um todo.

Destacou ainda como considera importantes as perguntas presentes no livro didático, pois elas instigam o estudante a refletir e estabelecer ligações entre conceitos utilizados em História como cidadania, culturas e outros e relacioná-las nos textos que escrevem.

Em geral, foi uma entrevista muito agradável esta que tive com meu colega, a julgar pela espontaneidade com que respondia às minhas perguntas, considere que, apesar de ser o primeiro ano que leciona História exclusivamente, no EF- anos iniciais, ele está muito seguro dos objetivos que pretende atingir com suas turmas, e da organização proposta pelo município e Estado.

No documento nacional, encontrei o Referencial Curricular sobre História do Quinto Ano.

Quadro 2 - Planejamento de História 5º ano

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETOS DE CONHECIMENTO E OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	
Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social	O que forma um povo: do nomadismo aos primeiros povos sedentarizados	<p>(EF05HI01) identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.</p> <p>Diferenciar os processos de nomadismo e sedentarismo.</p> <p>Entender a migração como deslocamento populacional pelo espaço geográfico, identificando a importância da mobilidade e da fixação para a sobrevivência do ser humano.</p> <p>Reconhecer os povos indígenas como primeiros habitantes do território brasileiro e as relações de trabalho que se estabeleceram com a chegada dos portugueses.</p> <p>Conhecer o processo de colonização das terras brasileiras, especialmente do território paranaense. Conhecer e valorizar a cultura dos povos indígenas, africanos e europeus que formaram a população brasileira e do Estado do Paraná.</p>
Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social	As formas de organização social e política: a noção de Estado	<p>(EF05HI02) identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social. Relacionar a disputa por terras férteis à garantia de sobrevivência e poder de um grupo sobre outro, originando o governo de um território.</p> <p>Discutir e compreender a necessidade de regras e leis para vivermos em sociedade.</p> <p>Entender como se deu a chegada dos portugueses ao Brasil e a organização do sistema de governo durante o período colonial brasileiro.</p> <p>Conhecer as primeiras formas de exploração econômica no território brasileiro: extração do pau-brasil, cana-de-açúcar, mineração e mão-de-obra escravizada.</p> <p>Analisar a história do Brasil em diferentes períodos, destacando relações de poder, cultura e trabalho a partir de fontes históricas e da articulação entre o contexto local e/ou regional.</p> <p>Conhecer direitos sociais conquistados pela luta de muitos cidadãos brasileiros e que fazem parte do nosso cotidiano.</p>
Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social	O papel das religiões e da cultura para a formação dos povos antigos	<p>(EF05HI03) analisar o papel das culturas e das religiões na composição identitária dos povos antigos, respeitando as diferenças.</p> <p>Compreender que existem pessoas que não participam de manifestações religiosas;</p> <p>Conhecer festas populares no Paraná e/ou no Brasil e contextos de origem.</p> <p>Conhecer povos e comunidades tradicionais do Paraná e suas relações de trabalho.</p>

Fonte: Referencial Curricular sobre História do Quinto Ano¹¹

¹¹ Mas são detalhes que personalizam cada currículo e que não implicam em anular ou considerá-lo um erro, já que as versões do currículo devem passar pelo crivo do conselho de Educação para que sejam divulgadas e utilizadas pelas instituições proponentes, o importante é que identifiquem: (EF: Ensino Fundamental 06 Ano de Ensino HI Componente: História 01 Primeira habilidade a ser atingida).

Em se tratando dos descritores citados na tabela, conhecer povos e comunidades tradicionais do Paraná e suas relações de trabalho, o livro didático do 5º ano que o professor João utiliza consegue fazer uma associação da cidadania na Grécia Antiga com a cidadania atualmente e também com a História Local, como expressa a figura:

Figura 7 - A Relação com a História local

8 Boas-vindas!

HABILIDADES AVALIADAS NA SEÇÃO BOAS-VINDAS!

- » (EF05GE02) Identificar diferenças étnico-raciais e étnico-culturais e desigualdades sociais entre grupos em diferentes territórios.
- » (EF05GE03) Identificar as formas e funções das cidades e analisar as mudanças sociais, econômicas e ambientais provocadas pelo seu crescimento.
- » (EF05GE04) Reconhecer as características da cidade e analisar as interações entre a cidade e o campo e entre cidades na rede urbana.
- » (EF05GE06) Identificar e comparar transformações dos meios de transporte e de comunicação.
- » (EF05GE12) Identificar órgãos do poder público e canais de participação social responsáveis por buscar soluções para a melhoria da qualidade de vida (em áreas como meio ambiente, mobilidade, moradia e direito à cidade) e discutir as propostas implementadas por esses órgãos que afetam a comunidade em que vive.
- » (EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.
- » (EF05HI02) Identificar os mecanismos de organização do poder político com vistas à compreensão da ideia de Estado e/ou de outras formas de ordenação social.

BOAS-VINDAS!

Bem-vindo! Você vai dar início ao quinto ano do Ensino Fundamental! Faça as atividades a seguir com a ajuda do professor e dos colegas de turma. Vamos lá!

- 1 Você já ouviu falar sobre a Grécia Antiga ou sobre a Roma Antiga? Conte o que você sabe aos colegas e ao professor. *Resposta pessoal.*
- 2 Você imagina como eram nossos ancestrais? Compartilhe suas ideias com os colegas. *Resposta pessoal.*
- 3 Você sabe o que são fósseis? Como você acha que eles são encontrados? Descreva aos colegas e ao professor. *Respostas pessoais.*
- 4 O que são patrimônios da humanidade? Você já ouviu falar deles? Converse com os colegas e o professor. *Respostas pessoais.*
- 5 Você sabe o que são meios de transporte e de comunicação? Como eles podem influenciar seu dia a dia? *Respostas pessoais.*
- 6 O que você conhece a respeito da história do continente africano? Como você acha que as culturas africanas contribuíram para a cultura brasileira? Converse com os colegas e dê exemplos. *Respostas pessoais.*
- 7 Como você acha que as cidades brasileiras surgiram? Por que algumas cidades são maiores do que outras? *Respostas pessoais.*
- 8 Quais são os problemas do município onde você mora? Como você acha que os governantes poderiam ajudar na resolução desses problemas? Converse com os colegas e o professor. *Respostas pessoais.*
- 9 Como você explicaria a uma pessoa quais são as atitudes que um cidadão deve ter? Para responder, elabore uma tira sobre o tema mostrando uma situação cotidiana. *Respostas pessoais.*
- 10 Você acha que todos os povos em todas as épocas entendem cidadania da mesma forma? Escreva um parágrafo sobre isso. *Resposta pessoal.*
- 11 Leia o texto a seguir, que narra um encontro de povos indígenas no Brasil. Em seguida, responda às questões no caderno.

8 oito

Fonte: Fotografia do livro didático 5º ano Aprender Juntos (2024).

Sendo este, um material (Figura 7) utilizado no quinto ano, pode-se dizer que há uma menção sobre o município na pergunta 8. Transcrevo: “8) Quais são os problemas do município onde você mora? Como você acha que os governantes podem ajudar na resolução desses problemas?”

É uma forma de aproximar o conteúdo de uma época tão distante, como a Grécia Antiga, para ser compreensível no presente. Uma forma de dar abertura para que os estudantes façam perguntas, exponham sua opinião, falem sobre os problemas de seu bairro. Enfim, para que se

sintam sujeitos do processo histórico e percebam que, em alguma medida, vivem uma democracia que tem raiz naquele contexto histórico.

Também no texto do último capítulo do quinto ano há uma proposta para relacionar como a História Local, como informa no livro didático, faz parte do descritor ou habilidade de (EF05HI01) identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado.

A figura apresentada anteriormente contextualiza o surgimento da noção de cidadania. Notadamente, a abordagem de questionar os problemas no município e incentivar os alunos a refletirem sobre como podem contribuir para a melhoria do bairro (pergunta 8) é um passo essencial no desenvolvimento do senso crítico e do espírito participativo. Ao instigar a análise das necessidades locais, a atividade proporciona uma oportunidade valiosa para os estudantes perceberem que têm um papel ativo na construção da cidadania de seu bairro. A interação entre a história da cidadania e a aplicação prática desses conhecimentos no contexto atual cria uma ponte significativa entre o local e o mundial e entre o passado e o presente. Além disso, estimula a compreensão de que cada cidadão tem o poder de influenciar positivamente seu entorno.

Essa abordagem pedagógica que inclui a História Local, não apenas transmite informações, mas também busca incentivar atitudes proativas nos alunos. Ao questionar sobre os problemas locais e as formas de contribuir, a atividade não apenas ensina sobre cidadania, mas também estimula o desenvolvimento de habilidades de resolução de problemas e senso de responsabilidade. Existem outros exemplos que posso retirar do Livro Didático cujos conteúdos fazem relação do passado com o presente.

Próximo aos dez anos, o pré-adolescente é capaz de desenvolver mais a empatia, compreender informações e situações de vida diferentes da sua, e é importante iniciar exercícios que levem à reflexão sobre a organização da cidade, do seu tempo e das relações de trabalho que afetam a sua sobrevivência e a dos seus colegas. A criança começa a incluir todos os fatores envolvidos a um questionamento ou conteúdo, ocorrendo a formação de uma estrutura completa, coordenada do pensamento, formando as operações concretas (PIAGET, 1999).

No quinto ano, o último trimestre, o livro trata da cidadania, diversidade cultural e respeito às diferenças. O Livro “Aprender Juntos” do quinto ano relaciona em diversas oportunidades os conteúdos de geografia à História Local, na página acima, tratando de setores da economia e semelhanças e diferenças das cidades, mais uma vez o autor interrogou os estudantes sobre o seu lugar de residência.

Figura 8 - Livro didático 5º ano coleção Aprender Juntos



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

É possível ler no material:

“4) O Lugar onde você mora é parecido com essa paisagem? Por quê?”

Concluindo, trata-se de um livro didático de quinto ano que preza mais pelo significado da aprendizagem do que por enquadrar o conteúdo a uma disciplina específica do componente curricular de ciências humanas.

Uma vez apresentada a percepção de um professor e o componente curricular com o conteúdo do quinto ano e aporte do material didático utilizado no município nos anos iniciais, trago na sequência uma apresentação do Ensino de História no sexto ano.

Para escrever o Planejamento, o Paraná utiliza um referencial Curricular do qual extraí o seguinte trecho referente à História Local:


Nessa proposta, destaca-se que a relevância das temáticas voltadas à **história local** e/ou regional, à diversidade cultural e às configurações identitárias, as quais possibilitam aos estudantes a compreensão e o exercício da alteridade no contexto

social, comprometendo-se com a mesma na produção, circulação e transmissão de conhecimentos, respeitando as diferentes modalidades de ensino, a saber: a Educação de Jovens e Adultos, Educação Escolar Quilombola, Educação Escolar Indígena, Educação do Campo (em suas especificidades), Educação Especial e Educação à Distância. Dessa maneira, essa prática vem a favorecer a construção e o fortalecimento da identidade individual e coletiva, fazendo com que os estudantes percebam suas relações com o meio e seus sujeitos, além de outros grupos e realidades.

Aproximar os estudantes desses elementos implica em levá-los a pensar os espaços e sujeitos que os ocupam, de modo que, a partir de suas possibilidades, professores (as) oportunizem saídas escolares objetivando estudos de campo, visitas técnicas pedagógicas, participação em eventos culturais e o contato com as narrativas e vivências de outros indivíduos e/ou grupos, características efetivadas pela pedagogia urbana (PARANÁ., 2021, p. 52, grifo nosso).

A sigla “PR” na frente do código alfanumérico que designa os descritores ou habilidades no currículo municipal é devida ao CREP (Currículo do Estado do Paraná), documento de referência encontrado no site Dia a Dia Educação¹². Notadamente, ali está evidenciado o significado da História Local. Todavia, o planejamento de História do sexto ano, (figura 8), não sugere uma retomada no conteúdo do planejamento de História do quinto ano, ou pelo menos, não dos conteúdos referentes à História local, como aqueles relacionados anteriormente através das figuras 2 e 3 no último ano do EF fase I. O primeiro conteúdo a ser trabalhado é a definição de História: o conceito, como é produzida etc.

Figura 9 - Planejamento da SEED/PR para o sexto ano

ANO LETIVO: 2023-1		1º Trimestre	
MATELANDIA		 ESTADO DO PARANÁ SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO PLANEJAMENTO	
EUCLIDES DA CUNHA, C E-E F M N PROFIS			
CURSO FUNDAMENTAL 6/9 ANOS			
SERIAÇÃO: 6º Ano			
Manhã	TURMA: A		
HISTORIA			
PLANEJAMENTO	CONTEÚDOS		
1001	Unidade Temática: Conceito de história Conteúdos: Nivelamento: Conceito de História Objetivo: Conhecer e relatar a história de vida e do próprio nome. Video: https://rebrand.ly/2022rco1tri2071 Slides: https://docs.google.com/presentation/d/1Zu5_BZRpYXc9lgalt7yhoG4L41X034t2/edit?usp=share_link&ouid=102741218721679026510&rtopf=true&sd=true Professor, atribua a atividade do Desafio Paraná: https://quizizz.com/admin/quiz/63a096b66262a300Te2a56c2/hist6efqn1?selfCreated=true Professor, clique aqui para a atividade substitutiva: https://quizizz.com/admin/quiz/636a8f626f3654001d5f4baf/hist6efqn001-n01-n02-n03?selfCreated=true Exercícios: https://docs.google.com/document/d/1hsUPELW_6dxIKWxIQ1KT43WXH4a-cpl/edit?usp=share_link&ouid=102741218721679026510&rtopf=true&sd=true Outros: Conceito de História: https://docs.google.com/document/d/16r56XV_ds4KX6YpNBi4_zh_CEPou-9XS/edit?usp=sharing&ouid=101641632677163740118&rtopf=true&sd=true		
1002	Unidade Temática: História e tempo Conteúdos: Nivelamento: Números romanos e contagem do tempo Objetivo: Identificar diferentes formas de compreensão da noção de tempo e de periodização dos processos históricos (continuidades, rupturas, simultaneidades e permanências) entre as diversas sociedades antigas (povos do Oriente e do Ocidente) e entender o tempo cronológico como construção humana. Video: https://rebrand.ly/2022rco1tri2075 Slides: https://docs.google.com/presentation/d/1vM3bNcFn5tfvMP9qKeRfEbzpUefoML2U/edit?usp=share_link&ouid=102741218721679026510&rtopf=true&sd=true Professor, atribua a atividade do Desafio Paraná: https://quizizz.com/admin/quiz/6363e91a859c4a001da02346/hist6efqn2?selfCreated=true Professor, clique aqui para a atividade substitutiva: https://quizizz.com/admin/quiz/636a8f626f3654001d5f4baf/hist6efqn001-n01-n02-n03?selfCreated=true Exercícios: https://docs.google.com/document/d/1su68EQ7UdAKMS4Ohd4jH375eDmaBGv7/edit?usp=share_link&ouid=102741218721679026510&rtopf=true&sd=true		
1003	Unidade Temática: História e tempo Conteúdos: Nivelamento: Divisão da História Objetivo: Identificar diferentes formas de compreensão da noção de tempo e de periodização dos processos históricos (continuidades, rupturas, simultaneidades e permanências) entre as diversas sociedades antigas (povos do Oriente e do Ocidente) e entender o tempo cronológico como construção humana. Video: https://rebrand.ly/2022rco1tri2076 Slides: https://docs.google.com/presentation/d/1nkPCRSjsH-4e4KRG5i0yc7bF5j7mgzm/edit?usp=share_link&ouid=102741218721679026510&rtopf=true&sd=true Professor, atribua a atividade do Desafio Paraná: https://quizizz.com/admin/quiz/6364042cd05634001dd6f8fc/hist6efqn3?selfCreated=true Professor, clique aqui para a atividade substitutiva: https://quizizz.com/admin/quiz/636a8f626f3654001d5f4baf/hist6efqn001-n01-n02-n03?selfCreated=true Exercícios: https://docs.google.com/document/d/1JJ78FV6VmS7GEMay7ct5qA1rgFyySk6w/edit?usp=share_link&ouid=102741218721679026510&rtopf=true&sd=true		

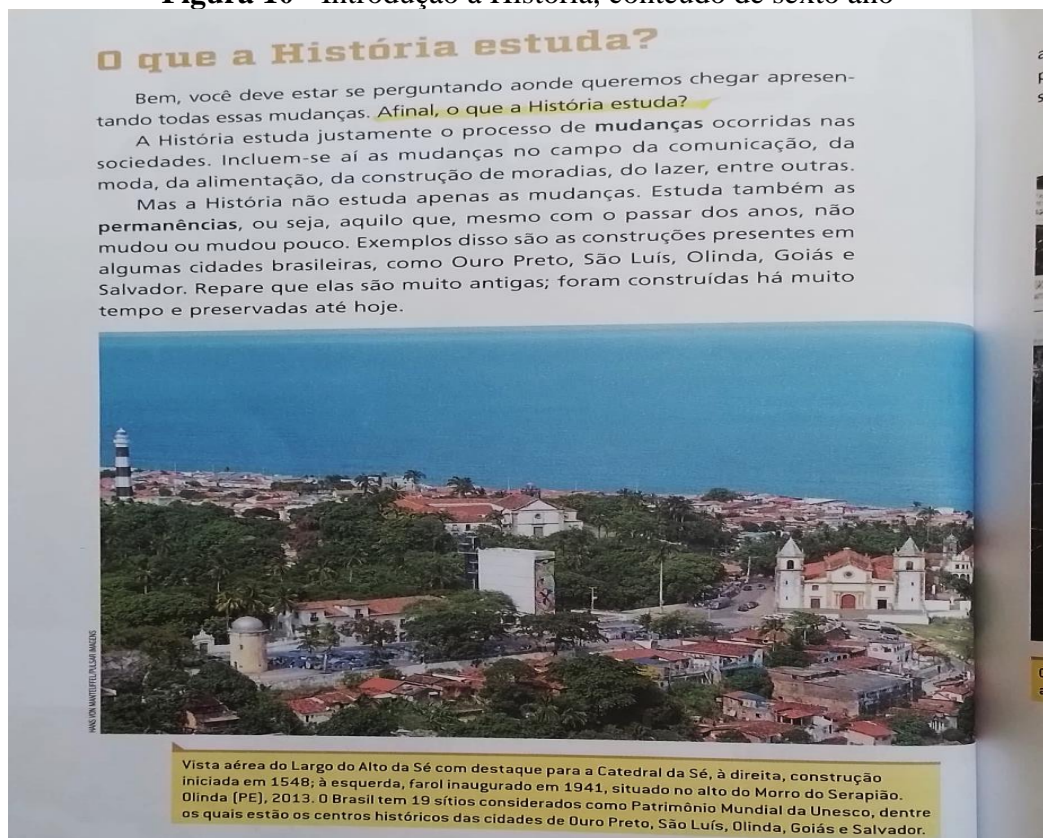
Fonte: Plataforma RCO (2022).

¹² Ver: diadiaeducacao.pr.gov.br.

Como é percebido, no primeiro conteúdo do 6º ano fundamental não aparece a preocupação com a inserção da História Local no ensino de História, mesmo reconhecendo-se que é possível desenvolver a abordagem da história local nesse estudo proposto pelo referido componente curricular

O texto online do planejamento informa o objetivo: "Conhecer e relatar a história de vida e do próprio nome" (p. 1, 2024) Apesar de constar tal objetivo no planejamento, os slides de apresentação que são sugeridos através de link em cada aula não fazem menção a alguma atividade sobre o próprio nome ou sobre a História de vida. Na figura 10, uma parte do livro didático que fala de mudanças e permanências, mas sem se referir a vida dos estudantes.

Figura 10 - Introdução à História, conteúdo de sexto ano



Fonte: Livro didático - História 6º ano (2024).

Transcrevo:

A história estuda justamente o processo de mudanças ocorridas nas sociedades, incluem-se aí as mudanças no campo de comunicação, da moda, da alimentação, da moda... Mas a História não estuda apenas as mudanças, também estuda as permanências

Em razão do conteúdo ser teórico, para torná-lo mais acessível foi que propus no caderno de atividades, uma entrevista com os familiares dos estudantes do sexto ano. Assim,

eles experimentam na prática o ofício do historiador como pede o descritor 24 da BNCC e podem verificar na prática e com a ajuda da História Local, a importância do conhecimento histórico.

O Currículo do Estado do Paraná, (CREP), convoca: “A partir do currículo – e com o suporte do livro didático – deve ser elaborado o plano de trabalho docente por meio da seleção de unidades temáticas, estabelecendo-se, neste plano, um diálogo com a vida prática dos(as) estudantes” (CREP, 2021, p. 06). A História assim construída, se aproxima do nível mais elaborado de consciência histórica.

Sobre como avaliar, o CREP de História anos finais (2021, p. 15), informa: “os instrumentos de avaliação devem se amparar no uso de fontes históricas e na organização das narrativas dos(as) estudantes que resultam da constituição do sentido da experiência do tempo deles(as). Assim, abordar o conteúdo sob a perspectiva da História Local não é uma tarefa simples, exigindo uma compreensão profunda dos objetivos e a elaboração de um planejamento que trace uma trajetória significativa. O objetivo da disciplina de História está expresso da seguinte maneira no CREP, 6.

A História, como componente escolar, deve promover a aprendizagem histórica a partir de uma perspectiva problematizadora e contextualizada, ou seja, a partir da realidade dos (as) estudantes. Para isso, o (a) professor(a) deve dominar os pressupostos que orientam o processo de ensino-aprendizagem, tais como a utilização de fontes históricas, as quais são compreendidas como evidências que apresentam possibilidades de compreensão sobre o passado em sua dimensão multiperspectivada, e em constante construção (CREP, 2021, p. 15).

Apoiado em Rüsen, no PPP do CEEC é enfatizada a importância de analisar e confrontar fontes históricas a fim de favorecer o conhecimento elaborado a partir de diferentes realidades e diferentes temporalidades:

As fontes históricas devem ser entendidas como evidências que auxiliam na compreensão de um passado específico, a partir das problematizações, análises e confrontos entre as mesmas, de modo que apontem suas relações com o presente e a possibilidade de articulação com expectativas de futuro. Tais elementos favorecem o conhecimento elaborado a partir de diferentes realidades, objetos, lugares, temporalidades, movimentos, pessoas e saberes (RÜSEN, 2015).

Portanto, a intenção é buscar o auxílio das aulas de História para construir autonomia para a vida presente dos estudantes. O processo requer disciplina, leitura e persistência, onde a melhoria dos métodos e da teoria acontece ao longo do caminho. Em Matelândia, aos poucos, as tentativas dessa articulação têm sido feitas, em parte em função desta pesquisa, as turmas de

quinto ano vieram visitar o colégio Euclides da Cunha, conhecer o ambiente, os professores e as dependências do colégio.

A fotografia da figura 11, ilustra o momento de interação em que os alunos com uniforme da rede municipal da Escola Municipal Claudino Zanon e professora, visitam as dependências da sala de professores do Colégio Euclides da Cunha. Uma simples visita não significa uma ligação ampla com a rede municipal, mas é um princípio de abertura de diálogo, uma iniciativa para a articulação.

Figura 11 - Visita ao Colégio Euclides da Cunha



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).

Quem organizou a visita foram as professoras de 5º ano da escola municipal. Aproveitei essa situação que tem se repetido na escola, para desejar-lhes boas-vindas e apresentar as turmas de sexto ano A e B. Boa parte dos alunos já se conheciam de anos anteriores e do Programa de Proteção à família (PROFAM) que frequentam no contraturno. Apresentei o livro didático de História e comentei que o bairro onde está localizada a escola onde estudam, Claudino Zanon, é comentada nas aulas de História.

Concluindo teste tópico, como ponto positivo, tem-se o fato de os alunos estudarem a história local nos anos do fundamental I. Todavia, a discrepância presente no fato de pôr um lado a história local ser cobrada no CRE para o sexto ano e por outro a sua ausência no material proposto para as aulas do sexto, sobretudo no momento inicial do ano letivo, destacam o problema enfrentado por professores e professoras do sexto ano. O aporte historiográfico do próprio ProfHistória contribui para o desenvolvimento desta questão.

1.5 A bibliografia do ProfHistória

Um caminho metodológico significativo deve-se ao estudo de dissertações do ProfHistória. Para organizar tal metodologia de estudo busquei no Portal do Programa Nacional investigar dissertações que se aproximavam da minha pesquisa. Em um primeiro momento utilizei no buscador pelas palavras-chaves “História local”. Essa busca resultou em um total de 161 dissertações. Ao refinar a busca, utilizei na sequência utilizei como palavra-chave “anos finais”, o que resultou em 46 dissertações, contudo, apenas parte delas, pontualmente, 15 delas, abordavam diretamente os anos finais, sendo, 12 contando no título “anos finais”; duas constando ensino municipal e uma constando “sexto ano”. Uma vez realizada a leitura dos respectivos resumos dessas 15 dissertações, selecionei um conjunto de cinco que mais se aproximavam da minha pesquisa. Na sequência apresento o resultado dos estudos dessas dissertações.

Algumas dissertações, também pautadas no estudo da História Local foram coincidentemente estudadas na disciplina sobre Estudo de História, uma delas, a de Gerson Ronaldo Medeiros do ano de 2016, que trata da produção de autobiografias por alunos do 6º ano do Ensino Fundamental como forma de refletir sobre trajetórias de vida e desenvolver noções do trabalho do historiador. O título: Reflexões sobre a experiência em sala de aula. Essa dissertação serviu para inspirar a primeira atividade que relatarei no capítulo 2, na qual refleti sobre a entrevista que fizeram com os familiares e como se sentiram no papel de historiador e relatar as próprias expectativas com o primeiro dia de aula, enfim, detalharei a atividade posteriormente.

Em um trabalho de análise da dissertação do ProfHistória, atividade proposta para obtenção da nota de parte da avaliação da disciplina do programa intitulada “Teoria da História”, selecionei o trabalho de Fernanda Granja Moreno do ano de 2021, intitulado: Ensino de História no 6º ano: a prática docente entre questões e possibilidades. Foi seu estudo que fez um apanhado de autores importantes que estudam a transição do quinto para o sexto ano. Entre as abordagens do texto, Fernanda citou que a municipalização do ensino das primeiras séries do fundamental e o ensino das séries finais, e médio ficando a cargo da rede estadual, configuram a prática docente entre questões e possibilidades, um fator dificultador do processo de transição entre o primeiro e o segundo segmentos do ensino fundamental, já que não há uma articulação administrativa e pedagógica entre Estado e Município que possibilite a continuidade desse sistema.

Com a dissertação da professora Fernanda Granja Moreno (2020) é possível ponderar sobre as diferenças entre os dois níveis de ensino, anos iniciais e anos finais, a professora utilizou-se da discussão sobre o conceito de “cultura escolar” utilizado por Dominique Julia, ao mencionar a diferença de comportamento entre o primeiro e segundo ciclo do Ensino Fundamental.

O termo pode ser igualmente utilizado para caracterizar a diferença entre aqueles que ingressam no CEEC, sejam oriundos das escolas municipais do mesmo município ou de outros lugares em relação aos alunos que estão habituados às regras formais e mesmo a aquelas regras que não estão escritas formalmente, o chamado currículo oculto da escola. Assim, a presença de Dominique Julia na obra de Fernanda Moreno, informa a necessidade de transposição didática, mas para além daquilo que é transposto pelo professor em termos de conteúdo, pois os estudantes ajudam a dar o tom nas atividades cotidianas da sala e contribuem para a compreensão do conteúdo, especialmente quando o estudo é sobre a história regional, assunto que tão bem conhecem.

É interessante notar como alguns autores se repetem nas referências bibliográficas das dissertações do ProfHistória, por exemplo: fomos convidados para assistir uma entrevista com o ex-aluno do ProfHistória UNESPAR, Giovani Marcos Bernini sobre sua dissertação: Lugares de memórias na rede: educação patrimonial, espaços públicos e linguagens digitais para o ensino de história. Embora não tenha trabalhado com alunos dos anos finais, mas sim com a História Local, Giovani busca a contribuição de Marlene Cainelli, para falar sobre a construção de memórias. “é preciso construir juntamente com a criança os meios para que ela entenda os procedimentos da construção historiográfica e como o historiador analisa os vestígios nos documentos para escrever a história” (CAINELLI; TUMA, 2009, p. 212).

Percebi a mesma autora na dissertação citada anteriormente de Fernanda Granja Moreno, dessa vez, para tratar da falta de diálogo entre professores na transição do Primeiro para o Segundo ciclo do Ensino Fundamental. Conforme tenho justificado, o diálogo com as pesquisas do ProfHistória serve como potente aporte para meu trabalho de relacionar a História Local com as expectativas dos alunos. Nessa dissertação, Fernanda Granja Moreno aborda as expectativas dos alunos frente à transição. Cabe ressaltar, essa preocupação não tem relação somente com a aprendizagem, mas também com a interação com os colegas.

Retomando a dissertação de Giovani Bernini, o autor busca apoio de Jörn Rüsen para falar de consciência histórica. Para Rüsen, a consciência histórica não é uma meta a ser alcançada, tendo em mente que todos os indivíduos já a possuem em alguma medida e por ser construída ao longo da vida, antes disso, seria ela que em grande medida atua nas formas como

os sujeitos se identificam, percebem e agem no mundo estabelecendo ligações entre as experiências (individuais ou coletivas), o tempo presente e as expectativas futuras.

Afinal, é possível relacionar História local à teoria da consciência histórica quando avaliamos como cada aluno participa da aula de História, atentar às informações orais, escritas que transmite ao falar de seu bairro e conectar os acontecimentos de seu lugar com acontecimentos vividos em outros tempos e/ou em outros lugares. Notadamente, alguns estudantes, mais do que relacionar, aproveitam o aprendizado para mudança de atitude ou para agir com mais prudência em determinadas situações.

Outras três dissertações do ProfHistória foram relevantes, pois ajudaram a construir e sustentar meus argumentos sobre o ensino de História na transição do quinto para o sexto ano e a importância da História Local. Menciono então o trabalho de Karla Elvira Gomes Guimarães, intitulado: Parnamirim: A História Local como ferramenta didática para o Ensino Fundamental I, o qual ajudou-me a perceber a importância de fazer a ligação daquilo que é estudado com o contexto vivido pelo aluno. A dissertação se inspira no Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Luis Fernando Cerri, com outras palavras, mas concordando que “o caminho é a releitura dos temas tradicionais da História local”, propiciando uma abordagem crítica e alternativa, que se beneficia do enfrentamento entre artificialidade da História construída e a da memória, isto é, a da experiência dos indivíduos. Esta leitura me fez argumentar, assim como destaquei anteriormente, que existem escritos sobre a História Local em Matelândia, cujos autores os fizeram com a intenção de que as obras fossem estudadas nas escolas e de fazerem um registro cuja escrita agradasse aos leitores que compartilham de suas versões sobre o passado local.

A história local é rica em diversidade e desempenha um papel crucial no currículo de História, contribuindo significativamente para a aprendizagem dos alunos. No entanto, quando a história local é abordada apenas com o objetivo de cumprir requisitos curriculares, corre-se o risco de manter uma distância entre o indivíduo e a própria história. A dissertação da professora Karla Elvira Gomes Guimarães (2020), ao fazer a caracterização do seu objeto de estudo, qual seja, a História Local, argumenta sobre a contribuição que a mesma tem para dirimir nos alunos a ideia de que o componente curricular de História “pode ser desnecessário e obsoleto.”. Por isso, mesmo a História Local deve ser feita de muitas perguntas e poucas respostas, pois só assim haverá efetiva participação dos estudantes na narrativa de sua História. A autora igualmente recorre a Luís Fernando Cerri (2008), para enfatizar que “a inserção da história local deve ser feita de tal forma que a sua abordagem contribua para um enfrentamento entre a

artificialidade da História construída e as experiências dos indivíduos” (GUIMARÃES, p. 51, 2022).

Ainda segundo a mestra: dentro do cotidiano escolar é possível observar a falta de conexão entre o que é ensinado e a história local. Produzindo assim uma falsa conclusão, por parte dos alunos, que tal aprendizado pode ser desnecessário e obsoleto. Muitos alunos questionam o porquê da necessidade de estudar determinados objetos de conhecimento dentro do componente curricular de História cujo contexto está muito distante das suas próprias realidades.

Portanto, esses alunos não compreendem por que necessitam estudar sobre fatos históricos que não tem relação com a sua própria história. De acordo com Brasilino (2021), uma das dificuldades de fazer essa conexão entre história geral e local muitas vezes ocorre devido à falta de material sobre os fatos históricos locais disponíveis nas escolas que possam ser utilizados como material didático (página 166). Assim, a pesquisa de Karla Elvira Gomes Guimaraes, extrai a importância de perceber os espaços de memória dentro do local de vivência dos estudantes a fim de tornar a História mais dinâmica e os fatos históricos mais palpáveis, embora eu tenha visto uma afirmação parecida em Barros, ficou mais acessível pelas palavras de uma colega que leciona História.

Igualmente rica e inspiradora, é a dissertação de Ana Vieira De Oliveira, (2021) intitulada: Este rio é mais que minha rua: a história contada através do Rio Paracauari, uma experiência de ensino de história em Salvaterra – Marajó/PA.

A pesquisa tinha por objetivo observar como os alunos de 6º ano percebiam a natureza para além da paisagem estática, como personagem dos acontecimentos históricos. Ana levantou questões na (p. 8), que foram importantes para refletir sobre a relação entre o exercício da cidadania no lugar em que os estudantes vivem, ela questiona: “Como as populações ribeirinhas entendem o acesso aos rios e à água doce? Como as populações tradicionais das florestas e das águas concebem a relação entre corpo, água, saúde e floresta? Como o processo de urbanização nos afasta da natureza e acentua diferenças sociais?”

O texto da colega me ajudou a escrever a atividade “Meu Lugar”, na qual descrevo, no capítulo 2, uma proposta aos alunos focada na necessidade de enfatizar que o local onde eles vivem é mais do que apenas suas casas. Além disso, proporciona aos alunos a oportunidade de expressar-se oralmente, por escrito e através de imagens sobre o bairro em que residem. Essa experiência singular pode levar à descoberta de maneiras de promover o entendimento e exercício da cidadania”.

Por fim, o texto de André Luís Correia da Silva Pereira (2016) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, intitulada: “Usos possíveis da história local e do aprendizado das noções de temporalidade na construção do conhecimento histórico no ensino fundamental” foi dos textos encontrados, o mais próximo aos objetivos da minha pesquisa. Segundo o resumo: “A pesquisa investigou usos possíveis da História Local na construção de conhecimento histórico em alunos do sexto ano do Ensino Fundamental, a partir da verificação de aprendizado sobre temporalidade”. Ainda de acordo com o resumo: “O objetivo principal se concentrou na relação entre o estudo do local, problematizado como espaço mais próximo da realidade do aluno, e as noções de tempo associadas às dinâmicas sociais presentes nos conteúdos ensinados nesta fase de escolaridade” (PEREIRA, 2016, p. 05).

Em suma, as dissertações do ProfHistória foram importantes para a escrita e para a criação do material didático final. Foi importante perceber em cada leitura, como a história local é carregada de afetividade, especialmente quando envolve memórias familiares, especialmente com pré-adolescentes.

Assim, a partir do aporte teórico e metodológico, do estudo curricular e da apresentação de parte da realidade do ensino de História na transição dos anos iniciais para os anos finais da rede pública de ensino em Matelândia, no capítulo seguinte apresentarei o contexto de produção e desenvolvimento de atividades sobre História Local com meus alunos.

CAPÍTULO 2: ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Este capítulo pretende seguir com a problematização e defesa do uso da História Local como um elemento significativo para a transição entre anos iniciais e anos finais. Para tanto, apresenta atividades por mim desenvolvidas nos sextos anos, no período de 2022 e 2023, todas focadas na História Local.

Assim, ao abordar os desafios éticos que norteiam o ensino, bem como pelas demandas do currículo vigente, elaborei atividades de cunho formativo e prospectivo. As atividades serão apresentadas no intuito de promover a realização de revisão e problematização dos seus resultados. De maneira geral, as três atividades servem para análise e reflexão do processo desenvolvido ao longo de toda a pesquisa, iniciada com o reconhecimento do objeto e culminando na proposição de atividades, as quais serão detalhadas no próximo capítulo, em forma de caderno temático.

O capítulo está dividido da seguinte forma: cada subtítulo corresponde a uma atividade desenvolvida. No subtítulo 2.1: “Mudanças e permanências” o objetivo foi alcançar o conceito de História. Ao interpelar os alunos com uma pergunta que seguramente sabem da resposta, esperava que comparassem suas respostas com a dos colegas e percebessem que alguns dão mais importância ao ambiente físico, enquanto outros percebem mais a organização das atividades. Enfim, as percepções variam de um estudante para outro, mas todos percebem que há aspectos que se modificam do quinto para o sexto ano.

Após os alunos apontarem as mudanças percebidas em relação à escola do ano anterior, introduzi o conteúdo explicando que a matéria de História estuda, essencialmente, as mudanças e as permanências que acontecem nos lugares. Além de introduzir o conteúdo, utilizei uma metodologia que permitisse os alunos compreenderem e associarem esses conceitos às suas próprias vivências.

Ainda com relação às atividades sobre mudanças e permanências, posteriormente convidei a senhora Gema Oro, que foi diretora do colégio em 1994, para responder às perguntas dos estudantes sobre como era ser diretora em uma época anterior ao nascimento deles.

No subtítulo 2.2, intitulado “A História do colégio sob a ótica dos familiares e a relação com a comunidade escolar” o objetivo foi compreender como os familiares se sentem em relação ao colégio, ouvir relatos sobre as experiências vividas pelos pais na instituição e levar os alunos a encontrarem fontes orais sobre o passado. Dessa forma, buscou-se mostrar que há diferentes maneiras de escrever a história.

A sequência dessa atividade, o subitem 2.3, foi marcada pela atividade intitulada “Meu lugar”. A atividade desenvolvida teve a intenção de ampliar o conhecimento que o estudante tem do seu bairro, com foco em desenvolver a atenção para a paisagem ao seu redor, incentivando-o a observar a paisagem ao seu redor para identificar aspectos como a segurança do entorno de sua casa e as possibilidades de diversão e aprendizado nas proximidades.

Por fim, relato a dinâmica realizada no subitem atividade 2.4, que encerrou o ano letivo de 2022. Os alunos do 6º ano A e B estavam reunidos na sala 1 para assistir a um filme, enquanto eu estava em hora-atividade. Encontrei o momento oportuno, pois reunia as duas turmas que eu trabalhei durante o ano letivo, para entregar as folhas com as perguntas impressas e eles, os alunos, responderam sobre as expectativas que tinham e como se sentiam no último mês do ano. Na mesma manhã, após o preenchimento, as questões compuseram o repertório da roda de conversa adaptada com a dinâmica do jogo de perguntas que desenvolvi com eles na quadra.

2.1 Mudanças e permanências: questionamentos aos alunos e entrevistas

Nos conteúdos relacionados ao que é a disciplina de História, o que ela ensina, quais os conceitos mais utilizados e como aborda o contexto local, o plano de aula oferece uma sugestão de aula para desenvolver a percepção de que o ensino de História se compromete a articular lembranças com memórias, que, segundo Maurice Halbwachs (1990, p. 26), são sempre coletivas, “mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos”, pois, conforme o autor, “em realidade, nunca estamos sós”. Afinal, da ligação entre as memórias são estabelecidas narrativas que informam valores. A História, enquanto disciplina, tem, conforme Cainelli (2010, p. 23), a finalidade de capacitar os alunos a utilizarem-se das informações para a transformação de sua própria personalidade, assim como para atuar de maneira efetiva na transformação da sociedade.

Desse entendimento, iniciando as atividades de pesquisa com os alunos, em 2022, propus aos estudantes da turma de sextos anos no período da manhã e da tarde responderem a seguinte pergunta: “A.R.: Existe diferença entre a escola em que você estudou anteriormente e o colégio que você estuda atualmente?” De uma forma geral, as respostas indicaram que, sim, há diferenças. As respostas mostraram que no colégio não tem parquinho, que uma aula dura 50 minutos, e fica mais clara a mudança de uma aula para outra porque também muda o professor (a), diferentemente da escola de nível Fundamental I, onde estudaram em anos anteriores.

Figura 12 - Pesquisa sobre as diferenças entre escola e colégio (participante 1)

Pesquisa para a roda de conversa com estudantes de sexto ano – mestranda Adriana Remor-
ProfHistória – Campo Mourão

1. Qual é o seu nome? Em que turma você estuda?
2. Qual é o seu bairro?
3. Você está satisfeito com o seu colégio?
4. O que você mais gosta no seu colégio?
5. O que você menos gosta no seu colégio?
6. Qual foi a última escola em que você estudou antes do Colégio Euclides da Cunha?
7. Qual a sua expectativa em relação a estudar este ano no colégio Euclides da Cunha?
8. Que diferença você percebe entre estudar no 5º ano no ano passado para o 6º ano nesse ano?

Nome: [illegible]
Turma: [illegible]
Bairro: Vila Nova
Satisfeito: Não
Mais gosta: A comida
Menos gosta: Que não tem brinquedos
Última escola: Colégio Euclides da Cunha (de 08/02 até 20/02)
Expectativa: ficar mais inteligente
Diferença: Novas atividades e mais matérias

Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Chegar a alguma conclusão analisando respostas que não possuem alternativas objetivas não é tarefa fácil, mas podemos considerar a quantidade de questionários distribuídos aos alunos: 74 questionários para três turmas. Como a atividade de respondê-los foi feita em sala de aula, 66 voltaram preenchidos.

Nos sextos anos do ano de 2022, alguns alunos, em torno de 3 ou 4 por sala, regressaram para as aulas presenciais com dificuldade na escrita e na leitura. O período da pandemia os atingiu ainda em fase de alfabetização, e, para conseguir escrever o que queriam expressar, precisaram de ajuda da pesquisadora e pela professora regente da sala.

Em relação ao bairro de residência, 21 alunos responderam que moram na Vila Nova. Mais tarde, quando descrevo a atividade “roda de conversa”, detalharei como os alunos caracterizam o seu bairro. Além disso, 16 alunos afirmaram morar no bairro Vila Pazza, 13 no bairro São Cristóvão e 4 no centro. Outros 16 alunos vêm de outras localidades no interior e de outros bairros.

Quanto à satisfação com o colégio, 58 alunos declaram estar satisfeitos, enquanto 8 afirmaram não estar.

Sobre o que mais gostam no colégio, foram frequentemente citadas as aulas de educação física, o jogo de tênis de mesa sempre disponível no saguão, os novos colegas e os professores e as pedagogas. É possível perceber que as aulas ou atividades de História não foram reconhecidas nesse levantamento.

O que menos gostam, os alunos citaram as brigas, o barulho dentro da sala, os palavrões e as intrigas causadas por alguns colegas com fofocas.

As diferenças percebidas pelos alunos do Colégio Euclides da Cunha em relação às escolas que estudaram anteriormente referem-se à falta do parquinho, à quantidade de pessoas, seja funcionários e alunos, e um número bem maior de salas de aula.

Além da utilidade prática de oportunizar um lugar de fala aos estudantes, oferecer argumentos para análise, a atividade também é importante para o professor abordar o conteúdo sobre o conceito de História, associando-o ao slide 8, na aula 1 do Planejamento da disciplina de História que informa o objeto de estudo da matéria: os processos de mudanças e permanências.

Introduzir o assunto que informa mudanças e permanências a partir da transição escolar do Nível Fundamental I para o nível Fundamental II é viável pelos motivos já expostos e por ser um assunto de conhecimento do estudante, podendo, por isso, ser abordado oralmente em uma roda de conversas, servindo como “quebra-gelo”, enquanto a maioria dos colegas que estuda na sala ainda não se conhecem. A metodologia tem função, também, de incentivar a oratória sem que o professor fique apreensivo temendo a falta de participação por desconhecimento, já que as respostas são pessoais e não há resposta certa ou errada, e, também porque será através das respostas sobre a escola em que estudou anteriormente, a descrição feita pelo (a) aluno(a), que o professor poderá entender o que o estudante considera importante no ambiente escolar. Uma das facilidades do estudo de História local é a troca de informações sobre essa diversidade de costumes e de trajetórias de vida.

Apesar de ser um trabalho interessante, a maior dificuldade que senti como professora do 6º ano foi ensiná-los a esperar sua vez de falar e a saber ouvir o outro. Todos querem falar ao mesmo tempo e o ambiente fica tumultuado. Alguns alunos relataram dificuldades nos conteúdos de História, especialmente quando lidaram com conceitos mais complexos no sexto ano. A nova metodologia de ensino também foi um aspecto que alguns estudantes sentiram diferença: para as atividades que realizei, a interação com a família e a expressão oral foram muito utilizadas, o mesmo não acontecia nas aulas da rede municipal. Vale ressaltar que essas aulas mais dinâmicas estão relacionadas com o Projeto de pesquisa para a dissertação. Em aula, costumava utilizar o livro didático, leitura individual, explicações e, posteriormente, questionários orais e escritos. No entanto, o projeto fez-me buscar um conhecimento mais aprofundado sobre a realidade dos estudantes.

Perceber o outro não é uma tarefa fácil no mundo agitado do Colégio Euclides da Cunha com um público tão variado. Mas Jorge Larossa (2017) é muito persuasivo em suas palavras, em seu livro intitulado “Tremores”, Larrosa afirma que:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LAROSSA, 2017, p. 24).

Se creio que a educação é capaz de transformar e acredito na escola pública como o local adequado para ajudar a sociedade nessa transformação, preciso acreditar que é possível desenvolver com os estudantes uma dinâmica capaz de suspender o automatismo da ação. Por diversas vezes na sala de aula, tenho relembrado as palavras de Larossa ouvidas na disciplina de Ensino de História e as repito mentalmente como um mantra para cultivar a paciência e manter o foco no ambiente que eu gostaria de estabelecer de acordo com as condições necessárias para o estudo.

Não foi muito democrática, nem didática, a forma como assegurei o silêncio e o direito de ser ouvida durante a aula nos sextos anos. Na maioria das vezes, ao entrar na sala, pedia que se sentassem e que anotaria o nome do(a) estudante que permanecesse em pé, caminhando pela sala, fora da carteira. Os alunos desatentos eram alertados pelo colega, que chamava atenção para o meu caderno e a caneta em punho. Aos poucos, a sala ia silenciando e eu dava início à aula. Apesar de o curso de licenciatura nos fornecer a teoria e os conselhos de Larossa, quase sempre usamos estratégias que deram certo em outro momento de nossa prática.

A intenção era fazer oralmente as perguntas, esboçadas na imagem da figura 12, mas anotar as respostas de todos os que queriam participar ficou inviável, então fiz por escrito e informei que, além de servir para o estudo deles, serviria também para a minha escrita no mestrado. Os estudantes responderam ao questionário que conduzi e entre os quais selecionei algumas atividades:

Figura 13 - Pesquisa sobre as diferenças entre escola e colégio (participante 2)

Pesquisa para a roda de conversa com estudantes de sexto ano – mestranda Adriana Remor-
ProfHistória – Campo Mourão

1. Qual é o seu nome? Em que turma você estuda?
Miguel Antonio, 6^o E, tarde.
2. Qual é o seu bairro?
Centro.
3. Você está satisfeito com o seu colégio?
Sim.
4. O que você mais gosta no seu colégio?
Os professores e colegas.
5. O que você menos gosta no seu colégio?
Bancadas.
6. Qual foi a última escola em que você estudou antes do Colégio Euclides da Cunha?
Alon Brasil.
7. Qual a sua expectativa em relação a estudar este ano no colégio Euclides da Cunha?
Bom, acho que vou aprender mais conhecimento.
8. Que diferença você percebe entre estudar no 5^o ano no ano passado para o 6^o ano neste ano?
Mais pessoas, mais professores e mais matérias.
Mais pessoas, mais professores e mais matérias.

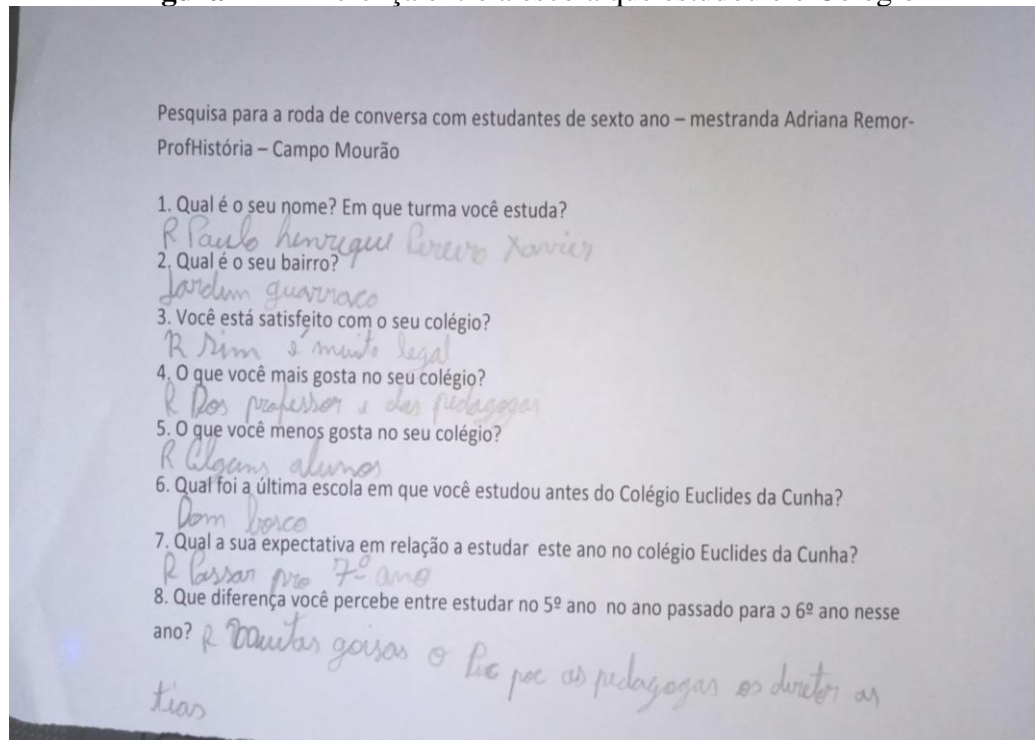
Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Alunos da manhã estudam no 6^o ano A, B e C e as turmas da tarde são D, E e F. Assim, o exemplo acima trata-se de uma resposta de estudante do período da tarde, da qual eu não era professora regente. Uma colega minha concordou em ceder a sua aula e, inclusive, me ajudou a desenvolver a atividade com os estudantes.

Enquanto alguns se impressionam com a quantidade de pessoas circulando no saguão e corredores do colégio, outros se preocupam se darão conta da atividade. Alguns já encontraram seu lugar preferido no colégio, no saguão, ao redor das mesas de tênis de mesa; este é o local onde o aluno se solta. O intervalo é o momento mais aguardado do dia e, quando bate o sinal, a inspetora de alunos chama uma vez, a pedagoga outra, mas ele só se dirige para a sala quando vê o saguão esvaziando, quando a maioria dos alunos já está dentro da sala. Outros apreciam a brincadeira de Três Cortes, como informaram em suas respostas. Penso que o motivo é estar junto com os colegas. É um desafio para os professores lidarem com a chegada constante dos alunos, muitas vezes resultando na perda dos primeiros dez minutos de aula após o intervalo.

Alguns alunos entram assim que o sinal toca, mas uma minoria lembra de tomar água, ir ao banheiro ou encher a garrafa d'água só depois que o sinal bate. Daí, as 8 torneiras dos dois bebedouros ficam insuficientes para a aglomeração em volta do local.

Figura 14 - Diferença entre a escola que estudou e o Colégio



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Certamente, eu deveria ter procedido à correção nas frases dos estudantes logo que recebi as respostas, mas, por falha minha, querendo analisar os resultados do que foi escrito e chegar a alguma conclusão, deixei de dar a devolutiva para os estudantes quanto à ortografia, já que o objetivo primeiro, era fazê-los falar sobre o que escreveram.

Relutei muito em divulgar as imagens do trabalho impresso da pesquisa devido a essa falha minha em corrigir, mas compreendo que elas são a confirmação do que foi feito dentro dos limites do tempo, do imprevisto de um projeto de pesquisa que, em 2022, estava em construção. Após serem divulgadas, as imagens dão acesso tanto para a pesquisadora quanto para o leitor ao pensamento do estudante, à sua forma de escrever e ao processo que pode ser aprimorado após algumas correções.

A atividade oportunizou ainda uma conversa inicial sobre mudanças e permanências, e pude introduzir o conceito de História como processo. As primeiras páginas do caderno de atividades vão detalhar o diálogo possível a ser feito.

Mas, afinal, qual é a necessidade de entender as expectativas dos alunos no momento da chegada, para então se pensar no conteúdo e nas metodologias das aulas de História?

A compreensão das expectativas dos alunos no início do curso é fundamental para o planejamento de conteúdo e metodologias de ensino em História. Isso porque, ao entender as expectativas dos alunos, o professor pode reavaliar o conteúdo e a metodologia de ensino para

atender às necessidades e interesses dos alunos, tornando o processo de aprendizagem mais eficaz e envolvente.

Os pontos positivos dessa atividade foram poder ouvir os alunos que se sentiram motivados a falar sobre suas expectativas e as diferenças entre os ambientes. Como pontos de atenção, posso citar a dispersão dos alunos durante a continuidade da atividade, quando eu objectivei falar sobre a mudança de ambiente para introduzir o conceito de História, inspirada em Marc Bloch (2001). Segundo Bloch, a História é a ciência dos homens no tempo. Para ele, é impossível reconstruir integralmente o passado. Deixei de inserir na apresentação algumas imagens das fachadas das instituições de ensino, o que, refletindo agora, teria expressado melhor os objetivos da aula e ajudado a chamar a atenção dos estudantes para a minha exposição oral sobre o que é o processo histórico e o que a História estuda.

Trazer para a sala, em apresentação digital, as imagens da escola anterior e da instituição em que estudam atualmente seria uma maneira de conectar o ensino de História com a vida cotidiana dos alunos.

A maioria dos estudantes espera fazer novas amizades, ser aprovada ao final do ano e, em terceiro lugar, informam que adquirir novos conhecimentos é sua expectativa ao frequentar o colégio.

Figura 15 - Escola Municipal Claudino Zanon



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Figura 16 - Escola Municipal Dom Pedro



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Figura 17 - Escola Municipal Dom Bosco



Fonte: Câmara Municipal de Matelândia (2023).

Figura 18 - Escola Municipal Vovô Cassiano



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Uma outra forma de conectar o estudo da História Local foi solicitar a eles que entrevistassem seus familiares sobre como eles se relacionam com a escola em que estudam.

2.2 A relação com a comunidade escolar: Entrevistas com os pais sobre o tempo de escola

Ainda em 2022, retirei do PPP o histórico do colégio, que informa as tratativas para a instalação da escola desde o início, como foi a mobilização das pessoas e o ano em que começou a funcionar. Também trouxe para a sala a fotografia do quadro de todos os diretores que atuaram nos quase 60 anos de existência do colégio.

Foi a partir desse quadro que os estudantes ficaram interessados em saber sobre os ex-diretores, como, por exemplo, se tinham vontade de voltar para a escola e se havia mudanças em relação ao período em que foram diretores. Uma aluna, que aqui chamaremos de MGZ, em 2022, comentou: 'Quando a diretora Gema esteve no colégio, percebeu as televisões acopladas aos notebooks e informou que, na época em que foi diretora, nem as TVs laranjas existiam ainda.'

Figura 19 - Quadro dos diretores



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

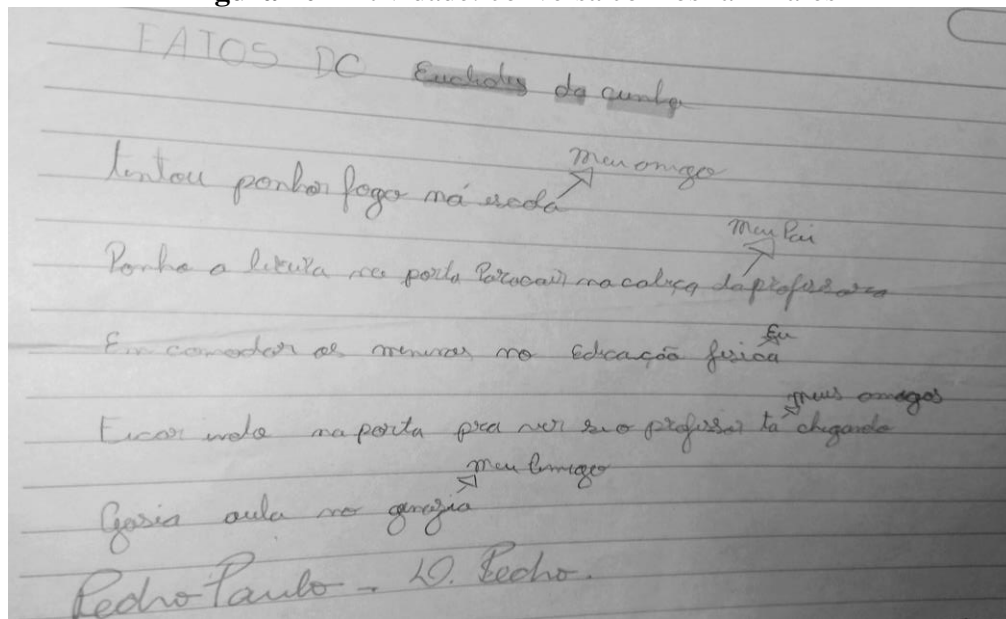
Após essa exposição, solicitei que perguntassem aos seus familiares sobre ter estudado e como se sentiam estudando no Euclides da Cunha e anotassem as respostas.

Também pedi que perguntassem quem era o diretor ou diretora na época que os pais foram estudantes. Na figura abaixo, um dos exemplos, que transcrevo pela dificuldade da leitura: O aluno intitidou a escrita da entrevista como 'Fatos do Euclides da Cunha' ele diz:

Tentou ponhar fogo na escola → meu amigo
 ponhou a lixeira na porta para cair na cabeça da professora → meu pai
 Incomodar os meninos na Educação física → eu
 Ficar indo na porta ver se o professor tá chegando → meu amigo
 Gazeou aula no ginásio → meu amigo G.S, 2022

Da próxima vez que eu solicitar que entrevistem pessoas, vou solicitar que informem o ano em que os fatos ocorreram, para iniciar uma reflexão sobre se houve mudança de concepção das pessoas em relação aos objetivos e à forma de se relacionar com o colégio. O trabalho ficará mais completo com essas informações pois oferecerá o contexto em que os fatos aconteceram.

Figura 20 - Atividade: conversa com os familiares



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Coordenar um colégio com muitos alunos apresenta seus desafios, sendo que uma das principais desvantagens reside no tempo que demanda para conhecer cada estudante de maneira individualizada. No caso da atividade acima, o aluno informa, sem nenhum mal-estar, que o pai equilibrou um lixeiro no alto da porta entreaberta para que quando ela fosse aberta, atingisse a cabeça da professora. Admite que ele próprio incomoda os meninos na Educação Física e seu amigo tentou pôr fogo no colégio enquanto outro amigo faltou à aula no ginásio de esportes do colégio. Eles aproveitam e se misturam aos alunos de outras turmas, uma indisciplina que provavelmente não aconteceria em uma escola menor, onde o professor conhece todos os seus alunos.

Ainda assim, teria sido importante eu ter perguntado como terminou o episódio do lixeiro sobre a porta; explicar que havia sujeitos envolvidos naquele fato; informar que o local que eles utilizam e o serviço da professora são públicos e explicar o significado da palavra “público”. Embora não seja o foco principal, sempre é possível aproveitar o momento para enfatizar conteúdos que são importantes e que, oportunamente, fazem parte do estudo sobre o que é História. Um dos conceitos é patrimônio. Ao se deparar com a situação de afronta é necessário pensar em estratégias para associar a identidade da instituição com as pessoas que a compõem. Outros alunos descrevem suas experiências e a de seus pais; ao que parece, eles têm aprendido a gostar do colégio.

Transcrevo:

Não gostei do meu primeiro dia de aula porque foi chato, mas hoje eu gosto um pouco mais. Jogando 3 cortes¹³ aos recreios e quando (vou) terminando as atividades (em sala), leio mangá, um livro japonês. O meu pai e a minha mãe começaram a namorar quando estudavam no colégio.

Figura 21 - Familiares que frequentaram o Colégio Euclides da Cunha (participante 1)

Depois de ter escutado a sua professora sobre o histórico do colégio, você deve ter muitas histórias para contar sobre como se sente em relação ao colégio, histórias de seus familiares dos anos em que frequentaram... enfim, histórias que serão escritas coletivamente. Para dar início à essa escrita, peço que realizem a seguinte atividade:

Pense nos seus pais, irmãos, as pessoas com quem você convive e relate:

a. Seus familiares frequentaram o Euclides da Cunha? *Sim*

b. Você se lembra de alguma história que eles contaram para você sobre a vivência deles no colégio? *Sim*

Não gostei dos meus primeiros dias de aula por que foi chato mais a hoje eu gosto um pouco mais jogando 3 cortes aos recreios e quando terminando as atividades leio mangá um livro japonês. O meu pai e a minha mãe começaram a namorar quando estudavam no colégio.

Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Figura 22 - Familiares que frequentaram o Colégio Euclides da Cunha (participante 2)

Pense nos seus pais, irmãos, as pessoas com quem você convive e relate:

a. Seus familiares frequentaram o Euclides da Cunha? *Não*

b. Você se lembra de alguma história que eles contaram para você sobre a vivência deles no colégio? *Meu pai na escola.*

Ele não tinha dinheiro para comprar um lanche para comer e pedir para os outros um pedaço sempre alguém dava um pedaço pra ele.

• não tem

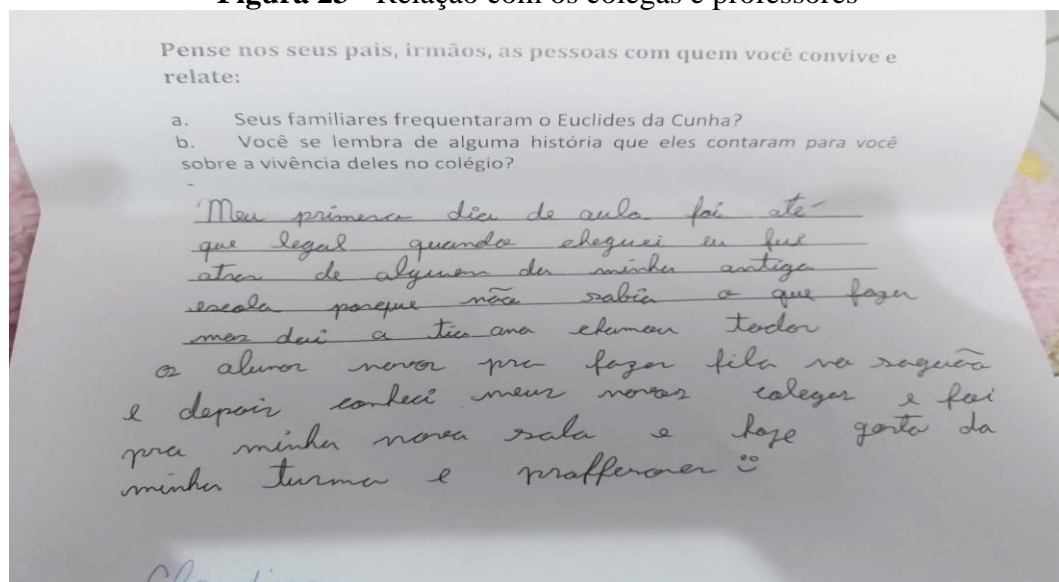
Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

¹³ Três cortes é uma brincadeira com bola.

Transcrevo: “Meu pai na escola, ele não tinha dinheiro para comprar um lanche para comer e pedia para os outros um pedaço, sempre alguém dava um pedaço para ele.”. aluno: NOS, 2022.

Ao longo de quase 60 anos de história, muitas vivências aconteceram no Colégio Estadual Euclides da Cunha. Os depoimentos sobre as histórias dos pais não são conclusivos. Enquanto alguns se orgulham das 'artes' que fizeram na época de colégio, em outros pais é possível perceber, na forma como relatam sua experiência com a escola aos filhos, uma atmosfera de solidariedade e afeto pelas relações que se estabeleceram entre as pessoas. As memórias são transmitidas aos filhos com carinho.

Figura 23 - Relação com os colegas e professores



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Aprender a conviver faz parte também do currículo que não é estabelecido através de teorias, mas através da prática cotidiana. Como professores, podemos aproveitar os depoimentos dos estudantes sobre a vida de seus pais para falar do processo de humanização que se dá com o desenvolvimento da linguagem que permite a comunicação e capacidade de raciocinar e reter memórias. Afinal, como afirma Carlos Henrique Farias de Barros,

O ensino de História Local ganha significado e importância no ensino fundamental, exatamente pela possibilidade de introduzir a formação de um raciocínio de história que contemple não só indivíduo, mas a coletividade, apresentando as relações sociais que ali se estabelecem na realidade mais próxima.¹⁴

¹⁴ http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/junho2013/historia_artigos/barros.pdf

O professor após compartilhar verbalmente com a turma, socializando as respostas dos estudantes, pode comentar as diferenças de opiniões: enquanto alguns consideram a mudança de escola positiva, outros nem tanto. Enquanto alguns consideram os atos de indisciplina como inaceitáveis, em outras famílias tais atos são tidos como banais.

Para que não haja um embate desnecessário em torno dessas opiniões, é importante estabelecer que “em cada acontecimento, os testemunhos divergem segundo as simpatias e a memória de cada um” como afirma Le Goff no livro *Memória e História* (1990, p.114).

O professor pode perguntar aos alunos: - A que se deve essa diferença de opiniões? Esperar as respostas e afirmar que o gosto do (a) aluno (a) por tranquilidade ou agitação, manter a ordem ou não, ler mangá ou jogar tênis de mesa, pode ser influenciado por alguns fatores, entre eles, o ambiente familiar, que sempre é influenciado pela história da família ao longo do tempo.

No caso do sexto ano em que desenvolvi a atividade, havia muito barulho no início das aulas. Isso porque a escola, mais do que um local de instrução e transmissão de saberes, passou a ser considerada como um espaço configurado e configurador de uma cultura escolar, onde se confrontam diferentes forças e interesses sociais, econômicos, políticos e culturais (FORQUIN, 1993).

O que penso a respeito do barulho no início das aulas é que, por um lado, há um sistema escolar com regras de funcionamento, divisão do ano letivo em trimestres, onde existem prazos curtos para entrega dos resultados das avaliações feitas pelo professor, e pressões para que, tanto quanto possível, se evite reprovações. Por outro lado, há adolescentes alheios a esses interesses, querendo viver o que aprendem nas mídias de vídeos curtos, incapazes e menos inclinados ainda a prender a atenção ao mesmo assunto por muito tempo, e menos ainda a ouvir ou saber o que tem a dizer seus professores, testando os limites da liberdade, da seriedade das regras escolares e também da maleabilidade de cada professor que entra na sala.

A justificativa do sistema escolar para a não reprovação é aquela que levantei no capítulo anterior, ou seja: os índices de aprovação, percentual de abandono e resultados nas avaliações externas compõem o IDEB, um instrumento de verificação da qualidade e também um dispositivo de responsabilização educacional. A não reprovação e o não abandono significam um ano a menos de gastos com alunos que, se reprovados, teriam que repetir o ano, o que resultaria em mais um ano de utilização do transporte escolar, dos serviços dos professores e da estrutura dos colégios como um todo.

Há quem diga, não sei exatamente com que palavras, mas afirmam que o professor que consegue lecionar para um sexto ano é capaz de enfrentar qualquer trabalho na vida. Exageros à parte, do outro lado do sistema escolar com suas regras, existe o estudante de sexto ano, em

fase de adaptação de conduta, fase de crescimento físico e de mudanças hormonais, vivendo em um tempo mais fugaz que adolescentes de outras gerações. O pouco interesse pela aula estruturada tão tecnicamente não é uma ofensa, uma oposição premeditada, é mais o reflexo da sociedade em que vive e da contemporaneidade. Como afirma Maximiliano Valerio López na Revista Educação em Foco (2015, p. 144): “Edificada sobre a negação e a mudança, sobre um instante fugitivo, sem duração nem densidade, a sociedade moderna tornou-se uma sociedade sem presente. Tudo passa, essa é a convicção suprema sobre a qual se ergueu o mundo moderno.”

2.3 Percepções sobre o tempo: Estudo com fotografias

O objetivo desta atividade é entender o tempo cronológico como uma construção humana. Próximo dos dez anos, o pré-adolescente é capaz de desenvolver mais empatia, compreender informações e situações de vida diferentes das suas, além de ser capaz de entender alguns conceitos mais abstratos, não palpáveis. Por isso, é importante iniciar exercícios que levem à reflexão sobre a organização da cidade, do seu espaço, do seu tempo através do calendário e das relações que se estabelecem nesse tempo e nesse espaço.

O tema não foi uma escolha aleatória. A unidade temática 'História e Tempo' e o conteúdo 'Contagem do Tempo' fazem parte do nivelamento proposto pelo planejamento da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, por meio da plataforma LRCO.

Esta aula foi inspirada na atividade 2 (2022, p. 71) da dissertação de Solimara Aparecida Tertuliano: 'Ensino de História e fotografia: uma proposta de estudo das transformações das paisagens urbanas para os anos iniciais', cujo objetivo é exercitar o trabalho de análise comparada. Justifico a atividade informando que as fotografias capturam momentos únicos, congelando instantes que, de outra forma, se perderiam na memória. Cada imagem conta uma história, revela mudanças sutis e marcantes, e nos permite refletir sobre o passado. Observar uma série de fotografias ao longo dos anos pode nos mostrar a evolução de pessoas, lugares e costumes. Podemos ver como crianças se transformam em adultos, como as paisagens mudam com as estações, e como a moda e a tecnologia avançam com o tempo. Além disso, as fotografias nos conectam emocionalmente com momentos importantes de nossas vidas. Elas têm o poder de evocar sentimentos de nostalgia, alegria, saudade e até mesmo tristeza. Ao folhear um álbum de fotos antigas, podemos reviver experiências, reencontrar rostos queridos e lembrar histórias que moldaram quem somos.

Em suma, a fotografia é uma ferramenta poderosa para perceber e apreciar a passagem do tempo. Ela nos oferece uma janela para o passado, nos ajuda a valorizar o presente e nos inspira a sonhar com o futuro. Na ocasião da atividade, solicitei aos alunos que trouxessem para a sala fotografias de objetos antigos que pudessem demonstrar a passagem do tempo. Ou mesmo sobre como a tecnologia impacta nossa vida cotidiana. Vieram relatos que diziam que, quando a avó deu à luz à sua mãe, a família materna foi avisada no dia seguinte, quando uma vizinha atendeu ao orelhão e pediu que o filho avisasse sobre o ocorrido. Diferente do seu nascimento, cujas fotos foram enviadas assim que a bebê chegou ao quarto, logo após o parto.

Figura 24 - Mudanças na forma de comunicação ao longo do tempo



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

O conceito de durações de tempo, utilizados nesse plano de aula, é inspirado em Schmidt e Cainelli (2004, p. 07) “a compreensão dessas durações constitui parte do processo de assimilação das durações da realidade social e contribui para o entendimento da duração de acontecimentos históricos, de movimentos sociais e de guerras, por exemplo”.

2.4 Meu lugar: os estudantes desenham a paisagem do seu bairro

Nesta atividade, apresentei o Histórico do colégio contido no PPP, como um exemplo de narrativa. Expliquei que, como o colégio tem seus momentos históricos, a história de um

bairro também tem seus momentos marcantes, que estão na lembrança de seus moradores, no caso, os alunos e seus familiares.

Introduzi através de uma apresentação na tela de Televisão ¹⁵, o histórico do colégio retirado do Projeto Político Pedagógico que transcrevo abaixo:

HISTÓRICO DA ESCOLA

O Colégio Estadual Euclides da Cunha, foi criado a partir da necessidade da comunidade escolar, pois no município não havia uma instituição que oferecesse o ensino de quinta a oitava série aos filhos das famílias aqui residentes e municípios próximos.

Um grupo de professores juntamente com o prefeito buscou auxílio político para a realização e implantação deste estabelecimento.

O primeiro nome do Colégio foi “Ginásio Estadual de Matelândia”, em 1964, no ato de sua criação e teve como primeira diretora a Senhora Lerides Pagnoncelli Lima, nomeada pela Autorização nº. 203/64.

Nesta data o Colégio contava com apenas duas turmas da 1ª série ginásial, com 64 (sessenta e quatro) alunos e 6 (seis) professores, os quais eram: Lerides P. Lima (Português); Dr. Mário Lima (Iniciação às Ciências); Santo Zanchett (Francês); Oneida P. Zanchett (História do Brasil e Desenho); Olivo C. Biazus (Matemática) e Alcides Boschetti (Geografia). O secretário da escola era o Senhor Olívio Massarollo, com Autorização nº 527/64.

Seu espaço físico era de madeira e contava com apenas duas salas de aula, dois banheiros, uma cozinha, e uma sala onde os professores se reuniam para trocar ideias e aprimorar os conhecimentos para então repassá-los aos alunos.

O nome Euclides da Cunha foi escolhido por um grupo de pessoas em reunião no dia 01 de dezembro de 1970. Motivo: por ser um grande escritor brasileiro que destaca a terra, o homem e a luta em sua obra "OS SERTÕES". Em 1971 passou a denominar-se “Ginásio Estadual Euclides da Cunha” (COLÉGIO EUCLIDES DA CUNHA, 2023, p. 10).

Foi importante destacar a atuação da primeira diretora, hoje falecida, a senhora Lerides Pagnoncelli de Lima, que esteve presente na comissão que solicitou a construção da escola e, posteriormente, se tornou a primeira diretora assim que o colégio entrou em funcionamento. Em 1964, um período em que a figura masculina tinha e ainda tem mais crédito na administração pública, especialmente para cargos de liderança, o exemplo dessa mulher vai na contramão dos acontecimentos.

Em Matelândia, atualmente, no Colégio Euclides da Cunha, a equipe de direção é composta por um diretor, um vice-diretor e uma vice-diretora, em um colégio onde a maioria dos funcionários é do sexo feminino. Nos outros dois colégios nos distritos do município, também são diretores e não diretoras que ocupam o cargo. Chamei a atenção dos alunos para esse fato enquanto apresentava o histórico do colégio.

¹⁵ Link da apresentação:

<https://docs.google.com/presentation/d/1PrK0rpy9meqsD5liYOdUzIXyCREkANGD60xw5KKC6SQ/edit?usp=ssharing>

As instituições de educação mais recentes são construídas em alvenaria, e estudantes nascidos há menos de quinze anos não viveram — ao menos os estudantes das turmas trabalhadas nesta pesquisa — a realidade de estudar em salas multisseriadas de madeira, nem de ter que caminhar alguns ou muitos quilômetros para chegar até a escola. Para eles, aquilo que estava sendo transmitido na apresentação não faz parte da realidade em que vivem.

Ao escolher o plano de fundo da apresentação em formato PowerPoint, optei por algo que lembrasse papel envelhecido, para dar a noção de quão antigo é o colégio em comparação com as datas de nascimento dos alunos. À medida que eu apresentava os slides, comparava com situações que pudessem ser imagináveis para os estudantes, fazendo afirmações como:

No ano da inauguração do colégio, seus avós provavelmente eram crianças pequenas.

Figura 25 - Apresentação do histórico do Colégio Euclides da Cunha



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

A atividade desencadeou uma série de comparações que os alunos fizeram entre o presente e o passado, tanto na forma de vestir quanto no acesso ao alimento e recursos para prepará-los e conservá-los, além do modo de viver das pessoas. Aproveitei a empolgação da turma para perguntar: 'E agora, atualmente, como é o lugar em que você vive?' Assim como o ser humano vai se construindo através das relações, de aspectos da cultura como os costumes e a linguagem, também a forma de morar e a qualidade de vida podem ser influenciadas e influenciam o lugar onde as pessoas moram. Comentei sobre o carinho que o compositor expressa por seu bairro na música 'Meu Lugar', interpretada por Arlindo Cruz. Trouxe o videoclipe para a sala e pedi que ouvissem enquanto desenhavam o seu lugar, ou seja, a casa onde moram, as cenas que presenciam, a paisagem que avistam da janela, da porta de casa, ao caminhar pelas ruas.

Alguns desenharam a casa vizinha de frente com a numeração dela.

Figura 26 - Meu lugar



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Figura 27 - Fotografia da casa



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Solicitei à aluna que me enviasse a foto que deu origem ao desenho e fui atendida. Eu passava pelas carteiras enquanto desenhavam e percebi desenhado um carrinho de criança. Perguntei se o aluno interagiu com os vizinhos, se conhecia a criança que brincava com aquele carrinho e os familiares dela.

Outros, enquanto desenhavam, comentavam episódios que aconteciam frequentemente no bairro. Um dos alunos comentou comigo: 'Professora, nunca queira namorar um homem comprometido da Vila Pazza ou chegar lá esnobando os moradores. As mulheres de lá se reúnem e batem na intrometida que entra na Vila com aquele ar de superioridade, sabe? Se a professora chegar lá, chega na humildade.'

Preferi não comentar com os alunos o conselho recebido, mas não duvido das brigas, não fosse assim, muitos dos estudantes não teriam reclamado de que, o que menos gostam no colégio, são as brigas entre alunos.

Figura 28 - Queixas das brigas

Pesquisa para a roda de conversa com estudantes de sexto ano – mestranda Adriana Remor- ProfHistória – Campo Mourão

1. Qual é o seu nome? Em que turma você estuda? Enzo 6º E
2. Qual é o seu bairro? TROPICAL
3. Você está satisfeito com o seu colégio? SIM
4. O que você mais gosta no seu colégio? A professora
5. O que você menos gosta no seu colégio? BRIGA
6. Qual foi a última escola em que você estudou antes do Colégio Euclides da Cunha? DOM BOS CO
7. Qual a sua expectativa em relação a estudar este ano no colégio Euclides da Cunha? Que eu passe de ano
8. Que diferença você percebe entre estudar no 5º ano no ano passado para o 6º ano neste ano? O quadro e CARTEIRAS

Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

A questão das brigas tem relação com a dúvida com a qual iniciei meu texto: o quanto se pode ser internalizado pelos estudantes daquilo que a escola se propõe a ensinar e, por que não dizer, como as trocas que acontecem ali possibilitam uma reorganização nesse espaço público. E refletindo mais um pouco, por que não se perguntar: o quanto do que o aluno traz como bagagem acrescenta para a escola em termos de organização e aprendizagem?

Por outro lado, é oportuno acrescentar que a interação social aqui descrita favorece que eu apresente a noção de consciência histórica descrita por Rüsen (2001), a qual nos lembra que cada pessoa desenvolve seu nível de consciência histórica, mas que os níveis de entendimento podem ser ampliados, podendo chegar ao mais avançado, do tipo genético, quando se consegue relacionar os conteúdos aprendidos com a realidade prática e promover, aos poucos, uma transformação na sua vida e no seu entorno. Certamente, o estudante que me aconselhou a chegar no bairro com cautela consegue compreender a importância de estudar o meio em que vive e pensar estratégias para interagir com ele.

Apesar de tudo o que se fala nas escolas sobre valorizar o diálogo, pois foi quando o homem conseguiu desenvolver a comunicação pela fala que ele foi desenvolvendo e

aperfeiçoando a sua humanidade, muitos ainda preferem resolver os conflitos com brigas. Sejam esses conflitos de ordem recente, como uma falta de espírito esportivo, ou uma mágoa antiga que o aluno aproveita para 'descontar' no jogo.

Um desenho que solicitei que fizessem, da paisagem que avistam ao olhar para a rua na frente de sua casa, me chamou a atenção: trata-se da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), identifiquei pela inscrição na parede da casa desenhada.

Figura 29 - Desenvolvimento das atividades



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

quem mora em Matelândia sabe que a APAE fica próxima à escola Dom Bosco e realmente é pintada de azul. Assim, a aluna tentou reproduzir aquilo que ela via, e eu perguntei a ela o significado de morar próxima a essa associação. Ela respondeu que percebe os passeios, seja a pé ou de transporte coletivo, dizendo que o espaço é organizado, com plantas ornamentais, e falou das campanhas de venda de pastel em alguns sábados, além do bazar de produtos arrecadados da Receita Federal, doados com a finalidade de serem vendidos para a manutenção da instituição. Aproveitei para comentar sobre a importância de ter um espaço como essa instituição dentro do município, destacando que existe uma equipe multidisciplinar formada por psicólogos, fonoaudiólogos e outros profissionais que apoiam as pessoas com deficiência e seus familiares.

Hoje, penso que eu deveria ter pedido que ela desenhasse as pessoas, o ônibus, o motorista. Afinal, não só de paredes se constrói a história; os sujeitos precisam estar presentes nos desenhos, nas narrativas, para dar vida e sentido às construções.

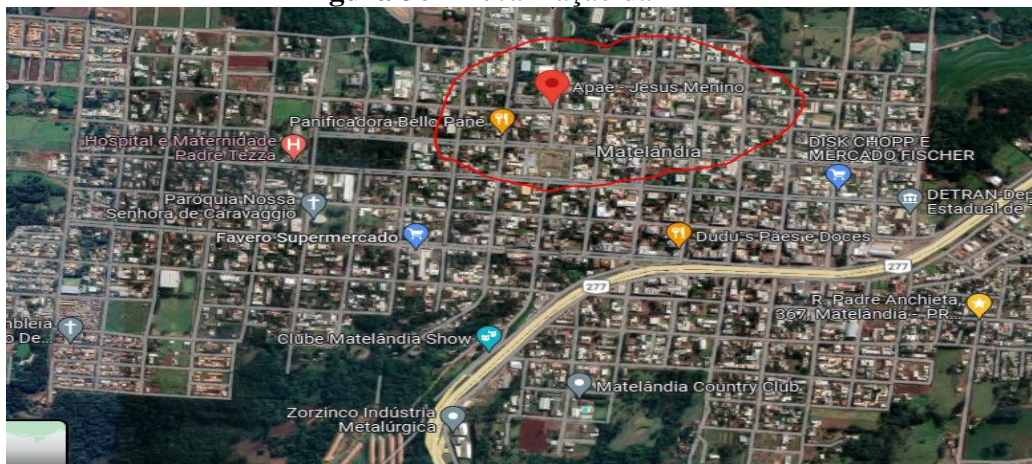
O professor pode, ao comentar sobre a música que inspira os desenhos na atividade, mencionar que há interação entre pessoas subentendida na letra:

E no Mercado você pode comprar
 Por uma pechincha você vai levar
 Um denço, um sonho pra quem quer sonhar

Em Matureira.

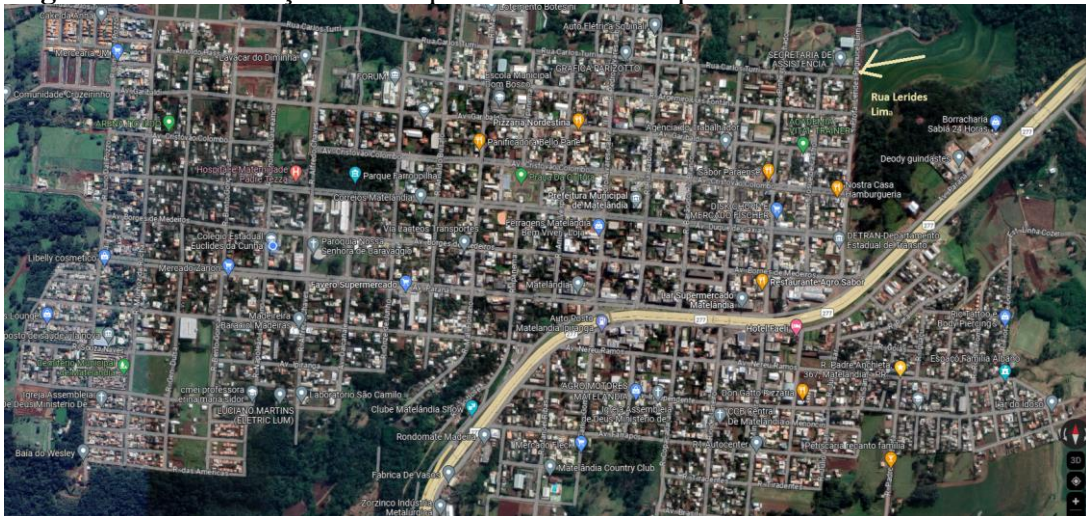
Intencionando localizar o bairro de residência de cada aluno dentro do espaço maior que é a planta urbana do município, para que percebessem que o lugar que me descrevem e as cenas que descrevem ocupam um espaço dentro do território que convencionamos chamar de município, com a intenção de explicar que aqueles espaços em que vivem, sobre os quais falaram enquanto desenhavam, são locais que podem ser vistos por satélite e encontrados por qualquer pessoa que queira pesquisar, usei a tela da TV da sala para exibir o mapa da área urbana de Matelândia. Circulei as escolas públicas e destaquei a APAE, a rodovia BR-277, que corta a cidade, dividindo-a em Noroeste e Sudoeste. Destaquei também, com o cursor, a rua Lerides Pagnoncelli Lima, que leva o nome da primeira diretora e uma das responsáveis, segundo o histórico dos documentos, pela fundação do colégio Euclides da Cunha. Além de ser a primeira diretora, foi ela quem se juntou à comissão para solicitar a obra física e o funcionamento do colégio.

Figura 30 - Localização da APAE



Fonte: Adaptado de Google Maps (2023).

Figura 31 - Localização da rua que leva o nome da primeira diretora: Lerides Lima



Fonte: Adaptado de Google Maps (2023).

Os estudantes ficaram muito curiosos por encontrar no mapa a localização de seu bairro, de sua casa ou algum outro lugar que fosse de seu interesse. Deixei que chegassem mais perto e 'dei zoom' em determinados pontos que pediam.

Perguntei se conseguiam escrever enquanto ouviam a música e como se sentiam desenhando a paisagem do lugar onde moram. Alguns falaram das caçambas cheias de pedras em paralelepípedos que passavam fazendo poeira na frente de suas casas. Outros diziam que têm uma vizinha que fica observando a rua o tempo todo. Repeti para os alunos que conviver em sociedade exige alguma moderação na forma de se referir às pessoas e que existem direitos e deveres, incluindo o de respeitar e ser respeitado, que são inerentes ao convívio. Precisamos ter diplomacia ao dialogar e cuidado ao se referir ao outro, evitando apelidos pejorativos, e expliquei como é importante valorizar a oralidade, que é a base de nossa cultura. A fala é uma característica essencialmente humana, assim como o trabalho criativo, que fez com que o homem construísse casas e ruas e as revestisse com materiais diversos, inclusive com as pedras que o caminhão-caçamba levava para o interior por aqueles dias.

Do que desenvolvi com os estudantes e do convívio que tive com eles no ano de 2022, tiro a conclusão de que a afetividade e o ato de ouvir são muito importantes para conquistar a atenção dos estudantes, e que prestar atenção e ouvir deve acontecer todos os dias.

2.5 Roda de conversa

A atenção que o professor conquista dos alunos é um grande passo, mas ainda há um longo caminho a percorrer para que o ambiente de estudo seja propício e inspirador.

Foram feitas algumas tentativas de organizar uma roda de conversa sem tumulto no final de cada atividade proposta. Apesar da dispersão em alguns momentos, no geral, os objetivos foram alcançados. Em uma manhã, na minha última atividade, procurei os alunos e, após um trabalho de retrospectiva das atividades feitas no ano em sala e de explicar a dinâmica da roda/brincadeira de conversa, fomos para a quadra de esportes e nos sentamos à sombra de uma árvore.

Utilizei a técnica da caixa de perguntas, que consiste em passar uma caixa pelo círculo de pessoas enquanto uma música toca. Quando a música pausa, o aluno que está com a caixa retira a pergunta e responde.

Expliquei que eu gostaria de ouvir deles sugestões para minhas aulas, o que consideraram interessante nas atividades que havíamos feito, o que aprenderam e o que mudou na concepção de cada um sobre o colégio, a história do bairro, a forma como se sentem em relação aos vizinhos e aos locais públicos da cidade. Assim foi feito.

Figura 32 - Atividade final



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

Os estudantes responderam às perguntas reafirmando características de sua convivência familiar. Muitos informaram que, no final do ano, quando esta última roda de conversa foi

realizada, já não se sentiam apreensivos. Em suas falas, disseram que fizeram novos amigos e que, apesar de já terem visitado o colégio anteriormente à matrícula, quando acompanharam algum familiar em reuniões de pais ou na retirada de pizza, quando o colégio realiza o Festival de Pizza com venda para a comunidade, ou em outro evento aberto ao público, foi neste ano que realmente viveram o colégio e foram, aos poucos, se sentindo parte dele.

Informaram ainda, em outras palavras, mas que pode ser entendido da seguinte forma: perceberam a importância de ser amável com o outro, seja ele um colega, um trabalhador da escola ou de outro setor que presta serviço. Demonstrar simpatia é necessário, pois todos temos dias bons e ruins, mas a convivência é melhor quando existe cordialidade entre os seres humanos.

Arrematei concordando e acrescentando que a humanidade passou por tantas dificuldades para aprender a se comunicar, a se proteger das intempéries, a agilizar o transporte e a comunicação, e agora precisa aperfeiçoar a convivência em grupo, oportunizando que os benefícios daquilo que a humanidade criou, construiu e inventou estejam acessíveis a todos.

CAPÍTULO 3: UMA PROPOSTA DE CADERNO DE ATIVIDADES

No ano de 2023, sem precisar cursar as disciplinas e com a bagagem adquirida por meio das leituras que enriqueceram a minha compreensão sobre os diferentes papéis da escola, pude aperfeiçoar e fundamentar as atividades que desenvolvi, bem como criar novas atividades que sejam importantes para auxiliar na transição dos estudantes do sexto ano entre as duas fases do ensino fundamental.

O caderno de atividades digital que elaborei está em constante evolução e sujeito a adaptações, uma vez que foi compartilhado publicamente. Este material contém imagens de algumas das atividades desenvolvidas, relatos das dificuldades enfrentadas, objetivos e possibilidades de utilização do material.

No primeiro momento, apresento o caderno concluído, utilizando a plataforma de *design* Canva para auxiliar na criação. Essa ferramenta permite a inserção de fotos, paisagens e imagens de locais que são importantes para as discussões, servindo como exemplo e inspiração para outros professores na elaboração de seus próprios materiais. Todas as atividades presentes no material didático foram experimentadas em algum momento, e agora são organizadas com base nas correções e alterações resultantes do aprendizado adquirido durante essas atividades prévias.

O material está baseado em um caderno temático voltado para o estudo e valorização da História Local destinado ao professor. Portanto, o professor poderá reproduzir parte destas atividades e realizá-las com suas turmas, com a devida adaptação de acordo com as realidades de cada grupo e localidade estudada. Assim, o material conta com caixas de diálogos nas quais constam orientações metodológicas e indicação de leituras, além dos objetivos e dos resultados esperados¹⁶.

Em resumo, este caderno de atividades digitais representa um esforço contínuo de aprimoramento e colaboração, visando oferecer recursos educacionais mais eficazes e adaptáveis às necessidades dos alunos e professores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Através dele, informo que identifiquei, por meio de diálogos com os estudantes,

¹⁶ Cabe informar ainda que é a primeira vez que edito conteúdo utilizando a plataforma Canva, e reconheço que as dimensões das figuras e outros detalhes poderiam ser melhor elaborados. No entanto, compartilho o link do projeto publicamente para que possa ser aprimorado por outros interessados.

as experiências que consideraram positivas em aulas anteriores. A partir desses diálogos, inclui exemplos de atividades relacionadas aos descritores já disponíveis¹⁷.

Percebi que a História Local desperta maior interesse, especialmente ao incluir um estudo da história familiar. É por concordar com a hipótese de que a História Local proporciona uma conexão mais profunda com a própria história dos alunos, aumentando sua autoestima e senso de identidade que apresento a seguir um caderno de atividades voltado para o ensino de história local. Este material foi elaborado com base nos seguintes elementos e conteúdos que compõem o índice do caderno: Na introdução, contextualizamos o propósito do caderno e sua relevância para o ensino de história local. Abordamos a importância de conectar os alunos com sua própria história e com a história da comunidade.

Aqui, forneço orientações específicas para o uso do caderno em sala de aula. Discutimos estratégias pedagógicas, sugestões de abordagem e dicas para envolver os alunos. Dividi o caderno em quatro planos de aula da seguinte forma:

a) Primeiro Plano de Aula: Mudanças e Permanências na Transição do 5º para o 6º Ano: este plano de aula explora as mudanças e continuidades que os alunos experimentam ao passar do quinto para o sexto ano. Inclui atividades para que os alunos reflitam sobre suas expectativas e compartilhem suas experiências. O objetivo, é que o aluno se perceba como parte do processo histórico e familiarizar-se com os termos: “mudanças e permanências”, a inspiração para elaborar a dinâmica das aulas, veio de Jorge Larossa, o autor afirma que é importante perceber o outro, que na contramão dos resultados por números, a educação é um processo lento de humanização por isso, a importância de deixar que falem de suas expectativas, para que possamos compreender suas ansias e suas alegrias. Assim, conduzi uma roda de conversas, criei questionamentos orais e escritos com a participação dos alunos e confeccionaram cartazes em grupo.

b) Segundo Plano de aula: No segundo plano de aula o foco vai para seus familiares. O objetivo é desenvolver a percepção de que o ensino de História se compromete ao articular lembranças com memórias e caracterizar a relação entre a comunidade e o colégio por meio dos depoimentos dos pais e avós, considerando a relação com a instituição de ensino. Para tanto, introduzimos a aula falando de memórias e solicitando que os estudantes entrevistassem seus familiares. A bibliografia que serve de base para esse segundo plano de aula é do sociólogo

¹⁷ O material pode ser acessado e alterado por meio do link: https://www.canva.com/design/DAFyUL_Lfmk/OqjVzubo5wYhJqn8gc2r7Q/view?utm_content=DAFyUL_Lfmk&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=editor

Maurice Halbwachs (1990, p. 26). Segundo o autor, as memórias são sempre coletivas. Através da entrevista com seus familiares, o estudante se coloca também, no papel do historiador, ao escolher aquilo que irá redigir do que foi lhe dito pelos familiares e o que irá ocultar, percebendo assim, que a história não é neutra e que pode ter versões distintas, ou pontos de vista distintos.

Solicitei que perguntassem a seus pais sobre o tempo de colégio, se lembram de fatos ocorridos, em que ano estudaram e que mudanças percebem em relação à atualidade. Oralmente, os alunos comentaram as lembranças dos pais para além daquilo que trouxeram escrito, falaram de alguns professores aposentados que são verdadeiros patrimônios da instituição, passaram toda a sua trajetória profissional no Colégio Euclides da Cunha. Um professor que trazia o violão e que quando estava animado, cantava músicas do Raul Seixas e Zé Ramalho, a pedagoga de cabelos ruivos que era muito enérgica e que atualmente, os pais reconhecem seu esforço como profissional.

c) Terceiro Plano de Aula: No terceiro plano de aula sobre a contagem do tempo, sugiro trabalho com o calendário e utilizar o horário escolar, o cronograma de aulas semanais da turma, para refletir com os alunos sobre o uso do tempo. O objetivo deste Terceiro Plano de aula é também, entender o tempo cronológico como construção humana e que o calendário organiza nossa vida cotidiana. Conceitos como tempo e calendário são importantes para o professor compreender como os costumes foram mudando a partir da marcação do tempo com o relógio, mudando o ritmo de vida da sociedade. Para compreender melhor esses conceitos, é importante que o professor utilize o texto de Thompson, Costumes em comum, especialmente o capítulo VI: Tempo, disciplina de trabalho e Capitalismo, do qual retirei reflexões sobre o que pensaria sobre o relógio um nativo do século XVIII no mesmo local onde hoje é Matelândia e um explorador europeu sobre esse mesmo objeto. Fiz isso para que o estudante compreendesse como o tempo cronológico e o uso que fazemos dele são construídos pelos humanos. O tempo do relógio, um tempo diferente do tempo da natureza. Ainda no terceiro plano de aula acrescentei uma aula sobre como é possível perceber a passagem do tempo através de fotografias, percebendo as mudanças e a passagem do tempo e nos costumes que são promovidas pelo avanço da tecnologia, ou seja, uma introdução para o debate sobre temporalidades e durações.

d) Quarto Plano de Aula: Meu Lugar O último plano de aula concentra-se no espaço local. Os alunos investigam a história de sua comunidade, identificando marcos históricos, mudanças urbanas e a relação entre o passado e o presente.

Conforme Caimi: “os estudos de história local constituem o ponto de partida da aprendizagem histórica, uma vez que permitem a abordagem dos contextos mais próximos em

que se inserem as relações sociais”. A frase destaca a importância dos estudos de história local como base para o aprendizado histórico. Isso ocorre porque ao estudar a história de locais próximos, como o próprio bairro ou cidade, os alunos podem compreender melhor as relações sociais e eventos históricos, já que eles têm uma conexão direta e tangível com esses lugares. Isso torna o aprendizado mais relevante e significativo, facilitando a compreensão de conceitos históricos mais amplos e complexos posteriormente. Além disso, ajuda a desenvolver um senso de identidade e pertencimento dos estudantes.

O papel dos alunos na pesquisa de história sobre o lugar de residência é ativo e central como pesquisadores, coletam informações, entrevistam moradores e buscam fontes primárias e secundárias. Como analistas, interpretam os dados coletados, identificando padrões, mudanças e continuidades, como criadores: produzem textos, linhas do tempo e outros materiais que expressam seu entendimento da história local. Após todas essas atividades, os alunos ainda compartilham suas descobertas com colegas, professores e a comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de falar em que medida os objetivos foram alcançados, avalio que cursar as disciplinas do mestrado profissional em História, desenvolver o projeto e dissertar sobre ele são três etapas importantes e desafiadoras. Três conjuntos de ações distintas que demandam um exercício de planejamento, que envolve mais do que apenas o querer do mestrando. Há que se pensar em desafios, como concentrar as 40 horas de aula em três dias letivos, na organização do tempo para as leituras de cada disciplina e, em alguns casos, renunciar a suas já consolidadas obrigações domésticas.

Cursar um mestrado é a concretização do trabalho do intelectual orgânico: planejar e estudar, praticar e repensar a ação. Sobre a ação de planejar, as ideias não surgem facilmente, e, quando surgem, e são colocadas no papel, quando são apresentadas para apreciação dos colegas e professores, como parte dessa caminhada do curso, percebemos as fragilidades, as dificuldades de execução e as contribuições, em forma de questionamentos e sugestões, que nos auxiliam e nos preparam. Aponto essas colocações para o entendimento de que a escrita do projeto sofreu transformações ao longo do segundo semestre de 2022, com acréscimo de autores, atividades e metodologias. Foi desenvolvido um trabalho de sondagem com os alunos que revelou diferenças constatadas entre a escola municipal e estadual, no que tange a aspectos físicos e de organização, segundo a ótica desses alunos. Com as atividades realizadas, foi possível perceber que a História Local não apenas enriquece o currículo escolar, mas também aproxima os alunos de sua própria comunidade, proporcionando um aprendizado mais significativo e engajador.

Esse trabalho de sondagem acabou sendo também um trabalho de contemplar o outro, oportunizando a fala, a pesquisa e a percepção da presença do outro; do familiar, do colega de sala, do vizinho e do conjunto dessas relações. Além da presença humana e seus vestígios, ficará como legado o conhecimento sobre a História de cada bairro da cidade, com seus personagens, e cada estudante pode relatar e ouvir relatos dos colegas, elaborando assim uma caracterização das instituições escolares que estão localizadas em cada bairro do município, e constatar que a comunidade constrói a sua história local e que cada um tem a sua parcela de contribuição para o processo histórico que se desenvolve nas nossas ações cotidianas.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção: **O Lugar da História Local**. São Paulo: Intervezes, 2013

BERNINI, Giovani M. **Lugares de memórias na rede: educação patrimonial, espaços públicos e linguagens digitais para o ensino de história**. (Dissertação de Mestrado). Paranavaí: Unespar, 2020. 150 f. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/575057> Acesso em: 15, ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

DE BARROS, Carlos Henrique Farias. Ensino de História, memória e história local. **Criar Educação**, v. 2, n. 2, 2013.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática do Ensino de História**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004, p. 37).

FURET, François. O nascimento da História. In: FURET, François. **A oficina da História**. 1º volume, s. ed, Gradiva, Lisboa, 1990

GUIMARAES, Karla Elvira Gomes. **Parnamirim: a história local como ferramenta didática para o ensino fundamental II** 75 p. (Dissertação de mestrado). Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/722073/2/KARLA_Dissertacao_PROFHISTORIA_VersaoOnline.pdf

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2021**.

HALBWACHS, Maurice. Memória Coletiva e Memória Individual. In: HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo (SP): Ed Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

LARROSA, Jorge. **Tremores**. Belo Horizonte, Autêntica, 2017.

LOPEZ ,Valerio Maximiliano: Gratuidade e promoção. Em LARROSA, Jorge. **Bolhas de sabão**. Belo Horizonte, Autêntica, 2021.

MATTOSO, José. **A escrita da história: teoria e métodos**.Lisboa : Estampa, 1988

MEDEIROS, Gerson Ronaldo. **Produção de autobiografias por alunos do 6º ano do ensino fundamental como forma de refletir sobre trajetórias de vida e desenvolver noções do trabalho do historiador**. 94 f. (Dissertação de mestrado). UFRGS. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/173463> Acesso em: 14 ago. 2023

MIRANDA, S. R. Lugares de Memória, Espaços de Formação: elos invisíveis na constituição do conhecimento histórico de professores. In.: FONSECA, Selva Guimarães;

MORENO Fernanda Granja: **Ensino de História no 6º ano: a prática docente entre questões e possibilidades**. 181 f (Dissertação de mestrado). UERJ. Disponível em <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/701197> Acesso em: 13 ago. 2023

PEREIRA, André Luiz Correa da Silva. **Usos possíveis da história local e do aprendizado das noções de temporalidade na construção do conhecimento histórico no ensino fundamental**. 2016. 98 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

Projeto Político Pedagógico. Colégio Estadual Euclides da Cunha- Matelândia- Pr- Secretaria Estadual de Educação. 2022.

Projeto Político Pedagógico. Prefeitura Municipal de Matelândia- Secretaria Municipal de Educação e Cultura. 2023.

Referencial curricular para o ensino médio do Paraná / Secretaria de Estado da Educação e do Esporte. – Curitiba : SEED/PR., 2021.

REZNIK, Luís. “Qual o lugar da História Local?”. **Anais do V Taller Internacional de Historia Regional y Local**. Havana, Cuba, 2002.

REZNIK, Luís, História local: pesquisa, ensino e narrativa. In: **I Encontro de História do Vale do Paraíba Fluminense**, 2008, Vassouras - RJ.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. 1ª reimpressão. Brasília: Editora UNB, 2010.

SCHMIDT, Maria. Auxiliadora.; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004.

SILVA, Leda Leonardo da. **Aprender Juntos 5º ano Ciências Humanas**, Secretaria Municipal de São Paulo, gráfica e editora Pifer Print, 2021.

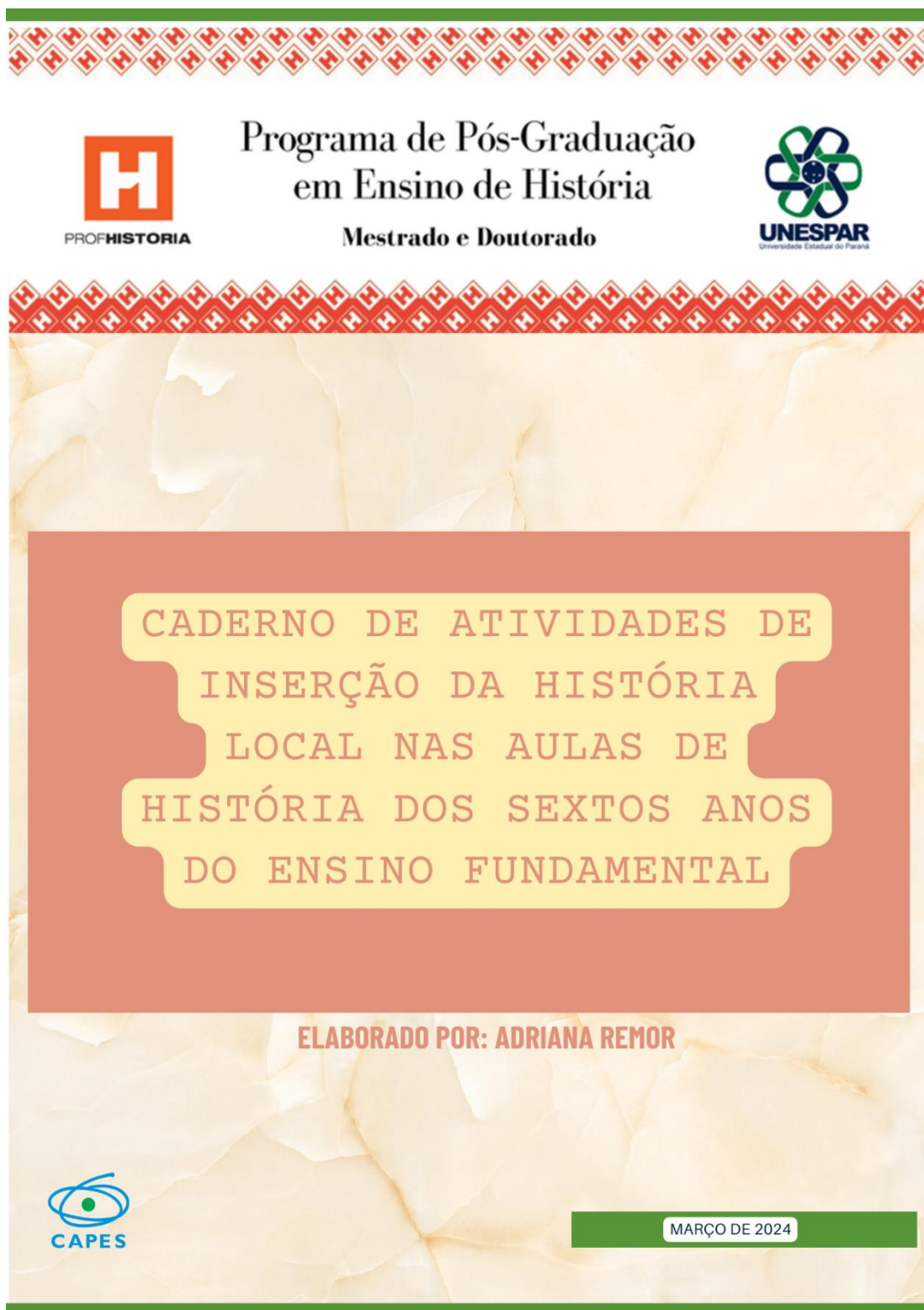
TERTULIANO, Solimara Aparecida. Ensino de História e fotografia: uma proposta de estudo das transformações das paisagens urbanas para os anos iniciais. 86 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – Mestrado Profissional. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão. Campo Mourão, 2022.

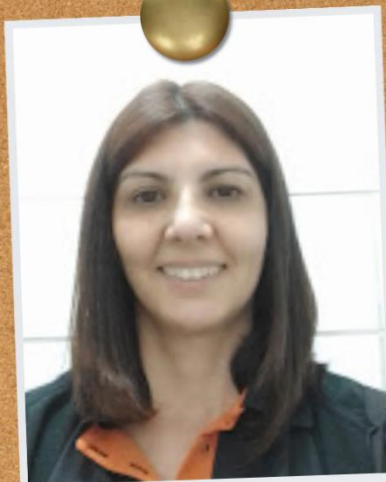
ZAMBONI, E. (Org.). **Espaços de formação do professor de História**. Campinas: Papirus, 2008. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

ZAVALA, A. Pensar ‘teóricamente’ la práctica de la enseñanza de la historia. **Revista História Hoje**, v. 4, n. 8, Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/185>. Acesso em: 7 ago. 2023.

APÊNDICE

Caderno temático voltado para o estudo e valorização da História Local destinado ao professor.





ADRIANA REMOR

É professora da Rede Estadual de Educação do Paraná, licenciada em História pela Universidade Estadual do Oeste Paulista (Unoeste) e Mestranda em Ensino de História pelo Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória- da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR

IMPORTANTE

Este caderno pedagógico é parte da dissertação de conclusão do curso de Mestrado Profissional em Ensino de História— UNESPAR.



Colabore, sugira ou faça sua edição em:
<https://encurtador.com.br/m2sIj>

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Dr. Jorge Pagliarini Junior, pelo empenho na busca e na definição dos caminhos para a realização da minha proposta de trabalho. Obrigada pela orientação prestada, pelo incentivo, disponibilidade e apoio que sempre demonstrou.

Ao meu esposo Joel, pelos cuidados com a casa e com nossa filha Luíza neste últimos dois anos para que eu pudesse cursar as disciplinas e escrever. À minha irmã Regina e sobrinha Júlia que dedicaram horas de seus dias para me ajudar na formatação do material, e por sempre me ligar cobrando os avanços no texto ajudando-me a manter o foco.

Aos professores das disciplinas do programa de mestrado Profhistoria da Unespar de Campo Mourão pelo amor que demonstraram por seu ofício contagiando-nos. Agradeço por fazerem das aulas, momentos de encantamento e manifestarem sempre respeito e empatia por nossas limitações, conquistando nosso carinho.

Aos funcionários da secretaria do mestrado: Pedro e Adriana, sempre solícitos e amáveis.

À CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela bolsa de estudos a mim concedida. Agradeço aos colegas da turma do mestrado 2022 pelo apoio, pelas dicas e palavras de ânimo. Não dá para esquecer de vocês.

Aos professores que aprovaram a minha qualificação pelas contribuições que ajudaram a “costurar as pontas soltas” do texto.

E a Deus, força a quem eu recorri sempre pedindo luz e sabedoria, por ter me conduzido até aqui.

Introdução

A proposta deste caderno de atividades de História Local, é analisar os espaços de vivência no município de Matelândia e estudá-los a partir das aulas e da realidade do sistema educacional paranaense, tomando como uma das instituições exemplo desse sistema, o Colégio Estadual Euclides da Cunha no município de Matelândia.

Ofereço pelo caderno, através de planos de aula, uma forma de relacionar os conteúdos de história do sexto ano com uma inserção da história local como metodologia do ensino de história no Colégio.

Espero com essa ação, chamar a atenção dos estudantes para seus contextos de vivência, a fim de tornar palpáveis e significativos os conceitos de presente, passado e simultaneidade, permanência tempo, espaço, memória, narrativa, identidade, patrimônio etc. Esses são conceitos/noções/categorias abstratas que, no estudo de história local, durante as aulas são apresentados de forma que fazem sentido pois são introduzidos nas aulas por meio de questões inerentes ao cotidiano dos estudantes.

É um material que pode ser editado e servir de base para o trabalho de outros colegas professores.

Olá, professor de sexto ano!



É com grande entusiasmo que compartilho um recurso didático desenvolvido como resultado da minha pesquisa no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de Campo Mourão.

Identifiquei, por meio de diálogos com os estudantes, as experiências que consideraram positivas em aulas anteriores. A partir desses diálogos, incluí exemplos de atividades relacionadas aos descritores já disponíveis. Percebi que a História Local desperta maior interesse, especialmente ao incluir um estudo da história familiar.

É por concordar com a hipótese de que a História Local proporciona uma conexão mais profunda com a própria história dos alunos, aumentando sua autoestima e senso de identidade, que apresento a seguir um caderno de atividades voltado para o ensino de história local.

Este material foi elaborado com base nos seguintes elementos e conteúdos que compõem o índice do caderno:

Na introdução, contextualizamos o propósito do caderno e sua relevância para o ensino de história local. Abordamos a importância de conectar os alunos com sua própria história e a história da comunidade. Aqui, fornecemos orientações específicas para o uso do caderno em sala de aula. Discutimos estratégias pedagógicas, sugestões de abordagem e dicas para envolver os alunos.

Dividimos o caderno em quatro planos de aula da seguinte forma:

- Primeiro Plano de Aula: Mudanças e Permanências na Transição do 5º para o 6º Ano. Este plano de aula explora as mudanças e continuidades que os alunos experimentam ao passar do quinto para o sexto ano. Inclui atividades para que os alunos reflitam sobre suas expectativas e compartilhem suas experiências.
- Segundo Plano de Aula: Memórias dos Familiares. Nesta seção, incentivamos os alunos a investigar as memórias de suas famílias. Propomos atividades que envolvem entrevistas com familiares, pesquisa genealógica e reflexões sobre a importância da história familiar.
- Terceiro Plano de Aula: História e Tempo. Aqui, exploramos o conceito de tempo histórico. Os alunos aprenderão sobre diferentes períodos históricos e como o tempo influencia nossa compreensão do passado.
- Quarto Plano de Aula: Meu Lugar. O último plano de aula concentra-se no espaço local. Os alunos investigarão a história de sua comunidade, identificando marcos históricos, mudanças urbanas e a relação entre o passado e o presente.

Espero que este caderno de atividades enriqueça suas aulas e estimule o interesse dos alunos pela história local.

ÍNDICE

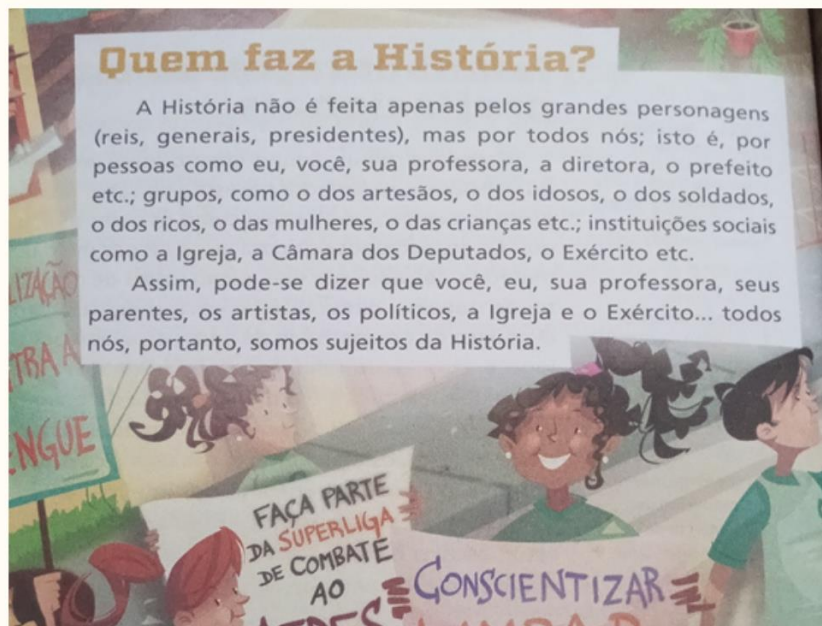
Aviso ao professor.....	4
1. Primeiro Plano de Aula: Mudanças e Permanências na Transição do 5º para o 6º Ano.....	5
1.1 Primeira aula.....	5
1.2 Segunda aula.....	6
2. Segundo Plano de Aula: Eu, meus familiares, meu colégio - História, Memória e Cultura.....	8
2.1 Primeira aula.....	8
2.2 Segunda aula.....	9
3. Terceiro Plano de Aula: Formas de contar o tempo.....	10
3.1 Primeira aula.....	12
3.2 Segunda aula.....	15
4. Quarto Plano de aula: Meu lugar no mundo e meu grupo social.....	19
4.1 Primeira aula.....	20
4.2 Segunda aula.....	21
Referências bibliográficas.....	28

Aviso ao professor:

O primeiro conteúdo do planejamento do Sexto Ano do Ensino Fundamental é o Conceito de História.

Comunico a relação que estabeleci entre o Plano de trabalho que apresentarei logo abaixo com o livro didático de 6º ano.

Depois de reler o planejamento, comparando-o com o livro didático e pensar na possibilidade de conciliar um trabalho que envolvesse esses aspectos com a história local, retirei do livro didático na página 28, o trecho escrito que informa sobre os sujeitos do processo histórico, margeado de uma ilustração que pode servir de parâmetro para exemplificar e iniciar uma reflexão, indicando que a história pode ter versões diferentes segundo os interesses dos sujeitos nela envolvidos, mas que todos nós fazemos história com nossas ações. O trecho do livro está reproduzido na ilustração:



Para trabalhar o conteúdo "Quem faz a História" relacionando-o à história e vivência do aluno, e, portanto à história local, sugiro o plano de aula que segue:



Primeiro Plano de Aula: Mudanças e Permanências na Transição do 5º para o 6º Ano

Objetivo: Explorar as mudanças e permanências na transição do 5º para o 6º ano, considerando a história local e o contexto escolar. Fixar conceitos como mudanças e permanências como parte da narrativa histórica.

Duração: 2 aulas (50 minutos cada).

Recursos: Papel e caneta para anotações, quadro ou projetor para apresentação, imagens antigas das escolas (se disponíveis), mapa da cidade com a localizações das escolas

Conceitos : Sujeitos do processo histórico, mudanças e permanências

Metodologia: Entrevistas

Bibliografia:

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**, São Paulo: Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

Primeira aula:

Atividades:

Introdução (10 minutos): Inicie a aula perguntando aos alunos sobre suas expectativas e sentimentos em relação à transição do 5º para o 6º ano. Explique que eles irão explorar o que muda e o que permanece igual nesse processo.

Desenvolvimento (40 minutos): Divida a turma em grupos pequenos. Cada grupo discute e cria uma lista sobre as mudanças que esperam encontrar no 6º ano e o que gostariam que permanecesse igual. Eles podem fazer em forma de cartazes em cartolinas com desenhos e/ ou palavras chaves e compartilhar as listas em sala de aula.

Exponha aos estudantes que os conceitos de mudança e permanência fazem parte da história da humanidade e da escrita desse processo histórico. A narrativa é feita quando há um “como era antes”, o que mudou e um “como está agora”.

O que é a entrevista para Pesquisa em História?

- **Objetivo:** A entrevista para pesquisa de história é usada como um instrumento metodológico para coletar informações sobre eventos passados, experiências pessoais e contextos históricos.
- **Enquadramento:** Ela se encaixa no paradigma científico da pesquisa em história, que considera aspectos como a validade da História Oral, teorias de uso desse instrumento e aprofundamento na compreensão de eventos históricos.
- **Participantes:** Os entrevistados geralmente são pessoas com conhecimento direto dos eventos ou períodos históricos em questão.
- **Abordagem:** As entrevistas de pesquisa de história podem ser mais abertas e exploratórias, permitindo que os entrevistados compartilhem suas perspectivas e memórias.
- **Contexto:** São realizadas em ambientes mais formais, como bibliotecas, arquivos ou locais relevantes para a história em estudo.

Referência:

ROUCHOU, Joëlle. Entrevista na história oral e no jornalismo. *In: XXII Simpósio Nacional de História*, João Pessoa, 2003. Disponível em: <http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.22/ANPUH.S22.359.pdf> Acesso em: 05 mar. 2024.

Segunda aula:

Introdução (20 minutos): Realização de entrevistas. Convide alguns estudantes do sétimo ano para visitarem a sala do 6º ano. Peça aos alunos que entrevistem colegas que estão no 7º ano. Questões sugeridas: O que mudou para você quando passou do 5º para o 6º ano? O que permaneceu igual? Quais dicas você daria para quem está fazendo essa transição?

Análise e Reflexão (30 minutos): Reúna as respostas dos alunos. Discuta as semelhanças e diferenças nas experiências relatadas.

Finalize a entrevista com uma reflexão sobre como essas mudanças e permanências fazem parte da história da escola, pois, a cada ano, novos alunos chegam com expectativas parecidas, com a visão que lhes passaram sobre o colégio e que podem ou não ser confirmadas pelos estudantes ao final do ano letivo. O ciclo se repete a cada ano e cabe a todos nós fazermos um colégio cada dia melhor.

Atividade Escrita (20 minutos): Peça aos alunos que escrevam um pequeno texto refletindo sobre as respostas das entrevistas e as conclusões a que chegaram a partir delas.

Encerramento (10 minutos): Peça que leiam seus textos com as reflexões dos alunos do 7º em sala de aula.

Reforce que a história está em constante transformação e que compreender as mudanças é fundamental para entender o presente.

Avaliação: Os alunos serão avaliados com base na participação nas discussões, nas entrevistas realizadas e na qualidade do texto escrito.

Segundo Plano de aula: Eu, meus familiares, meu colégio - História, Memória e Cultura

Objetivo:

Desenvolver a percepção de que o ensino de História se compromete a articular lembranças com memórias, que segundo Maurice Halbwachs (1990, p. 26), são sempre coletivas.

Objetivo específico: Caracterizar a relação entre a comunidade e o colégio por meio das memórias dos pais e avós, considerando a história da instituição de ensino.

Conceitos: Memória

Metodologia: Entrevista

Bibliografia: CAINELLI, M. **O que se ensina e o que se aprende em História.** In: Coleção Explorando o Ensino - História, Volume 21: Ensino Fundamental: Coordenação Margarida Maria Dias de Oliveira (org.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, p. 17.

Plano de Aula: Eu, meus familiares, meu colégio - História, Memória e Cultura

Duração: 2 aulas (50 minutos cada)

·Recursos:

- Apresentação do Histórico do colégio (o histórico pode ser retirado do PPP)
- Formulário com questões impressas e caneta para anotações
- Gravador de áudio ou celular caso possam registrar a entrevista.
- Fotos antigas dos familiares no colégio (se disponíveis).
- Mapa da cidade com a localização do colégio

2.1 Primeira aula: Explicando o papel de historiador na entrevista

Atividades:

Introdução (10 minutos): Apresente o objetivo da aula aos alunos.

Explique que eles irão entrevistar seus pais e avós sobre suas memórias relacionadas ao colégio.

Entrevistas (30 minutos): Divida a turma em grupos pequenos.

Cada grupo deve entrevistar um familiar (pai, mãe, avô ou avó) sobre: se estudaram, quando estudaram no colégio. As perguntas podem ser:

Como era o colégio na época.

Quais lembranças têm das aulas, professores e colegas?

Cite alguns eventos marcantes que aconteceram no colégio.

Os alunos devem anotar as respostas em um formulário entregue pelo professor e registrar a entrevista (se possível).

Compartilhando Memórias (10 minutos): Cada grupo compartilha as memórias coletadas com a turma.

2.2 Segunda aula: Analisando as respostas dos pais e avós

Análise e Discussão (20 minutos): Converse com os alunos sobre as memórias compartilhadas. Pergunte:

O que essas memórias revelam sobre a relação entre a comunidade e o colégio? Como o colégio mudou ao longo do tempo?

A forma como os pais de vocês definiram a passagem deles pelo colégio influencia em relação a como você se sente atualmente em relação à esta instituição?

Para que o material fique acessível ao colega que quiser desenvolver a atividade, transcrevo a forma como introduzi a aula sobre a entrevista com os familiares:

“Você, junto com seus colegas é/são parte da história do colégio e você também tem uma história. Suas histórias se cruzaram com a do colégio a partir desse ano, você fez parte de outras escolas, ajudou a compor estatísticas de frequência e aprovações, mas também foi a alegria ou a dor de cabeça de sua professora, já comemorou a vitória contra outra equipe da sala nos jogos de educação física, já viveu o receio de reprovar no final do ano letivo, ou foi elogiado por um bom trabalho que fez e teve a certeza da aprovação. Não só a pessoa que fundou, que assinou a inauguração é parte importante da escola, mas cada um de nós que estamos utilizando esse espaço agora e cada um que já passou por aqui, compôs e está compondo a história do colégio, a sua própria história e a história do colega.

Depois de ter escutado a sua professora sobre o histórico do colégio, você deve ter muitas histórias para contar sobre como se sente em relação ao colégio, histórias de seus familiares dos anos em que frequentaram... enfim, histórias que serão escritas coletivamente”.

Para dar início à essa escrita, peço que copiem as instruções para realizarem a seguinte atividade: para casa.

1- Entreviste os seus pais, irmãos, as pessoas com quem você convive e relate:

a) Seus familiares frequentaram o Euclides da Cunha?

b) Pergunte sobre alguma história que eles viveram no colégio e que possam contar para você relatar na sala.



1-Pergunte aos mais velhos se eles conhecem os antigos diretores e professores do colégio, se estudaram no colégio nas décadas anteriores à essa em que você está estudando... se estudaram, como se sentiam em relação aos colegas, aos professores e funcionários e às aulas? Lembram de algum fato que tenha presenciado e tenha ficado marcado na lembrança deles?

2-Pergunte a seus pais se conhecem a Rua Lerides Pagnoceli de Lima e se sabem quem foi a senhora que dá o nome para aquela rua. (Professor, essa última pergunta é exclusiva para os estudantes do Colégio Estadual Euclides da Cunha).

Anote o primeiro nome de seu(s) entrevistado(s), o ano em que estudou/ estudaram e as respostas. A importância dos relatos e das memórias tem sentido na medida em que através delas, pode-se compreender que uma noção de identidade se constrói através desses meios (relatos), pelos familiares.

3. TERCEIRO PLANO DE AULA: CONTAGEM DO TEMPO

O objetivo deste Terceiro Plano de aula é entender o tempo cronológico como construção humana.

Próximo aos dez anos, o pré-adolescente é capaz de desenvolver mais a empatia, compreender informações e situações de vida diferentes da sua, ele também é capaz de entender alguns conceitos mais abstratos, não palpáveis. Por isso, é importante iniciar exercícios que levem à reflexão sobre a organização da cidade do seu espaço, do seu tempo através do calendário e das relações que se estabelecem nesse tempo e nesse espaço.

O tema não foi uma escolha aleatória, a unidade temática História e tempo e o conteúdo contagem do tempo, é parte do nivelamento proposto pelo planejamento da Secretaria de Estado da Educação do Paraná através da plataforma LRCO.

Metodologia: Questionamentos orais para compreender o entendimento que os estudantes têm sobre o tempo.

Atividade: preenchimento de um calendário e do horário escolar

Conceitos centrais: Percepção do Tempo, Calendários e formas de registro do tempo.

Referências:

THOMPSON, E. P.. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
 BONINO, Rachel: O Cruzeiro do Sul para os tupis-guaranis; **Revista Nova Escola** online
<https://box.novaescola.org.br/etapa/2/educacao-fundamental-1/caixa/268/muito-alem-do-cocar-leve-a-diversidade-indigena-aos-alunos/conteudo/20261>

Vídeo: <https://youtu.be/pNUFmZ6zN4s?si=jAm-2xXrzLjavfkg>

Cainelli, M. O que se ensina e o que se aprende em História. In: **Coleção Explorando o Ensino - História, Volume 21: Ensino Fundamental**. Coordenação Margarida Maria Dias de Oliveira (org.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010

Colega professor,

Aparentemente, ensinar sobre a forma como os indígenas tupi-guarani contavam o tempo os instrumentos que utilizavam, parece não fazer muito sentido para a história local, mas é importante que eles percebam que no mesmo espaço que eles ocupam agora, houve outra cultura. com formas diferentes de se relacionar com a natureza e outro modo de produzir e organizar o tempo e as atividades cotidianas.

A compreensão do tempo como construção humana, sua influência na organização do nosso cotidiano e a análise da história local São aspectos interligados que informam uma organização da qual todos que fazemos parte da comunidade escolar estamos submetidos.

Marlene Cainelli (2010, p. 28), enfatiza que: “É importante que nas aulas de história o conhecimento que cada aluno traz de casa sobre o tempo, o espaço e a história sejam considerados motivadores para nossas aulas.

Para levar em consideração o conhecimento prévio dos estudantes sobre noções de tempo, é importante adotar uma abordagem pedagógica que valorize suas experiências individuais e culturais, para tanto, trago aos professores, uma sugestão de Plano de aula.

Plano de Aula: Formas de Contar o Tempo

Duração: 2 aulas (50 minutos cada)

3.1 - Primeira aula: estudando o calendário

Recursos: Papel, lápis, canetas coloridas, material impresso com tabela de horário escolar, figuras de calendários antigos e atuais.

Atividades:

Introdução (10 minutos): No início do ano letivo ou de um novo tópico, realize uma avaliação diagnóstica para identificar o que os alunos já sabem sobre o calendário. Pergunte sobre conceitos relacionados ao tempo, como dias da semana, meses, estações do ano etc.

Explique que o calendário é uma ferramenta para medir o tempo, organizar eventos e marcar datas importantes.

História do Calendário (10 minutos): Apresente exemplos de calendários antigos, como o romano do qual o nosso calendário é derivado.

Mostre também o calendário gregoriano, que usamos atualmente.

Objetivo: Compreender a importância do calendário como ferramenta para registrar e organizar o tempo, relacionando-o à história e a organização cotidiana do estudante



Calendário chinês



O Cruzeiro do Sul para os tupis-guaranis



O professor pode adaptar a atividade, incluindo datas específicas da história local.
 Incentive a criatividade dos alunos na ilustração do calendário.
 Reforce a importância de valorizar a história da comunidade.
 Incentive os alunos a compartilhar suas experiências pessoais como datas importantes para eles e seus familiares relacionadas ao tempo. Isso enriquece a discussão em sala de aula.
 Para facilitar a impressão da atividade, caso o professor queira desenvolvê-la, segue um esboço:

Proponha aos alunos:

Passadas as primeiras semanas de aula, você já deve ter o horário semanal das suas aulas, não é mesmo? (Esperar a resposta)
 Com o horário em mãos, vamos, observar quantas aulas de História temos e pintar os horários da disciplina.
 Vamos preenchê-lo na tabela.

HORÁRIO	SEG	TER	QUA	QUI	SEX
1ª					
2ª					
3ª					
4ª					
5ª					

A convenção social que permite à maioria das sociedades organizar um horário semanal de atividades chama-se **CALENDÁRIO**.

O calendário é uma ferramenta importante para organizar o tempo e as atividades diárias. O calendário que usamos nos dias atuais, em que o ano começa em janeiro e termina em dezembro, foi instituído pelo papa gregório e adotado inicialmente pelo povo que habitava as regiões do Império Romano. Antes disso, o calendário romano que era utilizado, era um calendário lunar, com dez meses.



Atualmente a maioria das pessoas organiza sua rotina pelo calendário, organizam as atividades do dia pelo horário do relógio e tem sido assim desde o século XVIII. Mas não foi assim sempre. Neste território onde hoje é o município e o colégio, no século XVIII, as pessoas que aqui habitavam, ou passavam por aqui, (podiam ser nômades) provavelmente não sabiam da existência do relógio. Se por acaso o encontrassem no meio da mata que cobria a região, caído no chão, um relógio de bolso, talvez encoberto por folhas mortas e galhos secos, não teria ideia de como aquilo era utilizado e se perguntaria:

- Para que serve? O que eu posso fazer com isso?

O nativo dessa região no século XVIII, tinha outra forma de viver os dias que não estava relacionado ao horário do relógio.

Diferentemente dessa rotina do nativo não aculturado aos costumes europeus, tão livre do relógio, antes de estar no colégio hoje, é possível que você ou alguém responsável tenha se perguntado: “Que horas são?” E com base nessa pergunta, tenha organizado a rotina que permitiu que você estivesse aqui nesse momento.

Atividade:

1. Conte para a turma como é a sua rotina: que horas você sai da cama, toma café, chega na escola, enfim, faz as suas atividades durante um dia que você tem aula.

.....

2. Como você se sente a respeito dessa rotina? Justifique sua resposta.

.....

3. Em grupo de 4 alunos, criem um calendário do mês corrente. Devem incluir datas importantes (feriados, aniversários dos membros do grupo, atividades ligadas ao calendário do município ou do colégio e outros) marquem as datas com ilustrações relacionadas ao calendário que irão apresentar e ao contexto dessas comemorações.

Professor,

Algumas curiosidades podem ser destacadas com respeito ao calendário, como por exemplo:

Você sabia que os meses de julho e agosto foram incluídos no calendário posteriormente?

Inicialmente, o ano tinha 10 meses, por isso setembro vem de sete, outubro de oito, novembro é derivado de nove e dezembro deriva da palavra dez.

Se considerar interessante, peça aos alunos que pesquisem como aconteceu a inclusão dos meses julho e agosto.

Segunda aula: Perceber a passagem do tempo através das fotografias

Professor, esta aula foi inspirada na atividade 2 (p. 71) da dissertação de Solimara Aparecida Tertuliano (2022): Ensino de História e fotografia: uma proposta de estudo das transformações das paisagens urbanas para os anos iniciais, cujo objetivo é: exercitar o trabalho de análise comparada.

Justificativa:

As fotografias capturam momentos únicos, congelando instantes que, de outra forma, se perderiam na memória. Cada imagem conta uma história, revela mudanças sutis e marcantes, e nos permite refletir sobre o passado. Observar uma série de fotografias ao longo dos anos pode nos mostrar a evolução de pessoas, lugares e costumes. Podemos ver como crianças se transformam em adultos, como paisagens mudam com as estações, e como a moda e a tecnologia avançam com o tempo. Além disso, as fotografias nos conectam emocionalmente com momentos importantes de nossas vidas. Elas têm o poder de evocar sentimentos de nostalgia, alegria, saudade e até mesmo tristeza. Ao folhear um álbum de fotos antigas, podemos reviver experiências, reencontrar rostos queridos e relembrar histórias que moldaram quem somos.

Em suma, a fotografia é uma ferramenta poderosa para perceber e apreciar a passagem do tempo. Ela nos oferece uma janela para o passado, nos ajuda a valorizar o presente e nos inspira a sonhar com o futuro.

Com a atividade, objetivei analisar as mudanças nos usos e costumes por meio de imagens locais e retratos de pessoas.

Duração: 1 aula (aproximadamente 50 minutos)

Atividades:

- 1.Introdução (10 minutos): Discussão em grupo: “Como a tecnologia tem impactado nossa vida cotidiana?”, apresentação breve sobre a evolução tecnológica e sua relação com a cultura.
- 2.Evolução Tecnológica e Cultural (15 minutos): Exibição de imagens antigas (fotos, pinturas, gravuras) que retratam a vida cotidiana em diferentes épocas. Discussão: O que podemos aprender sobre os usos, costumes e tecnologia desses períodos?
- 3.Análise de Fotos Locais (15 minutos): Peça aos alunos para trazerem fotos antigas de suas famílias ou da comunidade local. Comparem essas fotos com imagens atuais do mesmo local. Discussão em grupo: Quais mudanças são evidentes? Como a tecnologia influenciou essas transformações?

Como exemplo para esta atividade segue uma fotografia retirada da minha dissertação. A proposta visa o uso de adesivos (ou *post-it*) de cores diferentes para pensarmos nas diferentes paisagens reconhecidas na fotografia. Para elementos de longa duração utilizaremos a cor vermelha; para média duração a cor amarela; e para a curta duração, a cor verde.

Percebamos o conceito de durações do tempo, aqui inspirados em Schmidt e Cainelli (2004, p. 07) “a compreensão dessas durações constitui parte do processo de assimilação das durações da realidade social e contribui para o entendimento da duração de acontecimentos históricos, de movimentos sociais e de guerras, por exemplo”,

Essa atividade pode ser adaptada a partir daquilo que alunos(as) e professor(a) definirem juntos. Por exemplo, podemos estabelecer que a longa duração, cor vermelha, representará elementos naturais da paisagem, portanto, muito antigos como as árvores; a cor amarela, os elementos da média duração, como as primeiras construções; e a cor verde, para elementos da curta duração, representará tecnologias modernas, como aparelhos eletrônicos.

Outra possibilidade: a longa duração ser exemplo de coisas naturais; elemento da média duração ser tudo que identifique coisas da época dos avós, ou seja, com mais de meio século; finalmente, a curta duração ser representada por coisas que sejam contemporâneas com o momento atual, vivido pelos alunos.



Fonte: arquivo próprio

Com reconhecimento de elementos de longa duração (vermelho) árvore; de média duração (amarelo) a rede elétrica; de curta duração (verde) o brinquedo e as roupas no varal. Assim, um mesmo local, com fotografias de épocas diferentes poderiam oferecer a oportunidade para um comparativo entre essas durações, e com isso proporcionar um estudo de temporalidade.

Agora é a sua vez! Use desta metodologia para produzirem estudo de fotografias, e junto com os alunos estude as temporalidades da história de seu município.

3. Debata sobre como a tecnologia afeta a forma como nos comunicamos, trabalhamos, transportamos e vivemos. (10 minutos)

Reflexão: Quais são os benefícios e desafios dessa transformação em nossas vidas?

4. Atividade Prática (10 minutos): Os alunos podem tirar fotos com seus celulares de objetos que estão em desuso ou que estão sendo substituídos por outro. Discuta como a tecnologia atual permite capturar momentos instantaneamente e compartilhá-los com o mundo.

Conclusão: Recapitulação oral ou um texto individual sobre as principais mudanças culturais e a importância de preservar nossa história por meio de imagens.

Abaixo, algumas imagens que demonstram a mudança da tecnologia e transformação da vida cotidiana através desta transformação, bem como essas imagens podem servir para iniciar um diálogo e interação entre idosos, adultos e adolescentes.

Figura 1: Lamparina



https://d1o6h00a1h5k7q.cloudfront.net/imagens/img_g/6351/2792455.jpgo

Figura 2: Lanterna



fonte: imagem da Internet

Figura 3: Lâmpada



fonte: imagem da Internet

Figura 4 : charrete



Figura 5: ônibus



fonte: imagem da Internet

Figura 6 : cmoça chamando aplicativo de mobilidade urbana



fonte: imagem da Internet

Para facilitar a comunicação com a família, elaborei aqui o comunicado para os familiares com o pedido de fotos antigas que pode ser editado trocando datas, nomes e formas de contato e acrescentar o cabeçalho de sua escola:

Projeto de História - Mudanças nas Paisagens e Costumes ao longo do século XXI

Prezados pais e responsáveis,

Comunicamos o início do nosso Plano de Aula de História, que abordará as mudanças nas paisagens e nos costumes ao longo do século XXI. Queremos envolvê-los nessa jornada histórica e contar com a colaboração de todos!

Objetivo do Projeto: Nosso objetivo é explorar como as paisagens urbanas e rurais, bem como os costumes e objetos do cotidiano, evoluíram ao longo das décadas. Para isso, contamos com a participação ativa de vocês.

Como vocês podem contribuir:

1. **Fotos Antigas:** Pedimos que compartilhem fotos antigas de suas famílias, especialmente aquelas que retratam cenas do cotidiano, como casas, ruas, praças, escolas e objetos domésticos. Essas imagens nos ajudarão a compreender as transformações que ocorreram em nosso município.
2. **Histórias e Anedotas:** Além das fotos, adoraríamos ouvir histórias e anedotas relacionadas a essas mudanças. Como era a vida cotidiana de seus avós? Quais objetos eram comuns na época? Suas memórias são valiosas para enriquecer nosso estudo.

Envio das Fotos: Para enviar as fotos, utilizem o número de WhatsApp da escola [inserir aqui o telefone para contato]. Garantimos que as imagens serão tratadas com cuidado e respeito, preservando a privacidade de todos.

Contamos com a participação de cada família nesse projeto.

Matelândia, julho de 2023.

Atenciosamente, Equipe Escolar

Professora mestranda: Adriana Remor, Professora regente Tatiane S

Quarto Plano de aula: Meu Lugar

Metodologia: Representar o lugar através de desenhos

Conceitos: Lugar, espaço de vivência

Referências bibliográficas:

CAIMI, Flávia Eloisa. Meu lugar na história: de onde eu vejo o mundo. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Coord.). Explorando o Ensino: História - Volume 21. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010

Terceiro plano de aula: Meu lugar no mundo e meu grupo social

Unidade Temática: Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social

O objetivo que consta no planejamento é: “Conhecer e valorizar a cultura dos povos indígenas, africanos e europeus que formaram a população brasileira e do Estado do Paraná”.

Personalizando mais este planejamento, é possível adaptar esse objetivo para a realidade local, a realidade do Município com a sua dinâmica de movimento populacional, e de relações sociais, econômicas e culturais. Caimi (2010, p. 69) ao pesquisar os parâmetros curriculares nacionais, (PCNs), constata que, “na proposta dos PCN, os estudos de história local constituem o ponto de partida da aprendizagem histórica, uma vez que permitem a abordagem dos contextos mais próximos em que se inserem as relações sociais”.

Ao contemplar questões de identificação de territórios e representação de espaços, estamos produzindo um ensino de história mais democrático porque ao ouvir o nome de seu bairro e falar sobre ele, o estudante se sente representado e identifica o estudo como pensado para si. Estudar o lugar é uma forma de incentivo à construção de identidade dos sujeitos.

Plano de Aula: Observando e Descrevendo Nossa Vizinhança

Objetivo: Utilizar a observação direta, do mapa da cidade e o desenho para se familiarizar e descrever o ambiente do seu entorno

Duração: 2 aulas (50 minutos cada)

Recursos: Papel em branco, Lápis de cor, canetas ou lápis de escrever, Caderno, projetor multimídia com imagens do mapa da cidade.



4.1 Primeira aula: Observando e desenhando o entorno

Introdução (10 minutos): Apresente aos alunos o mapa da cidade, circule na figura, a localização das escolas, do colégio onde estudam. Aproxime a imagem destacando os diversos bairros, os pontos de encontro, lugares públicos etc.

Interrogue se eles reconhecem no mapa, a rua onde moram.

Pergunte aos alunos o que eles veem quando olham pela janela de casa.

Discuta a importância de observar o ambiente ao redor evidenciando como isso pode nos ajudar a entender sobre nossa cultura nos torna mais conscientes e informados sobre nosso entorno e também nos permite aproveitar as oportunidades de aprendizado e interação que surgem em nosso caminho.

Atividade escrita (25 minutos): Copiar e responder:

Como é o nome do bairro onde você mora? Por que ele tem esse nome? Quando e onde surgiram as primeiras casas do bairro? Existe algum espaço que você mais gosta de frequentar?

No seu bairro tem posto de saúde? Restaurante? Cabeleireiro? Creche Praças Outros lugares? Quais? Que atividades são realizadas nesses espaços? Quais desses serviços você considera mais importante para a população? Quais desses espaços você utiliza ou já utilizou anteriormente? Quais são os espaços mais frequentados do seu bairro? Com que finalidade ele é frequentado?

Observação e Desenho – atividade para casa (30 minutos): Peça aos alunos que se posicionem perto de uma porta ou janela com vista para a rua e a vizinhança.

Cada aluno deve observar atentamente o que vê: casas, prédios, árvores, ruas, pessoas etc. Em seguida, eles devem fazer um desenho detalhado da paisagem vista.

4.2 Segunda aula: apresentando o desenho e o bairro

Descrição (10 minutos): Na sala, os alunos escreverão o que observaram. Incentive-os a usar palavras que descrevam cores, formas, movimento, pessoas e suas atividades, sua rotina.

Compartilhando com a Turma (5 minutos para cada aluno): Cada aluno apresenta seu desenho e leitura da paisagem. Na sala, os trabalhos podem ser apresentados em uma sequência de Leste para Oeste ou vice-versa de acordo com o bairro de residência.

Após a apresentação oral, os desenhos são fixados em um cartaz com o mapa da cidade e seus bairros que a professora trará para a sala formando um único trabalho que será exposto na parede.

Os colegas podem fazer perguntas e comentários sobre as diferentes perspectivas.

Relação com a História Local (15 minutos): Converse com os alunos sobre como a vizinhança mudou ao longo do tempo. Pergunte se eles sabem sobre a história de construção das casas, a origem das ruas, eventos marcantes etc.

Avaliação: Os alunos serão avaliados pela participação na observação, pela qualidade do desenho e descrição escrita.

A capacidade de relacionar a paisagem com a história local também será considerada.

Observações: O professor pode adaptar a atividade para incluir fotografias ou imagens impressas de cenas que se passam no bairro, pedir que se atentem para locais públicos e para o comportamento das pessoas, seus hábitos e rotinas.

caso o desenho seja feito na sala, para inspirar os estudantes a descrever o seu lugar de residência, o bairro e os costumes, o professor pode acrescentar um fundo musical enquanto os estudantes desenhavam. Uma sugestão, é a música de Arlindo Cruz, Meu Lugar. Outra possibilidade é a música Vilarejo de Marisa Monte

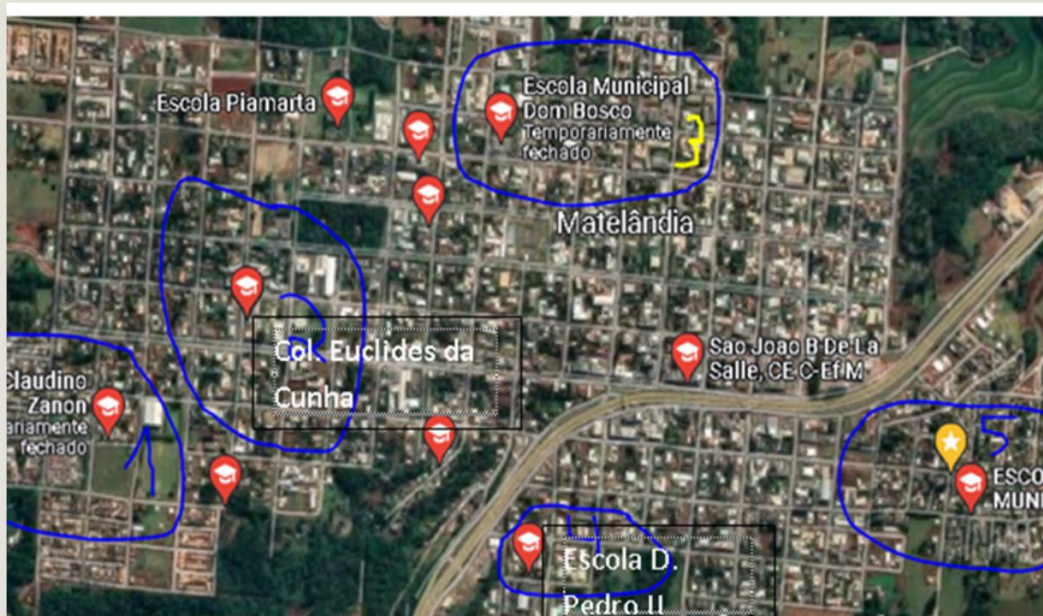
Para facilitar a impressão da atividade, caso o professor queira desenvolvê-la, com seus alunos, segue o esboço que elaborei quando trabalhei o tema com os alunos:

Agora veremos uma figura retirada do Google Maps, nela estão identificadas as escolas que vocês estudaram, caso tenha estudado o quinto ano em Matelândia em anos anteriores e o colégio Euclides da Cunha.

Percebam que cada escola está acompanhada de um número.

Ao observar a figura, vocês irão perceber a localização das diversas escolas municipais, a Rua Lerides Pagnocelli de Lima e o bairro onde vocês moram. Caso você more na área urbana, você consegue ter uma ideia sobre em qual parte da figura se localiza a sua casa?

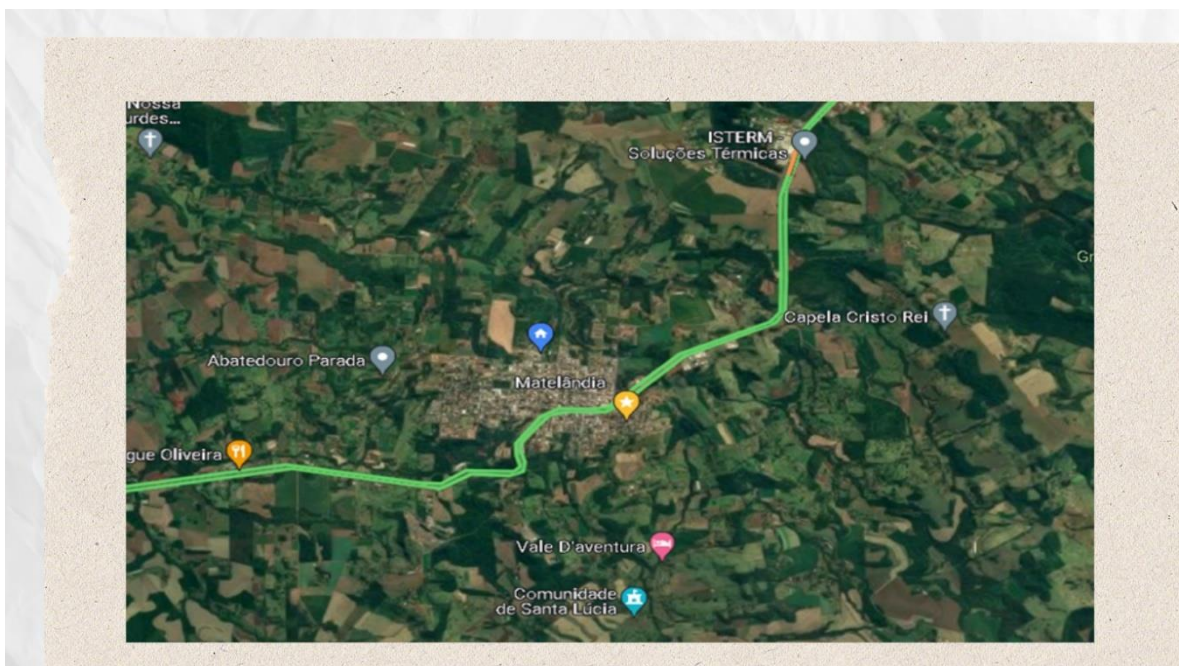
Quais locais que você frequenta ou por onde passou, que você consegue localizar na imagem?



À direita da figura (Leste), a Escola Vovô Cassiano no Bairro Vila Pazza, Na esquerda (Oeste), a escola Claudino Zanon no Bairro Vila Nova, a mais próxima ao colégio Euclides da Cunha, A Norte escola Municipal Dom Bosco, no alto da imagem, no Bairro jardim Tropical e por último ao centro na parte inferior da imagem (a Sul), a escola Dom Pedro II, no Bairro São Cristóvão.

Caso não more na área urbana, apresento o mapa do município de Matelândia, incluindo a área rural, percebam que a cidade é cortada pela Br 277, e ao distanciar um pouco a imagem, percebemos no interior do município alguns lugares de turismo religioso, como a imagem de Nossa Senhora de Lourdes e de turismo Rural, como o Vale d'Aventura na comunidade de Santa Lúcia e o pesque pague Oliveira, na Br 277 a Oeste no caminho para Medianeira.

Não estão contemplados nessa imagem, o distrito de Agro Cafeeira, que se localiza mais à direita da indústria de isolamento térmico e a vila de Marquesita, que fica a sul de Santa Lúcia. O motivo de essas comunidades não serem vistas na imagem, é porque os dois locais têm colégios Estaduais. Como já foi informado, o colégio Euclides da Cunha, é o único colégio Público da sede do município e os alunos que residem nesses locais, (Agro cafeeira e Marquesita) frequentam as aulas nas instituições de ensino ali localizadas.



Atividades:

Após analisarmos o mapa, vamos organizar o próximo trabalho que é apresentar o bairro onde vocês moram aos colegas.

Para essa atividade, vocês devem observar a paisagem ao redor de sua casa e desenhar o que avistam ao olhar para a rua, fora de casa. Logo abaixo do desenho, descrevam o que vocês estão vendo, a paisagem e, se possível, as cenas que frequentemente ou esporadicamente acontecem e que envolvem as pessoas de seu bairro.

Na descrição vocês tentarão descobrir:

1. Como é o nome do bairro onde você mora? Por que ele tem esse nome? Quando e onde surgiram as primeiras casas do bairro? Existe algum espaço que você mais gosta de frequentar?
1. No seu bairro tem posto de saúde? Restaurante? Cabeleireiro? Creche? Praças? Outros lugares? Quais? Que atividades são realizadas nesses espaços? Quais desses serviços você considera mais importante para a população? Quais desses espaços você utiliza ou já utilizou anteriormente? Quais são os espaços mais frequentados do seu bairro? Com que finalidade ele é frequentado?

Caro colega Professor,

Deixo as letras das músicas para que as conheçam e possam comentar com seus alunos caso assim desejarem.

Meu Lugar – Arlindo Cruz
 O meu lugar é caminho de Ogum e Iansã
 Lá tem samba até de manhã
 Uma ginga em cada andar
 O meu lugar
 É cercado de luta e suor
 Esperança num mundo melhor
 E cerveja pra comemorar
 O meu lugar
 Tem seus mitos e seres de luz
 É bem perto de Osvaldo Cruz
 Cascadura, Vaz Lobo e Irajá
 O meu lugar
 É sorriso é paz e prazer
 O seu nome é doce dizer
 Madureira, lá laiá
 Madureira, lá laiá
 O meu lugar é caminho de Ogum e Iansã
 Lá tem samba até de manhã
 Uma ginga em cada andar
 Esperança num mundo melhor
 E cerveja pra comemorar
 O meu lugar
 Tem seus mitos e seres de luz
 É bem perto de Osvaldo Cruz
 Cascadura, Vaz Lobo e Irajá
 O meu lugar
 É sorriso é paz e prazer
 O seu nome é doce dizer
 Madureira, lá laiá
 Ah lugar
 A saudade me faz lembrar
 Os amores que eu tive por lá
 É difícil esquecer
 Doce lugar
 Que é eterno no meu coração
 Que aos poetas traz inspiração

O meu lugar
 É cercado de luta e suor
 Esperança num mundo melhor
 E cerveja pra comemorar
 O meu lugar
 Tem seus mitos e seres de luz
 É bem perto de Osvaldo Cruz
 Cascadura, Vaz Lobo e Irajá
 O meu lugar
 É sorriso é paz e prazer
 O seu nome é doce dizer
 Madureira, lá laiá
 Madureira, lá laiá
 Ah lugar
 A saudade me faz lembrar
 Os amores que eu tive por lá
 É difícil esquecer
 Doce lugar
 Que é eterno no meu coração
 Que aos poetas traz inspiração

O meu lugar
 É cercado de luta e suor

Em Madureira
 E quem se habilita até pode chegar
 Tem jogo de lona, caipira e bilhar
 Buraco, sueca pro tempo passar
 Em Madureira
 E uma fezinha até posso fazer
 No grupo dezena, centena e milhar
 Pelos sete lados eu vou te cercar
 Em Madureira
 E lalalaiala laia la la ia



A metodologia da roda de conversa pode ser desenvolvida após qualquer atividade de História como complementação da atividade. No caso, eu fiz como atividade final dos trabalhos sobre História Local.

O professor reúne os alunos em uma grande roda e explica que é hora de fazer um balanço do ano letivo ou do assunto estudado e compartilhar experiências.

Entrevistas com os Alunos do 7º Ano:

O diálogo pode se iniciar fazendo uma retrospectiva das atividades feitas: “Lembram das entrevistas que fizemos com os alunos do sétimo ano? Eles nos contaram sobre a transição do quinto para o sexto ano. O que vocês aprenderam com essa entrevista?”

Sobre a atividade de desenhar o lugar de residência:

O que vocês aprenderam quando observaram o bairro e comentaram sobre ele?

Outra forma de explorar os conteúdos fazendo uma revisão e ainda assim desenvolver a roda de conversas é com a brincadeira da Caixa de Perguntas:

Perguntas:

o Cada aluno vai tirar uma pergunta da caixa e responder.”

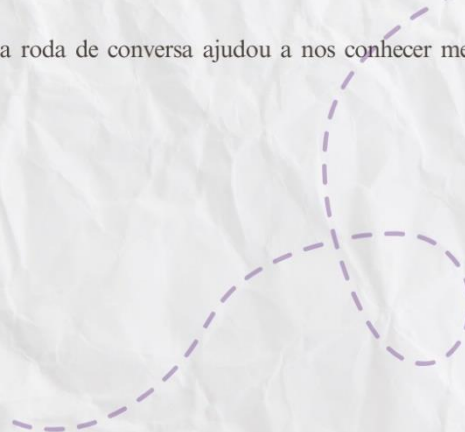
o sugestão de perguntas:

o “Qual foi o momento mais marcante deste ano para você?”

o “O que você aprendeu sobre si mesmo?”

3 .Encerramento

agradecer a todos pela participação. “Essa roda de conversa ajudou a nos conhecer melhor e a valorizar nossas experiências.



Deixo um trecho da música de Marisa Monte: Vilarejo - Um lugar utópico, mas que pode vir a existir, ou existiu em algum lugar no tempo e no espaço

Marisa Monte - Vilarejo

Há um vilarejo ali
 Onde areja um vento bom
 Na varanda, quem descansa
 Vê o horizonte deitar no chão
 Pra acalmar o coração
 Lá o mundo tem razão
 Terra de heróis, lares de mãe
 Paraíso se mudou para lá
 Por cima das casas, cal
 Frutos em qualquer quintal
 Peitos fartos, filhos fortes
 Sonho semeando o mundo real
 Toda gente cabe lá
 Palestina, Shangri-lá
 Vem andar e voa
 Vem andar e voa
 Vem andar e voa
 Lá o tempo espera
 Lá é primavera
 Portas e janelas ficam sempre abertas
 Pra sorte entrar
 Em todas as mesas, pão
 Flores enfeitando
 Os caminhos, os vestidos, os destinos
 E essa canção

Tem um verdadeiro amor
 Para quando você for
 Há um vilarejo ali
 Onde areja um vento bom
 Na varanda, quem descansa
 Vê o horizonte deitar no chão
 Pra acalmar o coração
 Lá o mundo tem razão
 Terra de heróis, lares de mãe
 Paraíso se mudou para lá
 Por cima das casas, cal
 Frutos em qualquer quintal
 Peitos fartos, filhos fortes
 Sonho semeando o mundo real
 Toda gente cabe lá
 Palestina, Shangri-lá
 Vem andar e voa
 Vem andar e voa
 Vem andar e voa
 Lá o tempo espera
 Lá é primavera
 Portas e janelas ficam sempre abertas
 Pra sorte entrar
 Em todas as mesas, pão
 Flores enfeitando
 Os caminhos, os vestidos, os destinos
 E essa canção

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAIMI, F. E. Meu lugar na história: de onde eu vejo o mundo. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Org.). **Explorando o Ensino: História** - Volume 21. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

CAINELLI, M. O que se ensina e o que se aprende em História. In: **Coleção Explorando o Ensino - História, Volume 21: Ensino Fundamental**. Coordenação Margarida Maria Dias de Oliveira (org.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010

ROUCHOU, J. Entrevista na História Oral e no Jornalismo. In: XXII Simpósio Nacional de História. João Pessoa, 2003. Disponível em: <http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.22/ANPUH.S22.359.pdf> Acesso em 05 mar. 2024.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BONINO, R. O Cruzeiro do Sul para os tupis-guaranis: **Revista Nova Escola** online. Disponível em: <https://box.novaescola.org.br/etapa/2/educacao-fundamental-1/caixa/268/muito-alem-do-cocar-leve-a-diversidade-indigena-aos-alunos/conteudo/20261>. Acesso em 12 jul. 2024.